SET

CINEMA & VÍDEO

EDITORA AZUL

156330001 - Ed. 34 - Ano IV - Nº 4 - Cr$ 170,00

MICHELLE PFEIFFER

A DEUSA TRANSLÚCIDA RETORNA EM *SUSIE E OS BAKER BOYS*

VÍDEO

ESPÍRITOS INDÔMITOS

O PRIMEIRO FILME DE

MARLON BRANDO

ENTREVISTA EXCLUSIVA

MATTHEW BRODERICK

O ASTRO DE *TEMPO DE GLÓRIA*

Isso é apenas um trail
de fazer com uma

1. As crianças resolveram dar um banho no Tarzã. Aí eu não tive dúvidas: peguei a Handycam, marquei data e hora no visor, apertei o "Rec" e deixei rodar.

2. O banheiro estava escuro. Ainda bem que a Handycam grava mesmo com baixa iluminação. Senão esse filme já tinha ido pro beleléu.

5. A cara do Tarzã estava demais. Aí eu dei um zoom nele. A imagem chegou tão perto que, mais um pouco, o Tarzã lambia a câmera.

6. Esta cena foi um deus-nos-acuda. Mas o microfone da Handycam é tão sensível que gravou tudo. Desde o barulho do jornal até o palavrão do Roberto.

A Sony Handycam é a primeira Camcorder 8mm do Brasil. Sua imagem é nitidamente superior a todas as outras, graças à tecnologia Sony e ao revolucionário sistema 8mm.

Ela é compacta, leve e grava até 2 horas. Todas as suas principais funções são automáticas: iluminação, foco, tracking e balanço de branco. A sensibilidade à luz é das mais altas, e a velocidade do obturador extremamente rápida. E você pode ligar direto na TV, sem transcodificação, pois é a única cujo sistema já é originalmente PAL-M.

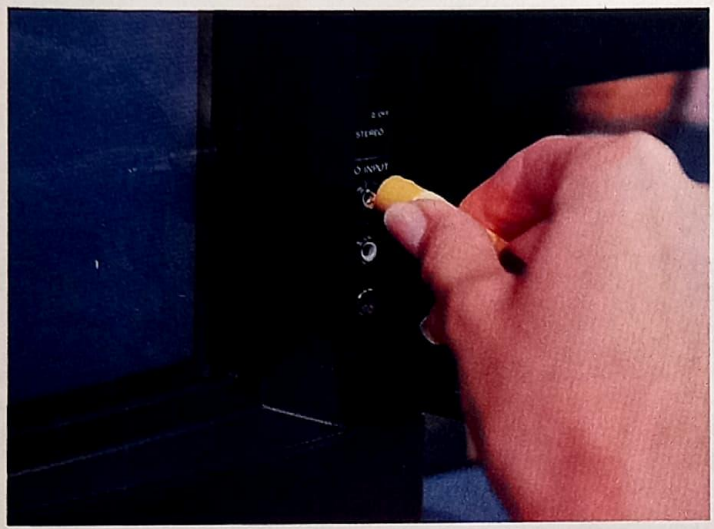
Sony Handycam. Já em cartaz, nas melhores casas do ramo.

er do que você é capaz Sony Handycam.

Laudenir Francisco Marcelino

3. O Tarzã saiu voando que nem louco pela casa. Mas a Handycam pegou tudo direitinho. Claro, pois ela grava muito bem objetos em velocidade.

4. Eu segui o Tarzã pela casa toda. Nem senti que estava com a Handycam na mão. Ela é tão leve. Até a minha filha poderia fazer este filme.



7. No final, foi só ligar a Handycam direto na TV.

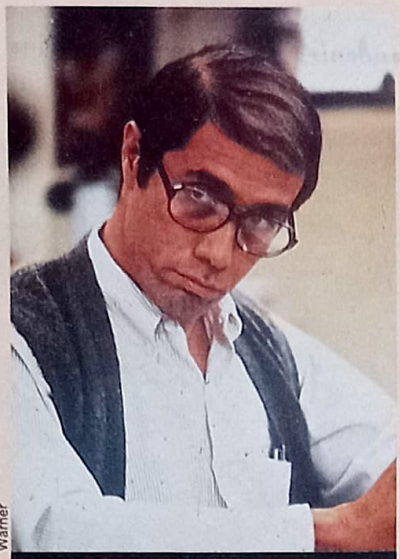
8. O Roberto disse que parecia filme de profissional. Mas a caçulinha não deixou por menos: ''É. Mas foi a mamãe quem fez, viu?''.

Produzida na Zona Franca de Manaus.

Handycam Video 8

SONY

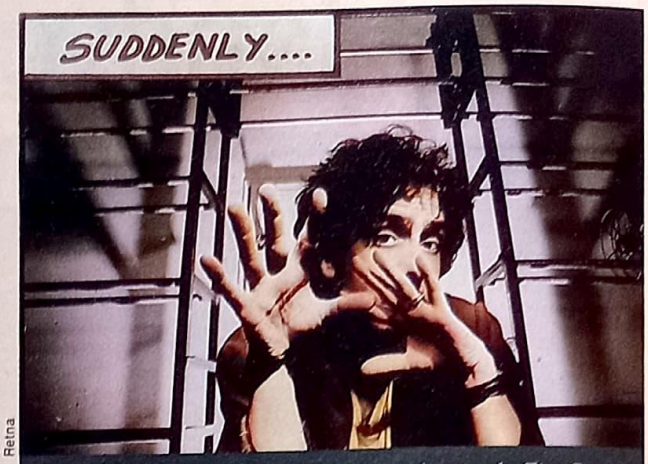
LIBERA SUA CRIATIVIDADE.


Warner

O padrinho hispânico James Olmos

A MÁFIA MEXICANA ESTÁ EM ALTA NOS EUA

O ator **Edward James Olmos** (de *Blade Runner* e *O Preço do Desafio*) atacará de diretor e protagonista em *American Me*.
O assunto não poderia ser mais oportuno para o ator mexicano — é a história da ascensão da Máfia de seu país nos Estados Unidos.



Reina

Mãos mecânicas e tesouras afiadas na direção de Tim Burton

BURTON TROCA HOMEM-MORCEGO POR HOMEM-TESOURA

Tim Burton, o diretor de *Batman*, está rodando *Edward Scissorhands*. Como sugere o título, trata-se da história de um jovem com mãos mecânicas em forma de tesoura. O roteiro foi escrito por Caroline Thompson e o elenco traz Johnny Depp, Diane Wiest e Winona Ryder.

A AMÉRICA DESCOBRE COLOMBO

Cristóvão Colombo, uma superprodução contando a vida do descobridor da América, já está em fase de preparação. Mas o filme só será lançado em 1992, para a comemoração dos quinhentos anos do grande evento. Os produtores são os irmãos Alexander e Ilya Salkind, os mesmos de *Superman, o filme*.

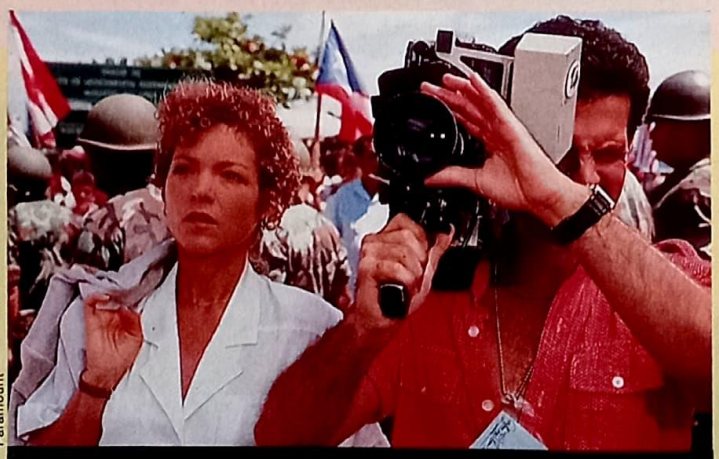
Colombo: filme para 1992

"O que é o cinema? Ainda não sei. Volte a me perguntar depois que eu fizer meu próximo filme."
Federico Fellini

Gaumont

BRUNO BARRETO MOSTRA FORÇA NOS EUA

A ex-senhora Spielberg, **Amy Irving**, é a repórter televisiva Kate Ryan Melendez, que passa maus bocados em Porto Rico no novo filme de Bruno Barreto, *Show of Force*. Trata-se de um *thriller* político sobre a morte misteriosa de dois jovens militantes de esquerda. O título do filme parece sugerir que Bruno Barreto quer testar com esta grande produção Paramount seu cacife no mercado internacional.


Paramount

Amy Irving, a estrela de Bruno Barreto para a entrada no mercado internacional

KEATON INFERNIZA VIDA DE MELANIE GRIFFITH

Melanie Griffith cai na besteira de sublocar seu apartamento para o estranhíssimo Michael Keaton, que torna a vida da moça um pesadelo kafkiano. O nome do filme é *Pacific Heights* e o diretor é John Schlesinger, de *Perdidos na Noite* e *Os Adoradores do Diabo*. Além deste filme e do drama *Mr. Jones* (ver nota), Keaton estrelará a comédia *The Postman*, antes de voltar a vestir a fantasia do homem-morcego em *Batman 2*.

Fox

Um pesadelo kafkiano para Melanie Griffith

BATMAN APAIXONA-SE PELA ANALISTA

Michael Keaton será um paciente que se apaixona por sua psiquiatra em *Mr. Jones*, drama a ser dirigido por Martin Ritt. Como se fosse uma epidemia, Nick Nolte também cai de amores pela analista em *Prince of Tides*, a ponto de abandonar a família por ela. Só que neste caso a doutora é ninguém menos que **Barbra Streisand**, que também dirige o filme, baseado em um best-seller de Pat Conroy.

Universal

Barbra como doutora e diretora

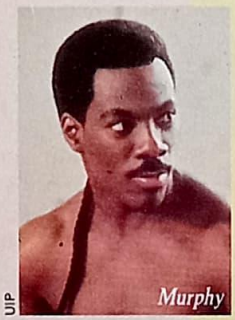
Insert

Isabelle é a adúltera romântica de Flaubert

MADAME BOVARY VIRA FILME DE CHABROL

O veterano da *nouvelle vague* Claude Chabrol vai adaptar às telas o clássico romance *Madame Bovary* de Gustave Flaubert. **Isabelle Huppert** será a adúltera romântica Emma. Carlos Bovary, o último a saber, será interpretado por Daniel Auteuil. **Richard Dreyfuss** é um homem de negócios que se apaixona pela empregada negra no *remake* da comédia francesa *Romuald et Juliette* que está sendo produzido nos EUA. Quem dirige é a própria realizadora do filme original, Coline Serrau, que aliás já teve outra comédia sua, *Três Homens e um Bebê*, refilmada na América por Leonard Nimoy (no Brasil, a refilmagem chamou-se *Três Solteirões e um Bebê*).

AGUARDE



UIP

Murphy

Eddie Murphy vai dirigir e estrelar uma cinebiografia do pioneiro do rock Little Richard.

O especialista em efeitos especiais **Richard Edlund**, ganhador de quatro Oscar da categoria, vai estrear na direção com *Solar Crisis*, superprodução financiada pelos japoneses.

O próximo filme do polonês **Andrzej Wajda**, *Dr. Korczack*, contará a história de um orfanato cujos ocupantes foram mandados ao campo de concentração de Auschwitz durante a Segunda Guerra.

Sipa-Press

Wajda

Stills

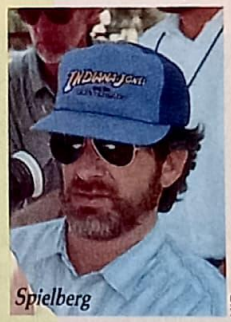
Kim

Steven Spielberg vai produzir para a TV americana um documentário baseado no best-seller científico *Uma Breve História do Tempo*, do físico Stephen Hawking.

A veterana *vamp* **Kim Novak** e o gandhiano **Ben Kingsley** atuam juntos em *The Children*.

Homicide, o novo filme de **David Mamet**, é uma trama intrincada em torno do terrorismo internacional.

Michelle Pfeiffer estrela *Love Field*, história de um romance inter-racial dirigida por **Jonathan Kaplan**.



UIP

Spielberg

UIP

De Niro

Robert De Niro deverá interpretar um cineasta colocado na lista negra no período do macarthismo. O nome do filme é *Season of Fear*.

Joel Schumacher, o diretor de *Garotos Perdidos*, lança *Flatliners*, com os jovens atores **Kiefer Sutherland**, **Julia Roberts**, **Kevin Bacon** e **Oliver Platt**.

Paramount

Sutherland

JACK NICHOLSON FAREJA PERFUME DE MULHER

Jack Nicholson é forte candidato a representar o papel que foi de Vittorio Gassman em *Perfume de Mulher*. O *remake* da comédia de Dino Risi será dirigido nos EUA por Martin Brest, o realizador de *Um Tira da Pesada* e *Fuga à Meia-Noite*.

Alvorada

Condor Filmes

Jack, como aparece em Ironweed, *e Vittorio Gassman, em cena do filme*

DEPOIS DOS DOORS, STONE VOLTA AO VIETNÃ

CIC

Jim Morrison e seu dublê, Val Kilmer (foto menor)

Val Kilmer, o vilão de *Top Gun* e herói de *Willow*, é agora o poeta do rock Jim Morrison no filme que Oliver Stone está realizando, *The Doors*. Como o próprio título indica, o filme conta a história do grupo liderado por Morrison. A produção tinha o título de *Riders on the Storm* (o nome de uma canção da banda). Mas engana-se quem pensa que Stone esqueceu o Vietnã. Ele pretende filmar em seguida *When Heaven and Earth Changed Places*, as memórias de uma vietcongue sobre sua participação na guerra e fuga para os EUA.

AS MÃOS DE CONRAD VEIDT

por Luiz Nazário

Ele foi o sonâmbulo César, de *O gabinete do dr. Caligari*, o enlouquecido Ivã, o Terrível, de *O gabinete das figuras de cera*, o monstruoso protagonista de *O homem que ri*... Sim, ele foi um dos maiores atores do mundo — talvez o melhor dentre eles: Conrad Veidt.

De uma família pobre, começou com aulas de representação pagas. Quando o dinheiro acabou, teve as outras dadas de graça, por um professor entusiasmado com o seu talento. Logo contratado por Max Reinhardt, tornou-se um dos mais requisitados atores do cinema alemão, passando depois a trabalhar no cinema americano, numa carreira que soma 104 filmes.

Dominando o espaço cênico com sua presença magnética, cuja energia se concentra sobretudo nos olhos azuis, nos cabelos negros e nas mãos longas, somente Conrad Veidt poderia interpretar *As mãos de Orlac* (24), de Robert Wiene. Neste filme, ele é um pianista que sofre um acidente de trem e perde as mãos. Numa cirurgia de emergência, transplantam nele as mãos de um criminoso. Ao saber disso, Orlac passa a odiar seus novos membros, sentindo por eles uma aversão que chega às raias da loucura. Dominado pela culpa, definha a olhos vistos. Não consegue mais tocar piano, deseja que suas mãos se afastem de si o mais possível, rejeita-as com a violência de um possesso. Para ele, naquelas mãos continua viva a vontade do crime. Coroando o tormento, assassinatos são cometidos à sua volta, e a polícia encontra as impressões digitais do criminoso morto. Arqueado, Orlac perambula em torno do piano como um fantasma que já não sabe se é ou não o autor de tantos delitos. Vive entre o sonho e a realidade até que tudo finalmente se esclarece: um crápula chantagista é quem cometia os assassinatos, com luvas que traziam a impressão digital do criminoso morto.

Aqui, como em todo filme expressionista, as mãos assumem o caráter de um símbolo: instrumentos da vontade que comanda o fazer, pelo qual o homem manifesta a sua humanidade (realizando um talento) ou a sua desumanidade (praticando um crime), elas são a expressão objetiva da personalidade e o objeto da expressão dos sentimentos — um signo material do "si mesmo". No filme de Wiene, as mãos do ator se dissociam de seu corpo para viver um papel à parte. Levando à perfeição o método do expressionismo, Conrad Veidt faz de seu corpo um instrumento total de expressão.

O ator Conrad Veidt e as mãos legendárias do expressionismo

NV-L26BR VHS

Finalmente, scanner de código de barras e controle remoto num só equipamento.

Agora, finalmente, você pode ter tudo. O Panasonic NV-L26BR oferece uma combinação de controle remoto infravermelho com 10 posições e scanner digital LCD utilizando código de barras para seleção instantânea para mais de 8 programas, possibilitando até um mês de diversão. Sem que você precise sair de sua poltrona. Você pode assistir a programação local no sistema Pal-M, gravações no sistema americano NTSC e ainda no Pal-europeu. E, graças ao Super Sistema de 4 cabeças e à variação de velocidades com o Double Super Fine Slow, você não perde nada. Ajuste digital de tracking, repetição automática e timer localizador também estão incluídos. Diversão de primeira classe na ponta dos seus dedos. O rápido e simples estilo Panasonic.

Avançado VCR com stereo hi-fi e controles automáticos para facilitar localização e edição de cenas.

NV-F70BR Hi-Fi STEREO VHS

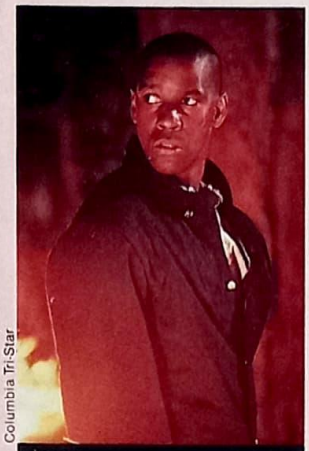
Panasonic

NEW TREND

À venda na Zona Franca de Manaus.

Paris

Conduzindo Miss Daisy *levou 4 das 9 indicações*


Columbia Tri-Star

Coadjuvante: Denzel Washington

Fox

Surpresa: Daniel Day Lewis como melhor ator em Meu Pé Esquerdo

Fox

Philippe Noiret e Marco Leonardi em cena de Cinema Paradiso, *o melhor filme estrangeiro*

KUROSAWA E PIADINHAS

De toda a tradicional discurseira triunfal pós-premiação reduzida a um máximo de 45 segundos individuais pelas medidas draconianas do produtor Gil Cates, na noite de 26 de março, o depoimento de Akira Kurosawa se destacou por sua pureza, humildade e poesia. "Estou profundamente honrado", disse Kurosawa, pronunciando as palavras mais dignas da cerimônia no Dorothy Chandler Pavillion, em Los Angeles. "Mas devo me perguntar se realmente mereço o prêmio. Porque acho que ainda não consigo compreender o que é o cinema. Ainda me falta dominar a verdadeira essência do cinema, coisa que é muito, muito difícil. Mas vou trabalhar com o maior afinco possível para fazer por merecer este prêmio".

Steven Spielberg e George Lucas, que entregaram o troféu a Kurosawa, pouco falaram de si próprios nos bastidores, preferindo louvar as qualidades do diretor japonês, um artista "com um senso gráfico e emotivo brilhante", como explicou George. Mas revelaram alguns de seus novos projetos: Spielberg abrirá em 1991 as portas de um cinema em Santa Monica, na Califórnia, destinado à exibição de filmes estrangeiros e clássicos do mundo inteiro. Além disso, Lucas e ele estão colaborando num novo filme, "mas é muito cedo ainda para falar alguma coisa sobre ele".

• Na montagem de cinco minutos que abriu o Oscar, foram mostradas cenas de 330 filmes. Entre as cenas de belas presenças femininas, apareceu Sonia Braga, num momento de *Dona Flor e seus dois Maridos*.

• De Oscar na mão, Denzel Washington anunciou oficialmente sua participação na montagem de *Ricardo III*, em Nova York.

• Além de completamente bêbado, Anton Furst, ganhador do prêmio de melhor direção de arte por *Batman*, estava muito constrangido. "Onde já se viu eu ganhar isso (o Oscar) no lugar de Jack (Nicholson) ou Tim (Burton)?"

• Nos bastidores, Jessica Tandy agradecia sua convocação para *Conduzindo Miss Daisy*. "Eles podiam ter escolhido alguém com mais experiência do que eu", disse Tandy, que acabara de completar 81 anos.

• Akira Kurosawa explicou a inspiração de seu novo filme, *Dreams*. "A idéia surgiu depois que eu li umas passagens de Dostoievski sobre sonhos. Nessas passagens ele falava que nossos desejos e medos mais íntimos moram nos sonhos, que nos sonhos o ser humano se expressava das formas mais incomuns. Quis saber o que era essa forma extraordinária de expressão, de onde ela vinha. Comecei a pensar sobre meus próprios sonhos: quando dormimos, estamos sob o poder de uma forma de expressão simples e sincera. Comecei a escrever num papel tudo que me lembrava de meus sonhos de infância. Continuei a escrever até ter uma série de episódios com oito de meus sonhos. Mais do que isso não posso dizer, sob o risco de revelar demais sobre o filme."

OS PREMIADOS

FILME: Conduzindo Miss Daisy • **DIRETOR**: *Oliver Stone* (Nascido em 4 de Julho) • **ATOR**: *Daniel Day Lewis* (Meu Pé Esquerdo) • **ATRIZ**: *Jessica Tandy* (Conduzindo Miss Daisy) • **ATOR COADJUVANTE**: *Denzel Washington* (Tempo de Glória) • **ATRIZ COADJUVANTE**: *Brenda Fricker* (Meu Pé Esquerdo) • **FILME ESTRANGEIRO**: Cinema Paradiso, *de Giuseppe Tornatore* • **ROTEIRO ORIGINAL**: *Tom Schulman* (Sociedade dos Poetas Mortos) • **ROTEIRO ADAPTADO**: *Alfred Uhry, baseado em sua peça* (Conduzindo Miss Daisy) • **MÚSICA**: *canção de Alan Menken, letra de Howard Ashman para* Under The Sea (A Pequena Sereia) • **TRILHA SONORA**: *Alan Menken* (A Pequena Sereia) • **FOTOGRAFIA**: *Freddie Francis* (Tempo de Glória) • **FIGURINO**: *Phyllis Dalton* (Henrique V) • **DIREÇÃO DE ARTE**: *Les Tomkins* (Batman) • **SOM**: *Russell Williams* (Tempo de Glória) • **EFEITOS ESPECIAIS**: *Laura Buff, Produtora; John Bruno, Supervisor; para Dream Quest Images, Hoyt Yeatman e Industrial Light & Magic* (O Segredo do Abismo) • **MAQUIAGEM**: *Manlio Rocchetti* (Conduzindo Miss Daisy) • **EDIÇÃO**: *David Brenner, Joe Hutshing* (Nascido em 4 de Julho) • **EFEITOS SONOROS**: *Ben Burtt e Richard Hymns* (Indiana Jones e a Última Cruzada) • **CURTA**: (Work Experience) • **CURTA DOCUMENTÁRIO**: (The Johnstown Flood) • **CURTA ANIMADO**: (Balance) • **OSCAR ESPECIAL PELO CONJUNTO DA OBRA**: *Akira Kurosawa*

Videocassete de Alta Qualidade Sistema Dual PAL-M/NTSC

HV-BR77

Video HQ VHS, o desempenho supremo

Super FX 4-HEAD e Programação horária na tela

MADE IN JAPAN

GARANTIA DE 1 ANO

O AIWA HV-BR77 com o Super Sistema FX 4-head exibe imagens mais nítidas e bonitas em câmara lenta variável de 1/6—1/30, e também captura cada exato momento em imagens congeladas durante a reprodução de quadro a quadro. Além disso, possui um timer com programação na tela para maior conveniência. Estes e outros avanços contribuem ainda mais para o que há de mais moderno em matéria de rendimento de vídeo.

Mecanismo PAL-M de circuito real

- Configuração de 4 cabeças
- Display na tela
- Sistema HQ
- Funcionamento totalmente automático
- Gravação instantânea
- Avanço de quadro/câmara lenta/imagem congelada sem interferências (SP/LP/EP)
- Sintonizador-sintetizador de freqüência
- Programação para 6 eventos/14 dias
- Contador de fita digital

À venda na Zona Franca de Manaus e Free-Shop do aeroportos do Rio de Janeiro e de São Paulo

SERVIÇO DE GARANTIA

VIDEOMARTE ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA. - Av.Marechal Henrique Lott, nº 120, Loja 103 ,Barra Shopping, Barra da Tijuca, Tel.: (021)325-1481, CEP 22600, Rio de Janeiro - RJ.
ELETRÔNICA PAL-M LTDA.(TECNOVIDEO) - Rua do Sumidouro, nº 305, Tel.: (011)813-6300, CEP 04528, São Paulo - SP.
VIDEOMATIC COMERCIAL ELETRÔNICA LTDA. - Rua General Polidoro, nº 177, Tel.: (021)295-3849, CEP 22280, Rio de Janeiro - RJ.
VIDEOTEC COMÉRCIO - C/REPRESENTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA. - SCRN, 704/705, Bl. H, Loja 9, Tel.: (061)274-9805, CEP 70000, Brasília - DF.
VIDEOTRON - Getúlio Araújo de Miranda - Rua Mundurucus, nº 114, Centro, Tel.:(092)233-2633, CEP 69003, Manaus - AM.
VIDEO CHECK SISTEMA ELETRÔNICO - Travessa 14 de Abril, nº 1.674, São Brás, CEP 66030, Belém - PA.
ELETRÔNICA HIGHTEC S/C LTDA. - Rua Pandia Calogeras, nº 139, Jardim Shangri-La, Zona A, CEP 86070, Londrina - PR.

Digital Audio & Video

AIWA®

"O cinema é uma arte de mulher, isto é, de atriz.
O trabalho do diretor consiste em
fazer mulheres bonitas fazerem coisas bonitas..."
François Truffaut

O branco dos olhos dela não é branco. É vermelho. Os lábios exatos de Michelle Pfeiffer são lábios fartos, que desabrocham quando amam. Ela poderia ser leve, como seus cabelos claros ou uma fantasia à toa. E também seria grave, irremediavelmente solitária, infeliz. Talvez ela sorria para convidar. Ou será para esquecer? Michelle se tornou estrela sem perder o mistério original da mulher. Tem o gosto de pecar sem abrir mão da inocência. Ela perdura, incomoda e enamora, dona daquela virtude estranha de ser vista, revista, contemplada e deixar a impressão de que manteve escondido o que tem de melhor. E rebrilha, mesmo em tempos em que a grande maioria dos roteiros não dedica bons papéis para grandes atrizes. Michelle é uma das poucas estrelas intensas, num período apinhado de grandes astros. Que paradoxo! As mulheres, mulheres como Michelle, sempre foram a razão de ser do cinema. Foi para possuir, compreender e reter a mulher que o homem inventou o cinema. Como tantas outras coisas. O cinema existe só porque existem neste mundo mulheres com os olhos vermelhos de Michelle Pfeiffer.

Sygma

4 TAKES
6 TEMPOS MODERNOS
12 EM CARTAZ
22 MATÉRIA DE CAPA
Michelle Pfeiffer
28 ENTREVISTA
Matthew Broderick
32 FESTIVAL DE BERLIM
43 FILMOTECA
44 AVANT-PREMIÈRE
Milou em Maio
46 MITOS
Peter Sellers
48 LIVROS
49 VÍDEO & EQUIPAMENTOS
70 CARTAS
73 FILMOGRAFIAS
74 NOSTALGIA

Na capa: Michelle Pfeiffer, Matthew Broderick e Marlon Brando

Fotos de capa: Sygma (Pfeiffer), UIP (Broderick) e Herbert Richers (Brando)

NÃO PERCA O SEU RUMO
VÁ DIRETO À:

VIDEO LESTE

Atendimento Vip
Entrega para todo Brasil via Sedex
Grande variedade de títulos
Condições especiais de pagamento
Pronta entrega

- ABRIL VÍDEO
- ALVORADA
- AMÉRICA
- CIC
- COLUMBIA
- HERBERT RICHERS
- TRANSVÍDEO
- GLOBO VÍDEO
- MGM
- TEC HOME
- WARNER HOME VÍDEO
- LOOK VÍDEO
- F.J. LUCAS

E MUITAS OUTRAS

Av. Conselheiro Carrão 2094 - São Paulo - Tel.: (011) 217-4989 • 941-3362 • 217-0871
Filiais: Santos - R. Frei Gaspar, 739 - Conj. 109 - CEP 11.310 - Fone: (0132) 68-1443 - São Vicente - SP
Curitiba - R. Joubert de Carvalho, 623 - CEP - CEP 87010 - Fone: (0442) 23-6242 - Maringá - PR
Rio de Janeiro - R. do Catete, 228 - Loja 224 - Fone; (021) 227-8845

Bons atores irlandeses evitam o melodrama

MEU PÉ ESQUERDO

de Jim Sheridan, com Daniel Day Lewis, Brenda Fricker ...

Considere a história: no seio de uma família paupérrima nasce uma criança deficiente. Os médicos virtualmente condenam o infeliz à morte prematura, precedida de breve existência vegetativa. A mãe, teimosa, recusa-se a aceitar essa possibilidade e cria o filho quase como qualquer um de seus outros sete. O menino, desafiando tudo e todos, não apenas aprende a falar, ler, escrever e contar como torna-se um artista plástico e um escritor — tendo como única parte funcional de seu corpo o pé esquerdo.

Nas mãos de um diretor descuidado, um roteirista esquemático ou simplesmente um grande estúdio ansioso por bilheterias se transformaria num desses exercícios melodramáticos de mundocão tão comuns, por exemplo, na TV americana (onde esse tipo de produção já tem até um apelido: "doença-da-semana"). Mas, porque este filme foi concebido, produzido e realizado na Irlanda, longe das pressões de Hollywood, e interpretado por um elenco seleto entre os melhores do teatro irlandês — um dos mais profícuos e energéticos do mundo —, a história verdadeira do irlandês Christy Brown, o deficiente físico que se tornou artista e escritor graças ao pé esquerdo, transformou-se num filme delicado, sensível, discreto e surpreendentemente engraçado — *Meu Pé Esquerdo*, candidato a cinco Oscars.

Escrito e dirigido por Jim Sheridan, um estreante na direção, *Meu Pé Esquerdo* recusa-se a explorar a morbidez da situação de Christy — nossa atenção é conduzida com tato para os meandros humanos da história, para o retrato íntimo da família Brown, pobre mas feroz, para os caminhos interiores da alma de Christy, aprisionada mas eloqüente. Daniel Day Lewis, como Christy, está espetacular, mas seria injusto não enfatizar igualmente todo o elenco, e em especial Brenda Fricker, candidata, com justiça, ao Oscar por seu papel como a mãe de Christy, teimosa operária de sua libertação.

Ana Maria Bahiana

My Left Foot, Inglaterra, 1989 ■ DIREÇÃO: Jim Sheridan ■ Com Daniel Day Lewis, Ray McAnally, Brenda Fricker, Ruth McCabe, Fiona Shaw, Eanna MacLiam ■ ROTEIRO: Shane Connaughton e Jim Sheridan, baseado no livro de Christy Brown ■ FOTOGRAFIA: Jack Conroy ■ MÚSICA: Elmer Bernstein ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Austen Spriggs ■ MONTAGEM: J. Patrick Duffner ■ PRODUÇÃO: Noel Pearson ■ DURAÇÃO: 98 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

Paris

Daniel Day Lewis: excelência dramática

Warner

Stallone e Russel, os rivais unidos

TANGO E CASH

com Sylvester Stallone

Pelo menos não vão chamar Stallone de mau-humorado. *Tango e Cash — Os Vingadores* repete as fórmulas marteladas *ad nauseam* em 90% dos filmes policiais de hoje em dia: a parceria "água e óleo" — impossíveis de se combinar — que vira uma dupla amiga até a morte, tirombaços a granel, barões da droga sem o menor escrúpulo, cenas de ação de tirar o fôlego. No entanto, em alguns dos momentos de maior impacto do filme, Stallone/Tango aproveita para sacanear alguns dos ícones que ele mesmo ajudou a erguer.

Ele retribui a gozação feita com ele por Schwarzenegger em *Twins* e — cáspite — goza o próprio Rambo — "Rambo é um maricas", diz o personagem Tango (Stallone).

Mas essa demonstração espirituosa é combustível insuficiente para iluminar *Tango e Cash*. No papel de tiras rivais unidos para provarem sua inocência diante de uma armação montada pelo traficante Perret (Jack Palance), Stallone e Kurt Russel (o Cash) tropeçam em diálogos infantis, saídos de um roteiro mal estruturado que deixa uma trilha de rombos pelo caminho (como Tango e Cash conseguem passear tranqüilos por Los Angeles depois de escaparem de uma penitenciária de alta segurança?)

José Emilio Rondeau

Tango & Cash, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Andrei Konchalovsky ■ Com Kurt Russel, Sylvester Stallone, Jack Palance, Teri Hatcher. M. Pollard ■ ROTEIRO: Randy Feldman ■ FOTOGRAFIA: Donald E. Thorin ■ MÚSICA: Harold Faltermeyer ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: J. Michael Riva ■ PRODUÇÃO: Jon Peters e Peter Guber ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇAO: 107 min

Sucesso surpreendente de um drama delicado

CONDUZINDO MISS DAISY

de Bruce Beresford, com Jessica Tandy, Morgan Freeman...

O filme que praticamente despontou do nada para se tornar um campeão das listas de críticos e um favorito para os Oscar surgiu por acaso, no início dos anos 80, quando dois amigos perguntaram ao escritor e crítico teatral Alfred Uhry o que ele achava de um texto que eles tinham acabado de comprar e pensavam montar num teatro *off*-Broadway.

"É bem escrito", disse Uhry. "Mas não é a verdade. Esses personagens nunca existiram na vida real."

Para mostrar aos amigos como era a "vida real" no Sul dos Estados Unidos, nos anos 50 e 60, quando a luta pelos direitos civis transformava a região no campo de batalha de uma não declarada guerra civil, Uhry escreveu a sua versão dos fatos: a história de sua avó, Lena Fox, e de seu chofer negro, Will Coleman. Com os nomes de Daisy Werthan e Hoke Colburn, eles se tornaram os protagonistas de um dos maiores sucessos *off*-Broadway da temporada de 1984/85, vencedores de diversos prêmios, inclusive o Pulitzer: *Conduzindo Miss Daisy*.

Com os direitos comprados por um casal de produtores novatos, reescrito pelo próprio Uhry, dirigido pelo australiano Bruce Beresford, estrelado por Jessica Tandy (Miss Daisy) e Morgan Freeman (Hoke) e produzido pela bagatela de 10 milhões de dólares, *Conduzindo Miss Daisy* repetiu nas telas o sucesso dos palcos, e disparou em mais uma arrancada de láureas.

Por quê? Porque é um filme delicado, de notável ourivesaria dramática, bem escrito como não se usa mais no cinema, com cenas longas e saborosas, um perfeito desenho de "pessoas reais". É um filme de câmara, um quarteto de cordas para uma velhinha judia, um chofer negro, um carro e um complexo panorama político e social que cisma em se infiltrar pelas brechas da vidinha sossegada da classe média de Atlanta.

O sentimentalismo, às vezes, chega bem perto — como na seqüência em que Daisy vai ouvir Martin Luther King discursar num jantar para a alta sociedade de Atlanta, e não sabe como oferecer um ingresso a Hoke sem ofendê-lo. Mas a força do texto, a direção precisa de Beresford e as espetaculares atuações de Tandy, Freeman e, até, Dan Aykroyd (como o ansioso filho de Daisy, Boolie) desviam o filme da rota óbvia do água-com-açúcar lacrimoso.

Ana Maria Bahiana

Driving Miss Daisy, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Bruce Beresford ■ Com Morgan Freeman, Jessica Tandy, Dan Aykroyd, Patti LuPone, Esther Rolle ■ ROTEIRO: Alfred Uhry, baseado em sua peça ■ FOTOGRAFIA: Peter James ■ MÚSICA: Hans Zimmer ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Bruno Rubeo ■ MONTAGEM: Mark Warner ■ PRODUÇÃO: Richard D. Zanuck e Lili Fini Zanuck ■ DURAÇÃO: 99 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris

Freeman e Jessica, chofer e senhora

Paris

Quando amizade é algo mais que amizade

HARRY E SALLY

de Rob Reiner, com Meg Ryan, Billy Cristal...

Em *Harry e Sally — Feitos um para o Outro* Rob Reiner filma os encontros e desencontros de dois personagens românticos e solitários que buscam no consolo mútuo uma forma de apagar a lembrança dos recentes fracassos amorosos.

A relação entre os dois inicia-se como a mais convencional das amizades. Pouco a pouco, contudo, os limites entre a amizade, o amor, o carinho e o desejo vão-se tornando cada vez mais estreitos e embaraçosos para o casal, que parece completamente descrente da possibilidade de uma nova paixão.

Como contraponto para essa dose de solidão, Reiner, numa tirada de fina ironia, insere ao longo do filme depoimentos de velhos casais. O resultado é muito divertido: enquanto Harry (Bill Cristal) e Sally (Meg Ryan) fogem como o diabo da cruz de um novo romance, os casais que passam pela tela procuram mostrar o matrimônio como uma forma ainda viável de união. O casamento, assim, ressurge como um fantasma a perseguir os solteiros.

Em *Harry e Sally — Feitos um para o Outro*, Reiner presta uma homenagem a Woody Allen, grande amigo de seu pai, o comediante e diretor Carl Reiner. Muito da poesia paisagista nova-iorquina, tão bem captada nas imagens de filmes como *Manhattan* e *Hannah e Suas Irmãs*, está presente nessa comédia romântica. Ecos de Allen também são ouvidos na espetacular trilha sonora, composta por clássicos como *It Had to be You*, interpretada por Frank Sinatra, e *Love Is Here to Stay*, na voz singularmente arranhada de Louis Armstrong.

Rob Reiner não é o melhor nem o mais criativo cineasta hollywoodiano. Seus filmes, no entanto, são os mais empáticos. *Conta Comigo* e *A Princesa Prometida* conquistaram não apenas o público mas também a crítica, que destacou nos dois longas-metragens a presença de um estilo marcado pela simplicidade narrativa e por facilitar ao máximo a identificação do público com a obra. Se você sabe o que é ter um amor e por ele quase morrer, dificilmente deixará de se envolver com a graça e o romantismo de *Harry e Sally — Feitos um para o Outro*.

Ricardo Cota

Meg Ryan e Billy Cristal: êxito cômico

Fox

When Harry Met Sally, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Rob Reiner ■ Com Billy Crystal, Meg Ryan, Carrie Fisher, Bruno Kirby, Steven Ford ■ ROTEIRO: Nora Ephron ■ FOTOGRAFIA: Barry Sonnenfeld ■ MÚSICA: vários compositores, adaptação e arranjo por Harry Connick Jr. e Marc Shaiman ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Jane Musky ■ PRODUÇÃO: Rob Reiner e Andrew Scheinman ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox ■ DURAÇÃO: 95 min

Lolita e Newman: doce calor

UIP

BLAZE

com Paul Newman

Depois do fabuloso sucesso norte-americano de *Sorte no Amor*, o roteirista/diretor Ron Shelton conseguiu realizar seu projeto mais adorado: um filme sobre o tórrido e escandaloso caso de amor mantido entre um antigo governador da Louisiana, o explosivo Earl Long, e uma dançarina de *strip-tease*, a Blaze Star que dá nome ao filme.

Com Paul Newman no papel do governador e a estreante Lolita Davidovich como Blaze, Shelton realizou um delicado misto de fantasia e reconstrução histórica, que relembra o caso para os que ouviram falar do escândalo nos anos 50 e, no processo, dá oportunidade de Newman brilhar em um de seus melhores desempenhos: há muito tempo Paul Newman não consegue um papel tão exuberante e idiossincrático quanto o de Long, um farrista liberal numa terra e numa época conservadora. Lolita não faz por menos, em nenhum momento se mostrando intimidada pelas dimensões históricas do roteiro ou pelo peso artístico de Newman: é doce e calorosa, numa estréia auspiciosa.

Apesar do final arrastado, *Blaze* é cativante.

José Emilio Rondeau

Blaze, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Ron Shelton ■ Com Paul Newman, Lolita Davidovich, Jerry Hardin, Gailard Sartain, Jeffrey DeMunn, Garland Bunting ■ ROTEIRO: Ron Shelton, baseado no livro *Blaze Starr: My Life as Told to Huey Perry*, de Blaze Starr e Huey Perry ■ FOTOGRAFIA: Haskell Wexler ■ MÚSICA: Bennie Wallace ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Armin Ganz ■ PRODUÇÃO: Gil Friesen e Dale Pollock ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP ■ DURAÇÃO: 116 min

Imovision

O bom frade Lambert Wilson

Capuchinho bondoso contra os rigores do frio

O INVERNO DE 54

de Denis Amar, com Lambert Wilson...

Em recente pesquisa, a revista francesa *L'Express* revelou que, na opinião dos franceses, o Abade Pierre é considerado um dos homens mais admirados no mundo. Ele foi o criador das comunidades de Emmaus, que assistem desabrigados em mais de 136 países do mundo, inclusive o Brasil, e o herói do inverno de 1954, um dos mais rigorosos da história francesa.

Religioso capuchinho eleito deputado pela região de Meurthe-et-Mouselle, Pierre, hoje com 78 anos, comandou com incomparável tenacidade um mutirão pela vida dos milhares de franceses que sofriam nas ruas o impacto de uma temperatura de trinta graus abaixo de zero.

Para obter sucesso, ele chegou a entrar em confronto com o governo de seu país, que, nove anos após o término da Segunda Guerra Mundial, preocupava-se mais com a recuperação econômica do debilitado parque industrial do que com as não menos necessárias conquistas sociais. O ponto alto da solidária campanha de Pierre foi atingido quando ele, por meio de uma estação de rádio, conclamou os ouvintes a apoiarem sua causa. Resultado: mais de 20 milhões de franceses responderam ao apelo, fornecendo roupas, alimentos e dinheiro para os desprotegidos.

O Inverno de 54 é uma reconstituição fiel dos fatos que marcaram a vida do Abade Pierre. O estilo beira o documental e encontra nas interpretações de Lambert Wilson (no papel de Abade Pierre), Robert Hirsch (premiado com o Cesar Francês) e Claudia Cardinale seu maior destaque.

Lançado, para efeito de publicidade, durante o inverno, o filme levou mais de dois milhões de espectadores aos cinemas da França, superando, surpreendentemente, a bilheteria de *Batman*. Além da popularidade de Pierre, o sucesso de público justifica-se pelo aspecto humanista de *O Inverno de 54*. Numa época em que a tônica cinematográfica tem sido o mais cruel individualismo, um filme que resgata a solidariedade e a esperança não deixa de ser cativante.

Ricardo Cota

Hiver 54, L'Abbé Pierre, França, 1989 ■ DIREÇÃO: Denis Amar ■ Com Lambert Wilson, Claudia Cardinale, Robert, Bernie Bonvoisin ■ ROTEIRO: Marie Devort e Denis Amar ■ FOTOGRAFIA: Girard de Battista ■ MÚSICA: Philippe Sarde ■ MONTAGEM: Jacques Witta ■ PRODUÇÃO: Christian Ardan ■ DURAÇÃO: 104 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Imovision

FLORES DE AÇO

com Shirley MacLaine

Se tivesse enfatizado os laços comuns que unem os seis personagens principais que dão título à história — e demonstrasse, assim, a poesia da união destas mulheres tão diferentes entre si, mas ligadas por laços de valentia e bravura que sobrepujam o machismo e a falta de horizontes da cidade onde moram —, o filme seria um triunfo. Como está — um lacrimoso dramalhão delimitado por uma doença incurável e uma morte cruel —, se adequaria mais a uma telenovela mexicana.

Nem o elenco de alto escalão salva *Flores de Aço*.

Esta é a história de cinco mulheres a partir dos encontros quase diários que mantêm no salão de beleza da sexta amiga, a cabeleireira vivida por Dolly Parton. No salão elas revistam continuadamente o inventário de suas vidas. Tudo que se passa fora do salão é no máximo alimento para as conversas íntimas das mulheres. Mas quando o filme descamba para o trágico exagerado, são ofuscadas algumas das poucas qualidades redentoras que tem: as falas apimentadas de MacLaine, a frieza carinhosa de Dukakis.

José Emilio Rondeau

Steel Magnolias, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Herbert Ross ■ Com Sally Field, Dolly Parton, Shirley MacLaine, Daryl Hannah, Olympia Dukakis, Julia Roberts, Kevin J. O'Connor, Sam Shepard ■ ROTEIRO: Robert Harling, baseado em sua peça *Steel Magnolias* ■ FOTOGRAFIA: John A. Alonzo ■ MÚSICA: Georges Delerue ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Gene Callahan e Edward Pisoni ■ PRODUÇÃO: Ray Stark ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star DURAÇÃO: 118 min

Três magnólias: Daryl, Olivia e Shirley

Columbia Tri-Star

Fox

Roy Scheider ao volante conduzindo a testemunha

UMA CRIANÇA POR TESTEMUNHA

com Roy Scheider

Não é filme de tribunal. *Cohen & Tate*, do título original, não são pais em briga na Justiça pela posse do garoto. E a criança-testemunha não odeia a mãe nem o pai. Não, não é nada disso. É pior. Cohen e Tate (Sheider e Baldwin) são assassinos paus-mandados que raptam Travis (Cross), testemunha ocular de alguma barbaridade mafiosa cometida no Texas. Para levar a criança, os dois praticam o holoçausto familiar, enfiam o coitado num carro velho e vão para a estrada. O diretor estreante Eric Red — que já teve bons créditos como roteirista de *A Morte Pede Carona* — fez também o roteiro deste *thriller* infantil. Infantil na violência excessiva, na condução e no desempenho dos atores — exceção feita a Roy Scheider. A tentativa frustrada do cineasta de "psicanalizar" os conflitos dos três personagens, com o garoto esforçando-se por dominar psicologicamente os bandidos, é uma ousadia pretensiosa e sem atrativos.

Dilson Gomes

Cohen and Tate, EUA, 1988 ■ DIREÇÃO: Eric Red ■ Com Roy Scheider, Adam Baldwin, Harley Cross, Cooper Huckabee, Suzanne Savoy ■ ROTEIRO: Eric Red ■ FOTOGRAFIA: Victor J. Kemper ■ MÚSICA: Bill Conti ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: David Haber ■ MONTAGEM: Edward Abroms ■ PRODUÇÃO: Antony Rufus Isaacs e Jeff Young ■ DURAÇÃO: 85 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

Cenas de sexo implícito abordam crise afetiva

ELAS ME QUEREM

de Doris Dörrie, com Griffin Dunne, Carey Lowell ...

Sexo não é novidade na filmografia da cineasta alemã Dorris Dörrie, tampouco a crise do papel masculino, que ela ironizou no inteligente e divertido *Homens*. No filme, um marido traído ia morar com o amante da mulher e montava uma elaborada estratégia para recuperar o seu status de macho número um do lar.

Em *Elas me Querem*, primeiro filme americano de Dorris Dörrie, a diretora vai mais fundo, ou melhor, mais pra baixo. Aqui ela expõe a relação sui generis entre Bert Uttanzie e um insólito companheiro: seu pênis. Griffin Dunne, de *Depois de Horas*, tem uma atuação hilariante como Bert. O argumento lembra um pouco *Como Fazer Carreira em Publicidade*, exibido na última Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, onde um executivo enlouquece com as ordens de um furúnculo. Mas aqui não há muito lugar para o questionamento social. A produção adota o escracho para mostrar a crise sexual e afetiva de um nova-iorquino classe média, que passa a ser guiado por seu órgão genital, que lhe "sugere" as melhores táticas para ganhar uma garota e subir na vida. A voz (Steven Marcus) de seu pênis, no entanto, é movida pelo princípio do prazer, o que leva Bert Uttanzie a se separar da mulher (Ellen Green, de *Talk Radio*) e morar na casa de um amigo, tentando encontrar paz para realizar um de seus projetos arquitetônicos. Mas "ele" causa problemas quando lhe sugere seduzir uma linda mulher (Carey Lowell), que será adversária do Bert no emprego, em uma biblioteca. O roteiro é baseado no livro *Io e Lui*, do italiano Alberto Moravia, e alguns diálogos são apimentados, mas as imagens nunca chegam ao explícito.

Observações sobre o pênis fazem o melhor da fita, como uma sobre o constrangimento em banheiros públicos, informando que "75% deles é menor do que a média". Mas Dorris Dörrie cede a adaptação da história para o gosto americano. Não deixa de ser o primeiro caso de pênis conformista que se sabe no cinema.

Cesar Garcia Lima

Me and Him, Alemanha, 1989 ■ DIREÇÃO: Doris Dörrie ■ Com Griffin Dunne, Ellen Greene, Steven Marcus, Craig T. Nelson, Kelly Bishop, Carey Lowell ■ ROTEIRO: Warren D. Leight, Michael Juncker e Doris Dörrie, baseado no romance *Io e Lui*, de Alberto Moravia ■ FOTOGRAFIA: Helge Weindler ■ MÚSICA: arranjos clássicos e populares por Nora York e Doug Purviance ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Suzanne Cavedon ■ PRODUÇÃO: Bernd Eichinger ■ DURAÇÃO: 90 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

Fox

Griffin Dunne deixa-se governar pelas partes íntimas

Fox

Para Begley Jr., elas (Meryl e Roseanne) são o diabo

Veia cômica de Meryl não salva o espetáculo

ELA É O DIABO

com Meryl Streep, Roseanne Barr, Ed Begley Jr. ...

O que poderia ter sido a grande surpresa da temporada — Meryl Streep fazendo comédia — e ao lado da desbundante Roseanne Barr — sob a batuta vivaz da diretora Susan Seidelman — acabou virando uma empreitada xoxa e decepcionante.

O que não significa que Streep esteja aquém de hilariante, ou que o filme tenha uma agilidade inferior à de *Procura-se Susan Desesperadamente*, o melhor filme de Seidelman. O problema crucial reside na forma como se combinam a veia cômica de Streep com o lado "atriz séria" da normalmente avacalhadíssima Barr: Meryl sobrepuja Roseanne com facilidade e impede que Barr sequer explore suas qualidades recém-descobertas.

Meryl é perfeitamente divertida como a escritora de romances açucarados que seduz Bob (Ed Begley Jr.), casado com a bonníssima mas feiosa e desajeitada Ruth (Barr). A personagem de Meryl — Mary Fisher — é pedante, cafona, medíocre. Ao contrário do que acontece com a maioria dos papéis anteriores de Streep, desta vez ela repele. Talvez pela primeira vez, o espectador torce para que no filme Meryl seja derrotada. E Meryl faz todo mundo rir à beça com a afetação de Fisher, dando vontade de ser vista novamente numa outra comédia.

O mesmo não pode ser dito de Roseanne, em seu primeiro papel na grande tela depois de muitos anos liderando a ala feminina de comediantes norte-americanas com um programa semanal de TV de grande popularidade nos Estados Unidos. Roseanne parece constantemente insegura dentro do papel, não sabendo se permite a si mesma se esbaldar no sadismo intrínseco do papel-título (a mulher-diabo que destrói a vida do ex-marido e da amante quando descobre a traição), ou se tenta utilizar meramente os atributos físicos seus e do personagem (muita gordura, bigode e verruga) para conquistar para Ruth a pena do público.

Como está, o filme nem descamba para o besteirol alucinado — um caminho que descontrairia Barr de uma vez por todas — nem assume os ares de suspense/quase terror da versão inglesa, feita para a televisão um ano antes.

José Emilio Rondeau

She-Devil, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Susan Seidelman ■ Com Meryl Streep, Roseanne Barr, Ed Begley Jr., Linda Hunt, Sylvia Miles ■ ROTEIRO: Barry Strugatz e Mark R. Burns, baseado no romance *The Life and Loves of a She-Devil*, de Fay Weldon ■ FOTOGRAFIA: Oliver Stapleton ■ MÚSICA: Howard Shore ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Santo Loquasto ■ MONTAGEM: Craig McKay ■ PRODUÇÃO: Jonathan Brett e Susan Seidelman ■ DURAÇÃO: 99 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox

CIDADE ZERO

de Karen Chakhnazarov

Varakine é um engenheiro moscovita que visita uma fábrica do interior. Alguns entrechoques surrealistas com a vidinha da cidade — como a secretária da empresa, que trabalha nua em pêlo sem que ninguém dê a mínima — acabam levando a um desfecho surpreendente: ele é acusado de estar envolvido com o suicídio de um cozinheiro e fica proibido de deixar o local. O surrealismo das situações é freqüentemente cômico, mas a asfixia crescente que o emparedamento burocrático construído à volta do personagem proporciona é óbvia demais, até para quem só está acostumado com cinema e não conhece Kafka.

O diretor Chakhnazarov é apenas correto. *Cidade Zero*, mesmo louvado no festival de Cannes e a despeito de alguns bons momentos (a história do casal que dançou rock'n'roll pela primeira vez na cidade e a visita ao museu de cera), não passa de uma alegoria bem-intencionada sobre o terror stalinista e sobre um pequeno peixe enredado na grande malha burocrática que a União Soviética urdiu na sua história recente.

Carlos Volpato

Gorod Zero, URSS, 1989 ■ DIREÇÃO: Karen Chakhnazarov ■ Com Leonid Filatov, Oleg Bassilachvili, Vladimir Menchov, Armene Djigarkhanian, Evgueni Evstigneev, Helene Arjanik ■ ROTEIRO: Alexandre Borodianski e Karen Chakhnazarov ■ FOTOGRAFIA: Nicolas Nemoviaev ■ MÚSICA: Edouard Artemiev ■ PRODUÇÃO: Mosfilm ■ DURAÇÃO: 102 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Pandora

Filatov diante da própria cabeça, em forma de bolo: surrealismo óbvio

Pandora

Palito e cigarro: poder de Natal (Milton Gonçalves)

Embrafilme

RENEGADOS PELA JUSTIÇA

com Kiefer Sutherland

Boas cenas de perseguição automobilística e dois dos principais expoentes da nova geração de atores de Hollywood não garantem necessariamente um bom filme. Não adianta, quando a história é ruim e mal contada não há cristão ou ator que a segure.

Buster (Kiefer) é um policial que, a pretexto de resgatar um companheiro, participa de um assalto com uma gangue. Por azar, a polícia dá o flagrante e os bandidos batem em retirada, escondendo-se num museu. Ali estão o índio Hank (Lou) e sua família depositando uma lança sagrada. O chefe da gangue rouba a lança, mata um irmão de Hank e dá no pé. O jovem índio caça Buster pelas ruas para que o ajude a recuperar a lança. Buster topa a empreitada para se limpar com a lei.

O ódio e a desconfiança, que a princípio unem os dois, vão se transformando em amizade. O clichê não incomoda tanto quanto a precária construção dos personagens: Kiefer parece perdido, e Lou lembra um Schwarzenegger jovem.

Walter de Silva

Renegades, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Jack Sholder ■Com Kiefer Sutherland, Lou Diamond Phillips, Jami Gertz, Rob Knepper, Bill Smitrovich ■ ROTEIRO: David Rich ■ FOTOGRAFIA: Phil Meheux ■ MÚSICA: Michael Kamen ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Carol Spier ■ PRODUÇÃO: David Madden ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner■ DURAÇÃO: 106 min

Lou Diamond convence Kiefer Sutherland a ajudá-lo no resgate da lança sagrada

Warner

A voz do morro, do samba e da contravenção

NATAL DA PORTELA

de Paulo Cesar Saraceni, com Milton Gonçalves ...

Paulo Cesar Saraceni, um dos pioneiros do Cinema Novo, volta após oito anos da realização de *Ao Sul do Meu Corpo*, seu penúltimo filme, com uma história do samba carioca. O personagem central, Natal da Portela (também título do filme), tem a dimensão de uma figura folclórica.

Natalino José do Nascimento, nascido em Queluz (SP), em 1905, foi registrado no Rio aos 4 anos de idade. Ele e Paulo Benjamin de Oliveira (o Paulo da Portela), junto a outros bambas, fundaram em 1923 o bloco *Vai Como Pode*, embrião da Portela. Natal morreu em 1975 e foi tido como um dos bicheiros mais poderosos do Rio. Para a Portela, sua imensa paixão, ele destinou grande parte de sua fortuna ganha na contravenção. Isso ajudou a escola a ganhar 18 vezes na avenida — nenhuma outra levou tantos carnavais.

Natal da Portela não é apenas a biografia de um banqueiro do bicho. Dissociar a Portela de Natal é como separar o samba do morro. Essa foi a intenção de Saraceni: fazer um musical muito ligado ao samba, ou "bem Madureira" (bairro da Portela), nas palavras do diretor. Em primeiro plano está a música como força motriz da ação dos personagens. Milton Gonçalves interpreta Natal com maestria. Fiel ao temperamento do batuta, Milton mescla a prepotência típica de coronel à humanidade brejeira de um caboclo. Um cara violento de bom coração, amigo do samba e dos sambistas.

Paulo da Portela, que foi o grande compositor da escola, é outro personagem de bom quilate, interpretado pelo sambista Almir Guineto. É na voz e no violão de Almir que os contrapontos da narrativa ganham ginga e dengo. Os muitos sambas completam a bela fotografia do veterano Mario Carneiro.

Natal da Portela nasceu de uma co-produção com a França, teve recepção calorosa na Quinzena de Realizadores em Cannes, e o *Cahiers du Cinema* dedicou um longo comentário ao filme, considerando-o "necessário". *Natal* já tem distribuição garantida para a televisão em 36 países da Europa, Ásia e África.

Com algumas referências às boas chanchadas de outrora, este é mais um bom exemplar do cinema nacional destravado, um agradável filme sobre samba, carnaval e sonhos.

Walter de Silva

Natal da Portela, Brasil, 1989 ■ DIREÇAO: Paulo Cesar Saraceni ■ Com Milton Gonçalves, Almir Guineto, Zezé Motta, Adele Fátima, Grande Otelo, Ana Maria Nascimento Silva ■ ROTEIRO: Paulo Cesar Saraceni ■ FOTOGRAFIA: Mario Carneiro ■ MÚSICA: Sérgio Guilherme Saraceni ■ MONTAGEM: Jaqueline Roy ■ PRODUÇÃO: Sant'Anna Produtora Brasileira de Filmes S.A. ■ DURAÇÃO: 1h18min ■ DISTRIBUIÇÃO: Embrafilme

OBCECADO PARA MATAR

com Judd Nelson

Criado à imagem e semelhança do pai dominador para se tornar um tira exemplar, um jovem (Judd Nelson) fracassa e acaba sendo rejeitado pela academia de polícia. Para superar o insucesso, vinga-se dos policiais de Los Angeles, cometendo crimes consecutivos. A cargo de resolver o caso estão dois policiais: o novato Sam Dietz (Leo Rossi) e o veterano Bill Molloy (Robert Loggia).

Policial *dejà-vu* com pretensões psicológicas, *Obcecado para Matar* naufraga tanto pela obviedade da trama quanto pela canhestra direção assinada por William Lusting. Mesmo contando com a presença de atores conhecidos, como Judd Nelson (*O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas*) e Robert Loggia (indicado ao Oscar por *Fio da Suspeita*), não consegue fugir da caricatura.

Ricardo Cota

Relentless, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: William Lustig ■ Com Judd Nelson, Robert Loggia, Leo Rossi, Meg Foster, Patrick O'Bryan ■ ROTEIRO: "Jack T.D. Robinson" (Phil Alden Robinson) ■ FOTOGRAFIA: James Lemmo ■ MÚSICA: Jay Chattaway ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Gene Abel ■ PRODUÇÃO: Howard Smith ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 92 min

Warner

Nelson: psicopata de enfastiar a platéia

Interior brasileiro com sotaque de faroeste

MINAS, TEXAS

de Carlos Alberto Prates, com José Dumont...

Nada a ver com o existencial wenderiano Paris, Texas. O Texas evocado pelo mineiro Carlos Alberto Prates — ou melhor, Charles Stone — fica mesmo é em Minas Gerais. Nem tanto na paisagem, mas na rosa púrpura do imaginário de quem povoou essa paisagem interior com mocinhos e bandidos retirados das aventuras do faroeste da infância. Colonização cultural, antropofagia cultural: morros de Montes Claros podem dizer *yes*, pradarias texanas podem responder *uai*.

Minas Texas é um jogo poético de reminiscências e associações, uma brincadeira bem-humorada e um filme de linguagem original — marca do autor de *Cabaret Mineiro*. Nem fácil nem difícil, mas tão particular quanto, por exemplo, *Dublinenses*, de Joyce, ou *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

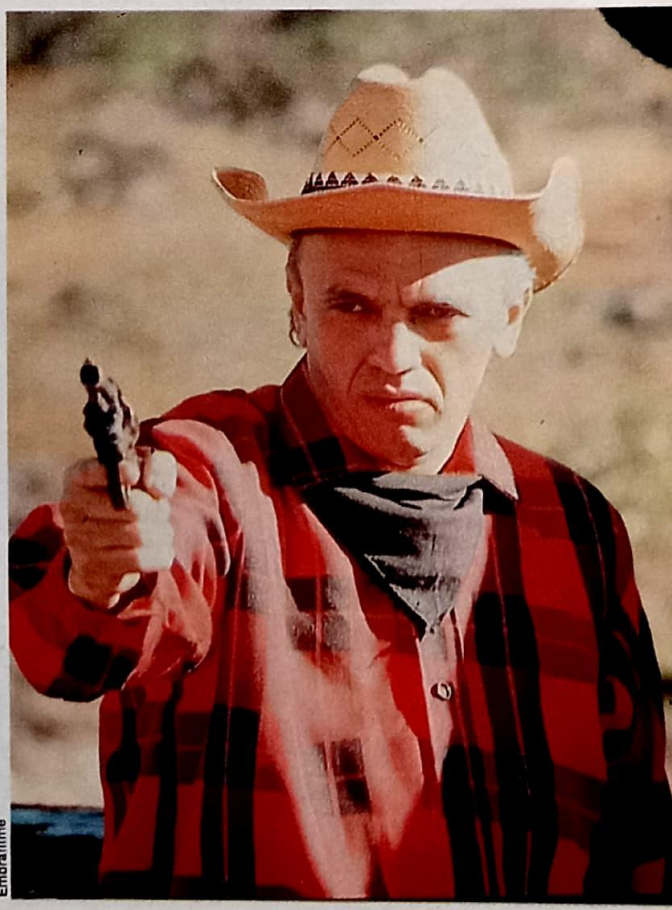
Tudo começa pelo banal triângulo amoroso, tensionado quando a mocinha Januária (Andrea Beltrão) prefere fugir atrás do bem-amado Roy (José Dumont), proibido de se casar com quem não ama. A fuga serve às suas ambições delimitáveis de felicidade pessoal e serve igualmente ao infinito da fantasia cinematográfica. Fronteiras entre um lado e outro nem sempre são inteiramente distinguíveis — e o prazer maior está reservado ao viajante que se encantar mais pela viagem do que pelo destino dela.

Pelo caminho tanto se pode cruzar com a silhueta de Johnny Guitar, de Nicholas Ray, e com duelos ao pôr-do-sol quanto com o humor peculiar e as histórias mineiras de sotaque intraduzível. Um sotaque que não está apenas nas falas, mas também nos silêncios, na paisagem, no ritmo, na trilha sonora excepcional de Tavinho Moura, que oferece acréscimos e complementos, como um co-autor. O que é dito e o que é cantado não se separam — *Minas Texas* é tudo junto.

Há alguns excessos que às vezes atropelam a fluência do ritmo, como um insistente fantasma de Macunaíma ou o demorado diálogo final. Nunca por culpa de José Dumont (em papel duplo e liberto da obrigatória raiz nordestina), de Álvaro Freire (um magnífico general Custer) ou de Andrea Beltrão, que ilumina até os momentos mais sombrios. Eles são poucos e nem chegarão a incomodar o espectador saturado do cardápio cinematográfico impessoalmente internacional.

Edmar Pereira

Minas, Texas, Brasil, 1989 ■ DIREÇÃO: Charles Stone ■ Com José Dumont, Andrea Beltrão, Tony Ramos, Saulo Laranjeiras, Wilson Grey, Elke Maravilha ■ ROTEIRO: Charles Stone ■ FOTOGRAFIA: Gilberto Otero ■ MÚSICA: Tavinho Moura ■ MONTAGEM: Ney Fernandes ■ PRODUÇÃO: Charles Stone ■ DURAÇÃO: 83 min ■ DISTRIBUIÇÃO: Embrafilme



Embrafilme

Raridade: José Dumont não é baiano, mas mineiro

KICKBOXER

com Van Damme

Jean-Claude Van Damme inaugura uma nova geração no gênero músculos e artes marciais da indústria cinematográfica. Depois do sucesso de *O Grande Dragão Branco*, acabou sendo considerado o sucessor legítimo de Bruce Lee.

A produção de *Kickboxer* é bastante elogiável. As exóticas tomadas na Tailândia e as representações do boxe local — uma modalidade curiosa que utiliza os pés e as mãos — são primorosas.

Van Damme tem de lutar com o imenso Tong Po, que aleijou seu irmão. O meticuloso preparo e aprendizado do herói por um mestre tailandês ocupa boa parte do relato. A humildade e disciplina do personagem de Van Damme, unidas a um romance com uma bela jovem, compõem um herói mais humano e aceitável, diferente das montanhas irracionais de músculos que costumam dominar o gênero.

O enredo simples de *Kickboxer* serve como suporte para as empolgantes cenas de combate, coreografadas pelo próprio Van Damme.

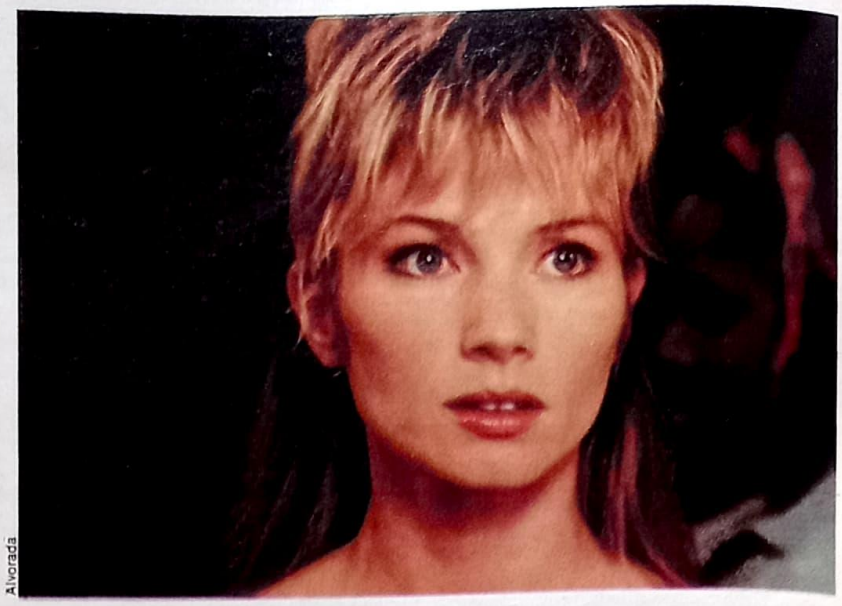
Walter de Silva

Kickboxer, Inglaterra, 1989 ■ DIREÇÃO: Mark DiSalle ■ Com Jean-Claude Van Damme, Denis Alexio, Dennis Chan, Tong Po, Haskell Anderson, Rochelle Ashana ■ ROTEIRO: Glenn Bruce, a partir de história de DiSalle e Van Damme ■ FOTOGRAFIA: Jon Kranhouse ■ MÚSICA: Paul Hertzog ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Shay Austin ■ MONTAGEM: Wayne Wahram ■ PRODUÇÃO: Mark DiSalle ■ DURAÇÃO: 105 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Flashstar

Jean-Claude Van Damme bom de bater, melhor de apanhar

Flashstar

Rebecca na recriação da criação da mulher



Alvorada

A volta de Eva, agora em nova embalagem

...E DEUS CRIOU A MULHER

de Roger Vadim, com Rebbeca De Mornay...

Inventor do mito sexual Brigitte Bardot: essa fama o francês Roger Vadim vai levar para o túmulo. Foi com o filme *E Deus Criou a Mulher* (1956) que Vadim projetou para o mundo inteiro aquele ciclone chamado BB, com o qual fez vários outros (*Vingança de Mulher*, 1958; *O Repouso do Guerreiro*, 1962; *Se Dom Juan Fosse Mulher*, 1973 etc.). Após diversas incursões no erotismo *soft* com suas novas esposas (Annette Stroyberg, Catherine Deneuve e Jane Fonda), nos anos 70 ele continuou sua carreira nos EUA, onde realizou esse segundo *E Deus...* Robin Shay (Rebecca De Mornay) foge de um presídio e pega carona na limusine de um figurão que a leva de volta às grades. O figurão é James Tiernan (Frank Langella, ex-Dráeula), candidato ao governo do Novo México com propostas de reforma penal. Para pegar logo a condicional, a prisioneira (aconselhada pelo político), casa-se com Billy (Vincent Spano). Mas nesse "acordo" não há sexo nem prendas domésticas, e o machista marido não se conforma. Sempre vigiada, ela tira fotos "felizes" com sua "família" para enganar a lei e monta uma banda de rock, estraçalhando no vocal. Acaba tendo um caso tórrido com seu protetor, o tal candidato que vê nela uma boa "garota-propaganda" de sua campanha.

Não um *remake* e sim a "reprise temática" atualizada do velho sucesso (segundo Vadim), o filme é bem menos provocativo que o anterior. Embora rotineiro e impessoal, mostra bastante ritmo em sua descompromissada estética *Emanuelle* e "videoclipeira" Rebecca tem um desempenho natural e é bastante atraente, especialmente nas seqüências em que aparece como Deus a criou. Vadim confessou ter feito o filme para tentar responder à questão "O que é exatamente uma mulher jovem, hoje?" Mas sua pregação de "modernidade" e "liberação" tem algo de perturbador. Afinal, pelo que se entende da trama, sua "nova" mulher *made in USA* é aquela que consegue ser um bom cabo eleitoral, usando os atributos dados pelo criador.

Antonio Querino Neto

And God Created Woman, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Roger Vadim ■ Com Rebecca De Mornay, Vincent Spano, Frank Langella, Donovan Leitch, Judith Chapman ■ ROTEIRO: R.J. Stewart ■ FOTOGRAFIA: Stephen M. Katz ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Victor Kempster ■ MÚSICA: Thomas Chase ■ PRODUÇÃO: George C. Braustein e Ron Hamady ■ DURAÇÃO: 94 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Alvorada

Agora você vai poder fazer cinema com uma mão só. E com o pé nas costas. Chegou MovieMaker, a camcorder 8 mm da Gradiente. Até uma criança pode filmar com ela. A MovieMaker só pesa 1,2 kg - menos da metade das tradicionais. E é totalmente automática. Microprocessadores ajustam desde o foco até as diferenças de cor, quando há mudanças de iluminação. É mesmo muita tecnologia para uma camcorder tão pequenininha. Na hora de reproduzir cenas gravadas, a MovieMaker pode ser ligada diretamente no seu televisor, pois já vem no sistema Pal-M. Mas, se preferir, você pode editar seus melhores momentos usando qualquer videocassete. Outros motivos de peso para você comprar uma MovieMaker: sistema 8 mm com fita compacta que permite até duas horas de gravação com excelente definição de imagem e som, zoom com aproximação de 6 vezes, gerador de caracteres para data e horário, função macro, 6 velocidades de obturador. Mais um pequeno detalhe: todas essas grandes qualidades contam com a garantia de assistência técnica da Gradiente. Quer mais outro bom motivo para ter uma MovieMaker? Com aquela mão que você não vai usar dá para dirigir aqueles atores incríveis que tem lá na sua casa.

A MovieMaker é leve e prática até na hora de transportar.

MovieMaker
gradiente

SE VOCÊ TINHA UMA IDÉIA NA CABEÇA, AGORA JÁ TEM A CÂMERA PRA SUA MÃO.

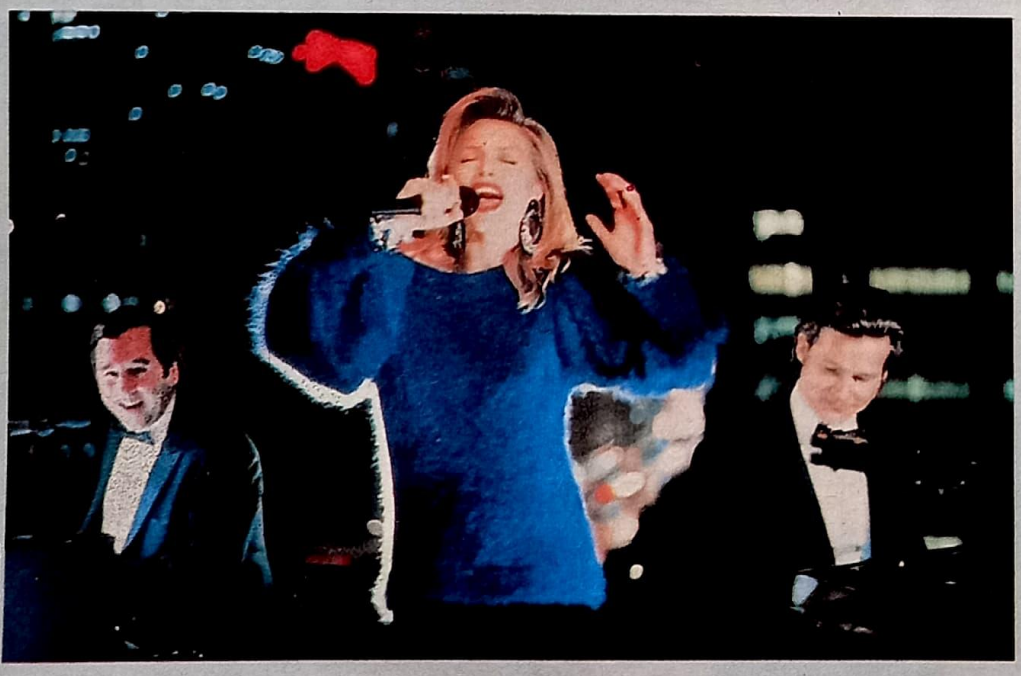
Produzido na Zona Franca de Manaus.

8 Movie 8
PAL-M

Em Susie e os Baker Boys *(ao lado e abaixo)*

BELA E LUMINOSA

Aos 33 anos, dona de olhos translúcidos, Michelle Pfeiffer recupera todo o mistério, a ambigüidade e a volúpia doentia e pálida das antigas stars de Hollywood



Fotos Art Filmes

Uma deusa dourada e meiga, com mais de trinta anos, ancorou em Hollywood disposta a assumir o panteão cobiçado das divas imortais. Com poucos filmes e já no limiar de seu estrelato, após brilhar em *Ligações Perigosas*, de Stephen Frears, em *De Caso com a Máfia*, de Jonathan Demme, e *Conspiração Tequila*, de Robert Towne, Michelle Pfeiffer parte para mais um êxito, sussurrando no microfone de um bar esfumaçado como a sensual cantora Susie Diamond. Seus olhos azuis estranhos e translúcidos estão nas capas das principais publicações de cinema do mundo. Olhos delicadamente amendoados, turvos, distantes um do outro e prestes a liberar uma lágrima. Ela foi qualificada pelos críticos aqui da terrinha (entre outros elogios) com expressões do tipo "essência não diluída da *California girl*" e "Grace Kelly *cool*", seja lá o que isso queira dizer. A revista *Harper's Bazzar* incluiu recentemente Michelle entre "as dez mais belas do mundo", e os franceses (ótimos captadores da sensualidade) não economizaram entusiasmo: numa

Sygma

das últimas edições da revista *Premiere* há simplesmente um "à la perfection" sob seu nome, ao lado de seu rosto luminoso.

Fitando na tela sua beleza evidente e natural, tanto quanto refinada e sem asperezas notáveis, não há macho que não se identifique com o assédio de Valmont, o sedutor aristocrata de *Ligações Perigosas*. "Eu acho a fama uma coisa estranha", afirmou Michelle numa entrevista, com seu jeito de coitadinha, como se não percebesse o furacão que provoca no sangue masculino. É que Hollywood tem a sua sofredora-mor (Meryl Streep), suas *blondies* de fogo (Kathleen Turner, Kim Basinger, Jessica Lange) e muitas ninfetinhas esquecíveis. Mas somente Michelle recupera certo mistério, certa ambigüidade e um pouco daquela volúpia doentia e pálida das antigas *stars*. Algo que ficou meio ausente nas últimas décadas. Mas nem todos vêem mistério nessa "madona esfomeada com marcas de cafungagem no nariz" (Paulo Francis). Dizem esses desmistificadores: ela não sabe representar e não "emana" nada. É apenas bonitinha. Será?

PUDOR E PUREZA — É que seu *sex-appeal* não é do tipo muito óbvio ou imediatamente decodificável. Não se detecta facilmente o que há por trás daquela voz frágil e langorosa. Uma sereia que muda de aspecto a cada filme, que nos puxa para o fundo de um oceano, mas que nunca se satisfará nem satisfaria ninguém. Sua estratégia de sedução inclui doses maciças de pudor e pureza, que o inconsciente masculino necessita tanto quanto necessita de pecado. É ao mesmo tempo "mulher-mãe" e "mulher-amante", seduz e é seduzida — dizem *experts* em sedução. Esconde as garras felinas sob um manto de timidez delicioso que acende qualquer mortal. Stephen Frears, o britânico entendido em choques raciais e no "amor que não ousa seu nome" e que brilhantemente provou que Pierre Ambroise Choderlos de Laclos (1741-1803), autor de *Ligações Perigosas*, é atualíssimo, acha que matou a charada simplesmente afirmando a *Vanity Fair*: "Ela tem um rosto tão maravilhosamente expressivo que pode ser comparada a Greta Garbo". Um tremendo exagero, diga-se de passagem.

"Sendo atriz, é muito difícil separar as coisas: você é você mesma, é claro; mas, por outro lado, você também é um produto", ela declarou ao *The New York Times* em 1989. E constata que críticas, sejam boas ou ruins, sempre tratam do "produto", não da pessoa. Em 29 de abril de 1957 nasceu Michelle Pfeiffer. Já a Michelle-produto debuta como uma das "nove entre dez estrelas" que se ensaboam com o milagroso Lux de luxo no famoso comercial. Garota criada ao sul de Los Angeles (Midway City e Orange County), tem um irmão, duas irmãs, e com seis anos já queria ser como as atrizes da TV. Na Fountain Valley High School participou de encenações teatrais e conheceu as drogas. Seu pai, que trabalhava no ramo de ar condicionado, incentivou-a bastante na carreira artística. Ambiciosa desde cedo, aos 14 anos foi ser vendedora de roupas num *shopping*. Aos 18, após vários

Cantando, entre os irmãos Baker (Beau e Jeff Bridges), em Susie e os Baker Boys *(1989)*

Art Filmes

The Fabulous Baker Boys, EUA, 1989 ■ DIREÇÃO: Steve Kloves ■ Com Jeff Bridges, Michelle Pfeiffer, Beau Bridges, Elie Raab, Jennifer Tilly ■ ROTEIRO: Steve Kloves ■ FOTOGRAFIA: Michael Balhaus ■ MÚSICA: Dave Grusin ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Jeffrey Townsend ■ MONTAGEM: William Steinkamp ■ PRODUÇÃO: Paula Weinstein e Mark Rosenberg ■ DURAÇÃO: 113 min. ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films

SUSIE E OS BAKER BOYS

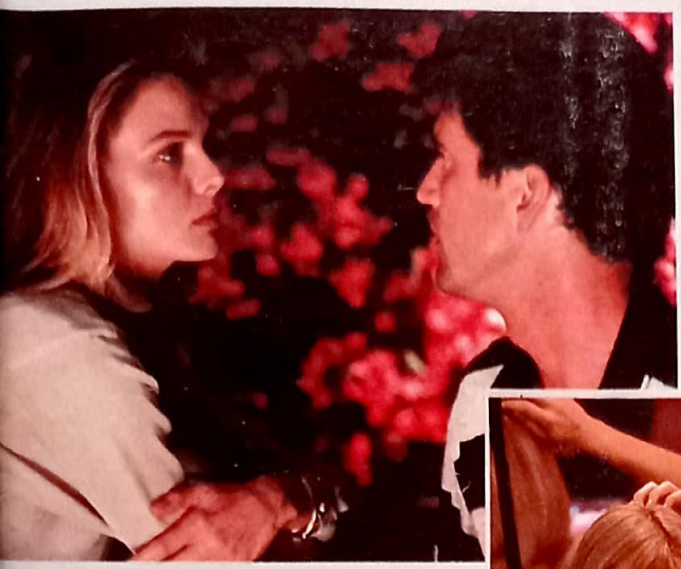
Os irmãos Baker — Jack e Frank (Jeff e Beau Bridges, respectivamente, irmãos na vida real) — tocam piano juntos desde que eram crianças. Ao longo dos anos, construíram uma carreira como dupla, apresentando-se nos pianos-bares de Seattle, no estado de Washington. Já na meia-idade, porém, as oportunidades para os "Fabulosos Irmãos Baker" não são tão generosas quanto nos tempos em que eram meninos-prodígio — com a velocidade da mudança dos gostos musicais, o que eles fazem hoje em dia é cafona e deslocado de sua época. Para agravar o quadro, Jack tem inspirações musicais muito diferentes — o negócio dele é jazz, e não o pop aveludado e sem substância que recheia os shows que faz com o irmão. E a clientela está reclamando alguma coisa diferente para animar o show da dupla: uma cantora, quem sabe. Inúmeras tentativas depois, aparece Susie Diamond (Michelle Pfeiffer), a receita involuntária para o fim da crise artística e, ao mesmo tempo, o estopim para a crise interna que eventualmente colocará em xeque a velha parceria.

Como Jack, Susie é amarga, cínica, sofrida: viu sonhos crescerem apenas para se espatifarem no chão. Essa afinidade os repele e os atrai. Susie funciona como catalisadora das mudanças que trazem nova força à carreira dos irmãos Baker — shows em lugares melhores, por um cachê mais generoso —, mas é ela quem ajuda a enterrar as possibilidades de sobrevivência da parceria dos irmãos.

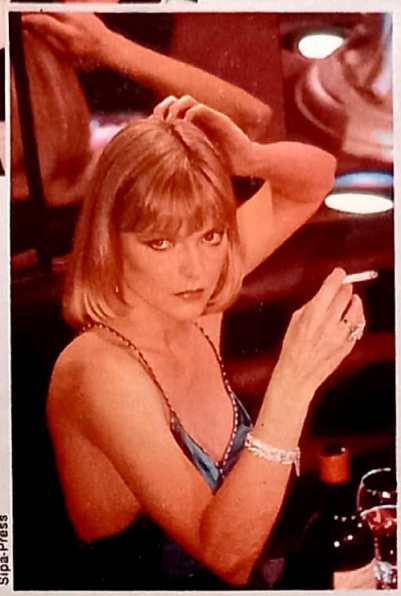
Os irmãos Bridges e Pfeiffer são apenas convincentes neste xaroposo drama que, curiosamente, rendeu a Michelle um atalho para o Oscar. A direção tornou os personagens unidimensionais, quase mecânicos, reduzindo as reações de Jack e Susie a duas: a cara de azia e a cara de desprezo.

José Emílio Rondeau

Warner



Mel Gibson e Michelle, dois vértices do triângulo amoroso de Conspiração Tequila *(1989), ao lado; abaixo, a mulher de bandido de* Scarface *(1983)*



Sipa-Press

Sipa-Press

empregos, virou balconista dos supermercados Von's. Foi quando disse a si mesma que seu objetivo era ser atriz. Mudou-se para Los Angeles e tomou aulas de interpretação. Não abrir mão dos sonhos — sempre foi seu lema.

Por sugestão de seu cabeleireiro, atuou como modelo publicitária e estreou no popular seriado de TV *A Ilha da Fantasia*, numa ponta insignificante. Daí para a série *Delta House*, em 1979, aos 20 anos, foi um pulo. Logo estava no cinema. Em 1980, atua como a exnamorada de Eliott Gould que reaparece nas lembranças do protagonista quando o casamento deste está indo para o brejo, no tolinho *Falling in Love Again*, de Steven Paul. Filmes do mesmo nível se seguiram: o policial enfadonho e "punk" *The Hollywood Knights*, de Floyd Mutrux (1980); *Charlie Shan Contra a Rainha Dragão* (1981), de Clive Donner, comediazinha com grande elenco e pouca inventividade; e o travoltiano e ruim *Grease II* (1982), de Patricia Birch, onde a pobrezinha Michelle, faz o papel de uma líder de gangue. Michelle só veio a ser notada mesmo no sanguinolento *Scarface* (1983), do perverso Brian De Palma, uma versão reconhecidamente menos inspirada que a original de Howard Hawks. Em seu primeiro grande papel, ela vive Elvira, a esposa do gângster Tony Montana (Al Pacino) e mergulha com o facínora num mar de cocaína. Apesar de seu aspecto magro, gélido, escorrido e de seus lábios assimétricos, ficou a imagem de uma encantadora musa do crime.

LINDA COITADINHA — Seu charme retorna em forma de águia no visionário e medievalesco *Ladyhawke, O Feitiço de Áquila* (1985), de Richard Donner; no cult *Um Romance Muito Perigoso* (1985), de John Landis, filme em que, no papel de Diana, tenta escapar dos mafiosos; no inteligente *Doce Liberdade* (1986), de Alan Alda, e na comédia em episódios *As Amazonas da Lua* (1987). Estrela discreta e frágil apesar de um pouco excêntrica, Michelle nunca gostou de fazer estardalhaço de sua vida afetiva. Sabe-se que em 1987, no auge de sua fama, divorciou-se do ator Peter Horton, após ficar casada com ele durante oito anos. Inicia um romance com Michael Keaton, o Batman; mas é o comentado *affair* com John Malkovitch, o feio aristocrata sedutor de *Ligações Perigosas* casado com a atriz Glenn Headley, que provoca maior baru-

Fox

A Ladyhawke de O Feitiço de Áquila *(1985), acima; a viúva de mafioso em* De Caso com a Máfia *(1988), ao lado; a maga seduzindo o diabo (Jack Nicholson) em* Bruxas de Eastwick *(1987)*

Warner

lho. Afinal, seria a *star* californiana apenas a linda coitadinha que clama por proteção à libido masculina do mundo inteiro? Triângulo nas telas (em *Ligações Perigosas*, *Tequila Sunrise* e *The Fabulous Baker Boys*) e triângulo na vida real, com Malkovitch e digníssima esposa. Ela, que atualmente vive com o ator Fisher Stevens, um rapaz de 24 anos que encontrou em Nova York, confessou ter "usufruído" bem a oportunidade de atuar com bonitões do tipo Mel Gibson, Kurt Russell e Jeff Bridges. O ex-James Bond sexagenário Sean Connery, com quem ela contracena em *Russia House* (1990), de Fred Schepisi, tornou-se seu amigo íntimo. "Ele é um grande, um enorme homem", desabafou.

Universal

Abaixo, a bela como é vista, cantante, em Grease II *(1982); e, ao lado, um banho de* Um Romance Muito Perigoso *(1985)*

Paramount

No endiabrado *As Bruxas de Eastwick* (1987), de George Miller, ela é Sukie, uma colunista de jornal que, ao lado das companheiras igualmente descasadas (Cher e Susan Sarandon), tentam esconjurar o demônio Nicholson que as conquistou, transformando a vida dele literalmente num inferno. "O que Deus tinha na cabeça quando inventou a mulher?", pergunta o perplexo Van Horne/Nicholson. "O que Hollywood tinha em mente quando engendrou essa tal de Michelle?", perguntamos nós. Nesse sabá pirotécnico, ela brilha serenamente ao lado de uma Cher e uma Sarandon não tão atraentes. E nas mãos de Jonathan Demme, não foi menos bem-sucedida. Como Angela, em *De Caso com a Máfia* (1988), é a viúva de um mafioso que vai para Nova York e tem um caso com um encanador (Matthew Modine), que é um agente do FBI disfarçado. E está à vontade na vibração paródica e multirracial do diretor do sapeca *Totalmente Selvagem*, mas jamais cai na selvageria segura da musa anterior de Demme, Melanie Griffith. Mantém o astral delicado e distante que a caracteriza e provoca arrepios reticentes. Não, Michelle nunca parecerá vulgar ou vadia. Nem mesmo no tempero extrabrega da América de Demme.

IDEAL FEMININO — Sua sina sempre foi estar perto do crime e da pérfida *white lady*, equilibrando a ignomínia do mundo com sua doçura. Em *Conspiração Tequila* (1988), de Robert Towne, ela é o pivô, a conexão entre o traficante Mel Gibson e o tira Kurt Russell, no papel de Jo Ann Vallenari, dona de um restaurante, que (dizem) nos anos 40 seria encarnado por Lauren Bacall. Bem que Towne tenta dar uma atmosfera *noir*, com a trama labiríntica e os personagens ambíguos. Mas tudo é apenas confuso. Salvam-se alguns diálogos bem lapidados e (obviamente) a vulnerável Michelle, produzidíssima, entre coquetéis da cor do crepúsculo de Los Angeles.

Apaixonada, em Ligações Perigosas *(1989), com John Malkovich*

Warner

Ela, objeto de dois desejos, cheia de dúvida e fragilidade, ofusca com o azul penetrante de seus olhos. Só resta assinar embaixo de uma fala de Kurt Russell: "Você é a coisa mais linda que já vi!"

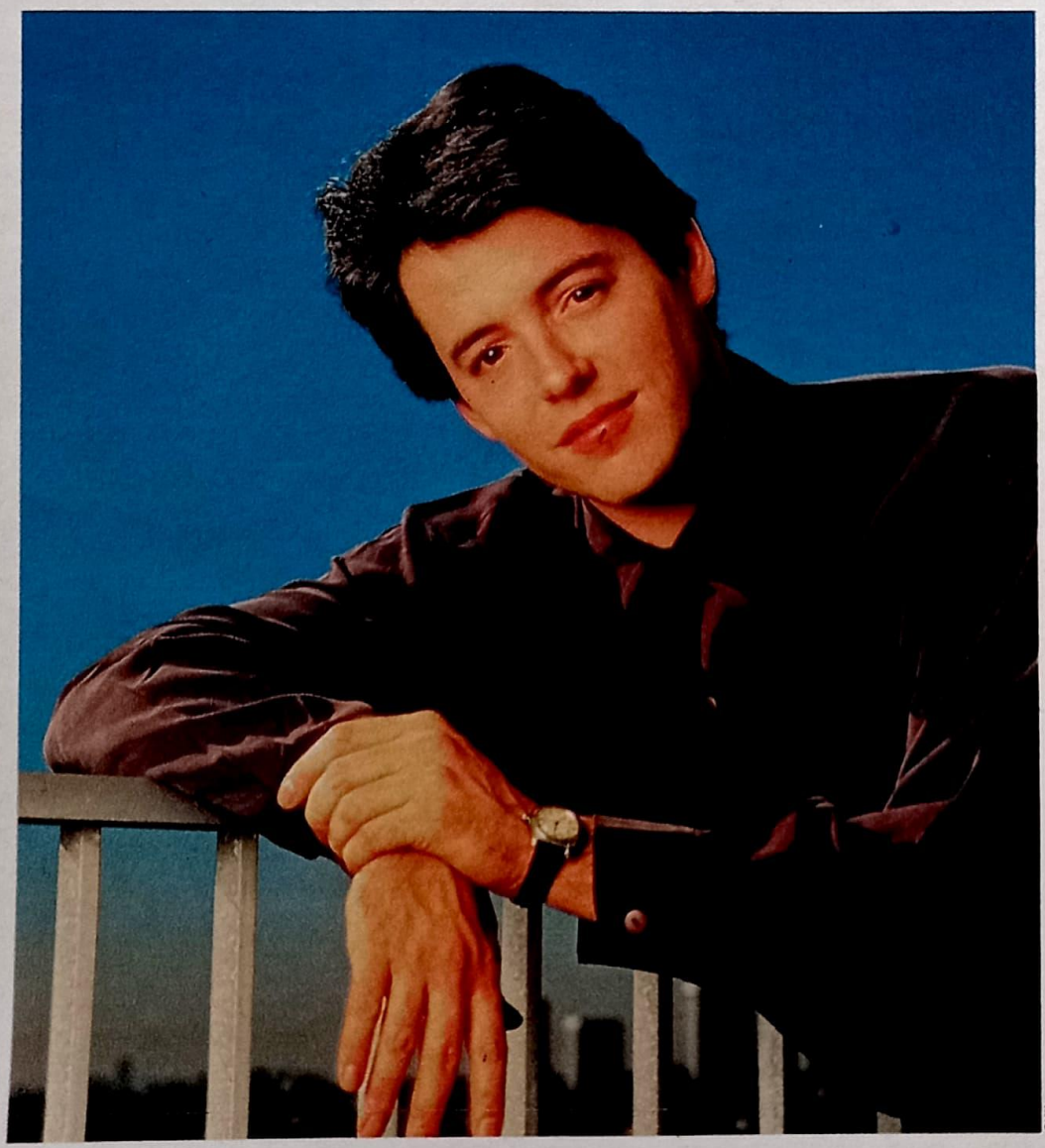
No papel da imaculada madame de Tourvel em *Ligações Perigosas* (1988), é usada pela marquesa de Merteuil (Glenn Close) e pelo visconde de Valmont (John Malkovitch) num cruel jogo de sedução. Michelle ficou esgotadíssima, chegando a passar doze horas por dia num opressivo espartilho. Stephen Frears realizou o filme em apenas dez semanas, por causa do orçamento e para passar a perna em Milos Forman, que filmava a mesma história. O produto final é irresistível. Como Tourvel, Michelle vai da recusa à paixão avassaladora pelo visconde e ao desespero por ter sido friamente chutada. Ela encarna a figura que mais sofre na intriga aristocrática, a antítese da megera vivida por Glenn Close, que, com sua "fúria uterina", usa os homens para se vingar das mulheres. Nesse brinquedo perigoso, Valmont, o conquistador, apaixona-se de verdade pela pura Tourvel e morre disso, dignamente. Pela primeira vez, ele tem dignidade. O espaço de seu poder-sedução está desmanchado pelo amor. Que outra dama poderia ter purificado tão bem sua alma? Em *Ligações Perigosas*, se Merteuil representa o feminino abominável — cruel e calculista como nenhum homem consegue ser —, Tourvel simboliza o ideal feminino virtuoso e límpido, que só gera amor. Nestes tempos sem ideal, que rosto, senão o de Michelle Pfeiffer, poderia representar tão bem esse papel?

Antonio Querino Neto

INTERVIEW
AD
UM CERTO ESTILO DE VIDA

MATTHEW BROD

Mais um ator deixa as hostes dos* brat-pack *para ingressar na maturidade. O passaporte de Broderick foi seu desempenho em* Tempo de Glória*, como um jovem comandante de um pelotão de negros



Stills

Na primeira vez que o rosto juvenil de Matthew Broderick desponta na tela, em *Tempo de Glória*, ele provoca risos na platéia. É quase um reflexo condicionado, nascido da breve e fulminante carreira do ator como o perpétuo moleque americano, o menino vagamente indisciplinado, aprontador e contestador, que nasceu para criar caso — na escola *(Curtindo a Vida Adoidado)*, no exército *(Metido em Encrencas)* e até nos mais altos escalões do poder *(Jogos de Guerra)*.

Com alguns segundos de filme, contudo, ninguém mais está sorrindo. Solene, tenso, quase angustiado, o coronel Robert Gould Shaw que Broderick está compondo em *Tempo de Glória* não é um moleque, mas um jovem adulto lançado no meio de uma situação quase impossível, que reclama cada fibra de sua coragem, visão e integridade moral. Broderick o interpreta com nuances até agora invisíveis em seus outros trabalhos — seu personagem fala pouco, e a gigantesca carga de responsabilidade sobre seus ombros (criar e comandar o primeiro batalhão de soldados negros do Exército americano, lutando contra o Sul escravagista na guerra civil) é passada quase inteiramente pelo gesto, o corpo, o olhar. Numa das cenas mais notáveis, Shaw/Broderick, antes da batalha de Fort Wagner — um virtual ataque suicida no qual o jovem coronel lança, voluntariamente, suas tropas —, contempla, por um breve momento, suas opções. Sem uma palavra, ele cavalga pela praia de Morris Island num impecável dia de sol, e, em seu rosto, lêem-se as dilacerantes escolhas de seu personagem: a vida clamando pelo seu corpo jovem, a morte certamente à espreita, colorário de

ERICK

Columbia Tri-Star

uma decisão baseada tanto em princípios morais quanto, certamente, em vaidade.

Broderick conhece essas opções. *Tempo de Glória* é seu primeiro filme depois de um terrível e ainda inexplicado acidente de carro, que causou a morte de duas mulheres — mãe e filha — numa estrada da Irlanda, e que deixou o próprio ator em coma durante vários dias. Processado criminalmente, Broderick foi inocentado e, até hoje, diz-se incapaz de recordar o dia fatal de 5 de agosto de 1987, ou explicar por que estava dirigindo do lado errado da estrada.

Tempo de Glória e *Family Business* — a comédia com Sean Connery e Dustin Hoffman que ele filmou a seguir, e que foi um fracasso de bilheteria — foram suas retomadas, seguidas por *The Freshmam*, outra comédia, desta vez com Marlon Brando. Mais maduro, Broderick deixa de lado a *persona* do moleque com que construiu sua carreira e propõe um novo rosto, uma nova interpretação de si mesmo.

Brodericks em profusão: acima, o jovem oficial de Tempo de Glória*; com o grande Marlon Brando, em* The Freshman*, ao lado (ambos de 1989); e, abaixo,* Curtindo a Vida Adoidado *(como gazeteiro, em 1986)*

Liaison Gamma-Sigla

SET — *Você está decepcionado por não ter sido incluído entre os indicados para o Oscar, por seu papel em* Tempo de Glória?

MATTHEW BRODERICK — Hummm... um pouco... talvez não... eu não esperava ser indicado, mas... eu teria gostado muito. O que quer dizer que, no final das contas, acho que estou desapontado, sim. Mas, por outro lado, feliz por Denzel Washington — eu estava torcendo por ele, ele é ótimo.

SET — *Seu papel em* Tempo de Glória *— o jovem coronel Robert Gould Shaw — parece tão diferente de todos os outros em sua carreira, tão distante das experiências de uma pessoa de sua idade, hoje. Foi muito difícil para você compor esse persona-*

Liaison Gamma-Sigla

Warner

O vivaldino "Rato", de Ladyhawke - O Feitiço de Áquila *(1985)*

gem — que, além de tudo, é uma pessoa real?

BRODERICK — Me senti atraído pela história, sobretudo. Eu li o primeiro roteiro há quatro anos e fiquei fascinado com toda a história, passei a ler tudo o que me caía nas mãos sobre o assunto — as cartas originais de Shaw, tudo o que foi escrito sobre o 54.º regimento... acho que fiquei viciado no assunto. Com isso, não foi tão difícil compor minha interpretação de Shaw. Quanto ao fato de ser distante... ele é distante só até certo ponto. Eu fui educado dentro dos mesmos princípios liberais, freqüentei escolas progressistas, onde se discutiam autores como Emerson e Thoreau, que foram os formadores da personalidade e dos princípios de Shaw.

SET — *Qual é a sua visão do coronel Shaw?*

BRODERICK — Ele era uma pessoa que acreditava no que estava fazendo. Era um abolicionista que se viu colocado numa posição em que ele realmente tinha de ser coerente com suas idéias — e ele fez isso. Era um jovem debaixo de uma pressão enorme, lidando com uma responsabilidade gigantesca, e ele soube lidar com isso.

SET — *Alguma ligação pessoal entre você e Shaw, alguma semelhança sobre a qual você trabalhou para construir sua interpretação?*

BRODERICK — O fato de ele ter que assumir responsabilidades tão grandes, sendo tão jovem. Eu também fui colocado numa posição de grande poder, no meu ramo de atividade, quando ainda era muito jovem. Eu entendo esse tipo de pressão.

SET — *O fato de o coronel Shaw ser seu primeiro papel inteiramente adulto, alguém de personalidade formada, que assume responsabilidades, não alguém ainda em busca de uma definição na vida, foi uma escolha proposital de sua parte, uma forma de reorientar sua carreira como ator?*

BRODERICK — Foi uma coisa natural, creio, estou ficando mais velho, papéis adultos me cabem melhor. É uma coisa que as pessoas me perguntam muito, mas sobre a qual ainda não refleti. Talvez se deva ao fato de que sempre fiz papéis mais jovens que minha idade real — fiz Ferris Bueller quando eu tinha 22 anos e ele ainda estava no ginásio, por exemplo. Mas Shaw é alguém mais próximo da minha idade real.

SET — *Foi uma decepção muito grande para você que* Family Business, *um filme em que você atuava ao lado de atores tão formidáveis quanto Sean Connery e Dustin Hoffman, tenha sido um fracasso de crítica e bilheteria nos Estados Unidos?*

BRODERICK — Eu fiquei desapontado. Tinha altas esperanças para esse filme, principalmente por causa do elenco. Mas parece que o filme tem-se saído muito bem na Europa — isso, de certa forma, compensa.

SET — *Que tal a experiência de trabalhar com Dustin e Sean, e ainda por cima ser dirigido por alguém como Sidney Lumet — que, entre várias outras coisas, já dirigiu seu pai (o ator James Broderick)?*

BRODERICK — Foi ótimo, foi ótimo. Eu sinceramente queria que esse filme tivesse sido um sucesso. Gostei especialmente de trabalhar com Sidney, ele é um excelente diretor e, tendo dirigido meu pai algumas vezes, me deixou muito mais à vontade, me senti confortável, era quase como se ele fizesse parte da família. Já o trabalho com Sean e Dustin me pareceu meio apavorante, no início. Eventualmente me acostumei com a idéia. Dustin é uma pessoa simpática, comunicativa, é fácil ficar à vontade com ele. Os dois foram ótimos, na verdade — meu medo não durou muito tempo.

SET — *É verdade que você faz imitações perfeitas de Dustin e Sean?*

BRODERICK (rindo) — É verdade. A de Dustin eu cheguei a fazer na frente dele. Mas não tive coragem de imitar Sean com o próprio vendo, fiquei com muito medo.

SET — *E que tal contracenar com Marlon Brando em* The Freshman?

BRODERICK — Isso foi tipo a honra da minha vida. Adorei trabalhar com ele, a idéia de me ver ao lado dele. Agora, isso sim foi apavorante. Encontrá-lo cara a cara pela primeira vez foi aterrorizante. Mas Marlon tem consciência do quanto a presença dele intimida as pessoas, por isso ele sabe

também como pôr as pessoas à vontade — ele conta piadas, faz brincadeiras. No primeiro dia ele logo me convidou para visitá-lo no *trailler* e me disse: "Você pode vir aqui quando quiser, não precisa nem bater na porta". Ele gosta de conversar, gosta de estar com as pessoas, e isso ajudou muito.

SET — *O que fez você se tornar ator? Vindo, como você vem, de uma família de atores, você podia ter-se rebelado contra o ofício, tipo "isso é coisa do meu pai".*

BRODERICK — Quando estava no ginásio resolvi experimentar para ver se gostava. Tentei umas peças... e gostei. Eu também não queria ir para a universidade. Acima de tudo eu não queria ir para a universidade. Então, perguntei ao meu pai: se eu resolver ser um ator a sério, posso deixar de ir para a universidade? E ele disse que sim. A escolha, então, me pareceu óbvia.

SET — *Você é do tipo de ator que evita ver e analisar seu próprio trabalho na tela ou aprecia avaliar o próprio desempenho?*

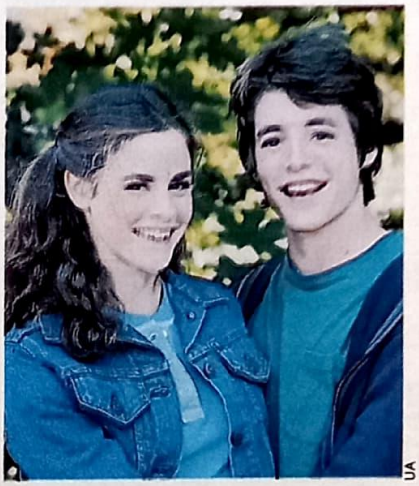
BRODERICK — Eu mudo muito de idéia... em geral, assim que termino um trabalho, acho que ele está ótimo, e, alguns anos depois, vou revê-lo e acho uma porcaria. Não sou um bom juiz do meu próprio trabalho. A maioria das vezes, contudo, eu gosto de me ver na tela. Mas algumas vezes me sinto infeliz.

SET — *E, mesmo sabendo que você muda de idéia e que não se considera um bom juiz da sua obra, quais são seus desempenhos favoritos?*

BRODERICK — Por alguma razão eu gosto do meu primeiro filme, *A Volta de Max Dugan* — acho que é um desempenho divertido, além de ter sido minha estréia, o que dá ao filme um valor sentimental para mim. Gosto de *Jogos de Guerra*, porque é um bom filme como um todo. Gosto de *Metido em Encrencas* porque acho que todo o desempenho de atores no filme é ótimo. E *Tempo de Glória*, porque se passa numa outra época e mesmo assim eu consegui fazer um Robert Shaw próximo das pessoas.

SET — *Qual é, para você, a melhor coisa em ser ator — além de ter evitado que você fosse para a universidade, é claro?*

UIP


UA

Metido em Encrencas *(1988) como recruta com zero de comportamento (acima); com Dabney Coleman, em* Jogos de Guerra *(1983), ao lado; e com a macaca em* Projeto Secreto — Macacos *(1987), abaixo*

Fox

BRODERICK — Às vezes eu estou no meio de uma cena e começo a agir e pensar de um modo que eu não havia sequer estudado, ou preparado, mas que é perfeito para a cena, para o personagem... é como se uma outra coisa, uma força tomasse conta de você... É difícil descrever, mas é uma sensação incrível. É o melhor aspecto, o melhor momento dessa minha profissão.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

BYE BYE, 3º MUNDO

O 40º Festival de Berlim abre as comportas do cinema produzido no Leste europeu, deixando o Terceiro Mundo num mar de esquecimento

O 40.º Festival Internacional de Cinema de Berlim foi orgulhosamente definido por seu organizador, Noritz de Hadeln, como o prenúncio de uma nova era. Com a queda do muro de Berlim, destruía-se o principal símbolo da divisão entre os povos europeus e o mais nefasto traço da Segunda Guerra Mundial. Assim, os filmes — pelo menos os da seleção oficial — puderam ser exibidos também do outro lado da cidade, o que desde logo caracterizou o evento como palco de uma calorosa confraternização entre Leste e Oeste. Até aí, não resta dúvida de que a "Berlinale" cumpriu seus objetivos: ofereceu à platéia do Leste os tão cobiçados produtos do mercado cultural internacional; e, ao mesmo tempo, proporcionou ao público do Oeste um amplo contato com filmes da Europa oriental, inclusive sete películas da Alemanha comunista, durante décadas retidas na censura.

No entanto, o observador vindo de fora — sobretudo aquele dos tristes trópicos — logo se pergunta qual o seu quinhão em toda essa euforia. Seria mero acaso que apenas o filme brasileiro *Dias Melhores Virão*, de Cacá Diegues, estivesse representando o Terceiro Mundo na seleção de longas-metragens, enquanto a Europa (do Leste e do Oeste) tinha 20 filmes e os Estados Unidos nada menos do que sete? Não pretendo desmerecer a formidável vitória dos povos da antiga "cortina de ferro", que puseram abaixo não este ou aquele sistema de governo, mas simplesmente o totalitarismo. Neste momento, são decerto louváveis todas as homenagens à sua cultura. No entanto, não se pode desprezar o fato de que as comemorações do lado capitalista têm um segundo sentido. Pois, entre outras coisas, a liberação da Europa oriental significa, para os países ricos, em particular no caso alemão, uma sensacional abertura de mercado e uma correspondente oferta de mão-de-obra qualificada e barata, que leva grande vantagem sobre a força de trabalho do mundo capitalista pobre. Na atividade industrial que é o cinema, a relação não podia ser outra. O interesse comercial da arte por assim dizer "rústica" dos países subdesenvolvidos foi nitidamente suplantado pela fina ironia subversiva, agora liberada, dos antigos países comunistas.

Na verdade, a reunificação européia que o Festival de Berlim comemorou foi uma festa de elite, para a qual o Terceiro Mundo, tornado desnecessário, não foi convidado. Passou o tempo em que o Brasil, a Índia ou os países árabes revitalizavam os festivais com seu exotismo. Este ano, o espetáculo renunciou à inovação, de onde quer que viesse, e restringiu-se aos veteranos, que ficaram também com os principais prêmios; e, em vez de

Columbia Tri-Star

Jessica Lange em Music Box, *de Costa-Gavras, melhor filme*

inaugurarem uma "nova era", como se pretendia, simplesmente reiteraram o convencional e o *déjà vu*.

Assim, foi difícil encontrar algo realmente estimulante entre os 30 filmes da seleção oficial (22 em competição), ou mesmo nos mais de 300 outros exibidos em mostras paralelas ("Panorama", "Fórum do Cinema Jovem", "Cinema Infantil", "Retrospectivas", "Novo Cinema Alemão" e "Mercado do Cinema Europeu"), em cerca de 800 projeções que, num prazo de 12 dias, conseguiram enlouquecer os mais de 2 mil jornalistas do mundo inteiro.

VELHOS TEMAS — Isto posto, é preciso fazer justiça à comissão julgadora, que contou, aliás, com a participação brasileira de Suzana Amaral; não havia, na competição oficial, melhor filme que a produção americana de Costa-Gavras, *Music Box*, que dividiu o Urso de Ouro (por razões políticas óbvias) com o filme tcheco *Cotovias de Pés Atados*, de outro veterano, Jiri Menzel.

Fui assistir a este último trabalho de Gavras com má vontade, perguntando-me como é que se pode ainda hoje fazer um filme de julgamento, com advogados e promotores loquazes e um réu incompreendido. Mas o mestre sabe extrair leite das pedras: o julgamento, em vez de questionar os fatos, acaba por se tornar o palco de novos acontecimentos que embaralham e afinal destroem a noção de "verdade". A competente advogada, representada magnificamente por Jessica Lange, tenta convencer o júri e a audiência da corte da inocência de seu pai, imigrante húngaro residente nos EUA, acusado de terríveis crimes nazistas. O mais fascinante no filme é a forma como as relações familiares se reproduzem no campo social e político e, no caso, com repercussões internacionais. Gavras aborda problemas delicados. Como podem os judeus torturados na guerra colocar sua memória a serviço da espionagem comunista? Por esses caminhos — que bem se prestam à polêmica — o filme, mais do que voltar a um tema batido, prova que o nazismo independe de época ou de história: é algo que reside dentro dos homens e sempre precisará ser discutido.

Já o filme de Menzel não tem nada da construção tipicamente ilusionista americana. Com um ritmo lento e praticamente sem fundo musical, apóia-se na ironia cáustica e nos pequenos gestos. E espanta pelo poder de previsão da decadência stalinista. Representantes da burguesia — intelec-

OS VENCEDORES

Ursos de Ouro:
Melhor filme: Muito Mais Que um Crime (Music Box), *de Costa-Gavras, EUA*, e Skrivanci Na Nitich (Cotovias de Pés Atados), *de Jiri Menzel, Tchecoslováquia.*
Melhor curta-metragem: Mistertao, *de Bruno Bozzetto, Itália.*

Ursos de Prata:
Melhor diretor: Michael Verhoeven, por Das Schreckliche Madchen, *Alemanha Ocidental.*
Melhor performance conjunta: Jessica Tandy e Morgan Freeman, em Conduzindo Miss Daisy (Driving Miss Daisy), *EUA.*
Melhor performance individual: Iain Glen, em Silent Scream, *Inglaterra.*
Melhor contribuição individual: Xie Fei, por Ben Ming Nian, *China.*
Temática: Coming Out, *de Heiner Carow, Alemanha Oriental.*
Prêmio especial do júri: Asteniceskij Sindrom, *de Kira Muratova, URSS.*
Curta-metragem: Ilha das Flores, *de Jorge Furtado, Brasil.*
Prêmio Alfred Bauer (melhor contribuição à arte cinematográfica): Karaul, *de Alexander Rogoshkin, URSS.*

Paris

BFI/Festival de Berlim

Acima, a melhor performance conjunta: Jessica Tandy e Morgan Freeman, em Conduzindo Miss Daisy; *ao lado, Iain Glen, melhor performance individual por* Silent Scream; *abaixo, a melhor temática:* Coming Out, *de Heiner Carow, da Alemanha Oriental*

BEFA-Erkens/Festival de Berlim

tuais e pequenos comerciantes — são condenados a trabalhos forçados num ferro-velho, e lá, ao invés de se deixarem "reeducar", dedicam-se a uma espécie de "desmanche" da ideologia dominante. Se o filme foi rodado em 1969 e só agora liberado, continua inegavelmente oportuno, sobretudo em face dos recentes acontecimentos. E faz uma espécie de par com o filme mais intimista da Alemanha Oriental, *Coming Out*, premiado com o Urso de Prata por tratar, segundo justificou o júri, "de maneira sensível o dilema das minorias" — uma delas, os homossexuais masculinos.

É, na verdade, um filme imperfeito. Heiner Carow, o diretor (mais um dos veteranos do festival), formado nos velhos estúdios da DEFA (Deutsche Film Aktien Gesellschaft, a produtora de cinema estatal da Alemanha Oriental), não inova em nada, em termos estéticos. Mas as imagens impressionam por apresentarem um país que desperta das trevas e, principalmente, pela atuação sincera e engajada dos atores — estes, sim, jovens.

Os velhos temas imperaram igualmente em duas grandes produções agraciadas. Uma delas, o previsível sucesso de público *Nascido em 4 de Julho*, de Oliver Stone. O assunto não poderia ser outro: a Guerra do Vietnã. Choradeiras, sangue, gritarias, as eternas apelações sentimentais, num filme que, no entanto, tem um lastro verdadeiro: o doloroso reconhecimento da mentira ideológica que levou parte da juventude americana a se sacrificar numa guerra absurda. O outro filme, *A Menina Terrível* (este, alemão ocidental), redescobre com competência e humor as raízes nazistas de uma típica cidade do interior do país. Mas, apesar do estilo pretensamente inovador, com cenários sem profundidade *à la* Syberberg, o filme patina no óbvio.

Ainda da seleção oficial, mas fora da competição, vale mencionar dois refrigérios para a alma, que, como os demais, vêm de cineastas consagrados: *Crimes e Pecados*, de Woody Allen, e *Contos da Primavera*, de Eric Rohmer. De fato, seria covardia deixá-los competir. Allen está mais forte do que nunca, juntando num só filme duas histórias, uma cômica e outra trágica, que evidenciam o dilema que o ocupa desde o início de sua carreira. *Contos da Primavera*, por sua vez, mostra o Rohmer de sempre. Lá estão as lindas atrizes leigas que o diretor utiliza como material descartável, num filme só. Elas aparecem com toda sua artificialidade, recitam as bobagens da filosofia da classe francesa e... não é que surpreendem? Precisamente, porque não acreditam em sua crassa banalidade, porque sentem algum vago incômodo no mundo, porque querem e não sabem como mudar. Coincidência? — mas foi justamente essa a mensagem que deixou o último filme do festival, exprimindo de forma precisa o balanço final do evento.

Embrafilme

Sagres

Dias Melhores Virão, de Cacá Diegues, foi o único representante do Terceiro Mundo na categoria longa-metragem (acima); ao lado, cena de Ilha das Flores, de Jorge Furtado, prêmio de curta-metragem para o Brasil

BRASILEIROS — Comecemos então pelo ponto de honra, o curta-metragem *Ilha das Flores*. Eis finalmente um novo talento. Jorge Furtado, o diretor, estava exultante com o Urso de Prata que recebeu e lhe proporcionou de imediato uma série de contratos com produtores internacionais. Mas, na minha opinião, merecia o Urso de Ouro da categoria dos curtas. Seu filme foi um dos raros a apresentar uma estética adequada ao nosso tempo. Utilizando-se da linguagem publicitária, acusa seu falso didatismo e aponta a realidade que se esconde por trás do discurso sorridente: as condições subumanas dos seres que vivem dos restos da sociedade de consumo.

Ilha das Flores foi aplaudido de pé — o que não aconteceu propriamente com o longa brasileiro de Cacá Diegues... A baixa qualidade deste filme, aliás, só não sobressaiu mais porque havia outros ainda piores (como o espanhol/suíço *Anjos*, ou o italiano *O Segredo*). Não há muito o que falar da cantilena ególatra de Diegues, que agora se inclina, desajeitadamente, para a estilização de Almodóvar. A passagem do diretor por Berlim foi ainda mais inócua. Na coletiva, diante de uma platéia escassa, composta na maioria de jornalistas brasileiros, Diegues fez questão de falar em francês, mesmo com a tradutora à disposição. Preconceito do lado dos ricos, vergonha de si mesmo do lado dos pobres: eis uma triste prova de que a unificação dos povos ainda está longe de ser geral.

Lúcia Nagib, de Berlim

Publicidade

VIDEOGUIDE

Maio de 1990

WARNER HOME VIDEO

Mais de 100 filmes

Classificados por gênero, em uma seleção especial da Warner Home Video para você!

BRINDE

Ganhe uma linda camiseta!

Promoção!

15 Grandes sucessos para você presentear no

Dia das Mães!

Tom Selleck e Paulina Porizkova, em Adorável Sedutora

DESTAQUE E GUARDE

Este encarte é parte integrante da revista. NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE.

Dê um filme para a

Para ela ver e rever

Preços especiais para filhos e maridos especiais!

CASABLANCA DRAMA

Direção: Michael Curtiz. Com Humphrey Bogart, Ingrid Bergman e Paul Henreid. Na II Guerra, a cidade de Casablanca é a única saída para quem pretende fugir do Nazismo. O maior clássico do Cinema, onde Bogart e Bergman vivem momentos inesquecíveis. "Oscar" de Melhor Filme, Diretor e Roteiro. **Cr$ 1.500,00**

A MULHER DO TENENTE FRANCÊS DRAMA

Direção: Karel Reiz. Com Meryl Streep e Jeremy Irons. Sarah foi abandonada por um oficial francês e passou a ser conhecida pelos habitantes da pequena vila de pescadores como "a mulher do tenente francês". Sua melancolia e solidão intrigam Charles um cientista, que acaba como seu amigo e conselheiro. Não se trata apenas de uma clássica história de amor na era vitoriana: aparecem na tela – como se fosse um outro filme – imagens de um novo romance, entre os próprios atores que interpretam os personagens do passado. **Cr$ 1.500,00**

VERÃO DE 42 DRAMA

Direção: Robert Mulligan. Com Jennifer O'Neill e Gary Grimes. Aos 15 anos, Hermie vai passar as férias na praia e conhece uma mulher mais velha por quem se apaixona. Com ela, ele descobre as respostas para suas dúvidas sobre a vida, o amor e o sexo. "Oscar" de Melhor Trilha Sonora. **Cr$ 1.500,00**

UM HOMEM, UMA MULHER DRAMA

Direção: Claude Lelouch. Com Jean-Louis Trintignant e Anouk Aimée. Dois amantes apaixonados vivem seu romance à sombra de um passado forte o suficiente para colocar em dúvida a relação. Palma de Ouro em Cannes e "Oscar" de Melhor Filme Estrangeiro e Melhor Roteiro Original. **Cr$ 1.500,00**

UM HOMEM, UMA MULHER: 20 ANOS DEPOIS DRAMA

Direção: Claude Lelouch. Com Anouk Aimée e Jean-Louis Trintignant. Um amor do passado reacende a velha chama da paixão entre Um Homem, Uma Mulher. A fim de tratar de negócios, os dois se reencontram no mesmo restaurante em que sua história começara 20 anos passados. A espontaneidade, a sofisticação e a ternura permanecem. E com elas vem uma maturidade de expressão e formas. Será que o amor é melhor da segunda vez? **Cr$ 1.500,00**

ADORÁVEL SEDUTORA COMÉDIA

Direção: Bruce Beresford. Com Tom Selleck e Paulina Porizkova. O escritor Philip Blackwood está rondando os tribunais à procura de idéias para seu novo romance. Porém, mais que inspiração, ele acaba conhecendo Nina Ionescu, uma linda garota romena que está sendo acusada de assassinato. Apaixonado por sua musa, Philip a leva para sua casa de campo, sem desconfiar que junto com ela estariam vindo muitos outros problemas. Envolva-se nesta trama engraçadíssima e seja testemunha-chave do caso Philip, o escritor que cometeu um grande crime: o de se apaixonar. **Cr$ 1.500,00**

APROVEITE ESTA SUPERPROMOÇÃO.

Um presente original, criativo e econômico!

mulher da sua vida.

quantas vezes quiser.

A COR PÚRPURA DRAMA

Direção: Steven Spielberg. Com Whoopi Goldberg, Danny Glover e Adolph Caesar. A trajetória de uma mulher desde a semi-escravidão até o seu pleno desenvolvimento como ser humano, focalizando 40 anos de uma comunidade negra do Sul dos Estados Unidos. **Cr$ 1.500,00**

PRESENTE DE GREGO COMÉDIA

Direção: Charles Shyer. Com Diane Keaton, Harold Ramis e Sam Shepard. Às vezes, ser mãe é realmente uma aventura. Mas até do que seria desejável. Principalmente quando você descobre que herdou uma garotinha de apenas 13 meses de idade. **Cr$ 1.500,00**

ESPOSAMANTE DRAMA

Direção: Marco Vicario. Com Marcello Mastroianni e Laura Antonelli. No Norte da Itália, um mercador de vinho infiel e sua resignada esposa observam a fria morte de seu casamento. Ele é dado como morto e ela transforma-se numa explosão de sensualidade e independência. Será possível um reencontro? **Cr$ 1.500,00**

ENTRE DUAS MULHERES DRAMA

Direção: Jon Avnet. Com Farrah Fawcett e Colleen Dewhurst. A esposa é bonita, carinhosa, dedicada e compreensiva e sua sogra, é dominadora, autoritária e manipuladora. Com o passar dos anos, este relacionamento amargo explode numa intensa disputa de poder pelo amor do marido/filho, ameaçando destruir o casamento.
Um drama terno e comovente que explora a frágil fronteira que separa o amor do ódio. **Cr$ 1.500,00**

LIGAÇÕES PERIGOSAS DRAMA

Direção: Stephen Frears. Com Glenn Close, Michelle Pfeiffer e John Malkovich. Às vésperas da Revolução Francesa, a Marquesa de Marteuil e o Visconde Valmont envolvem Madame de Tourvel e Cecile de Volange numa complexa intriga. "Oscar" de Melhor Roteiro Adaptado, Direção de Arte e Figurino. **Cr$ 1.500,00**

RAIN MAN

Direção: Barry Levinson. Com Dustin Hoffman e Tom Cruise. Charlie descobre que a herança de seu pai ficou para seu irmão Raymond, que é autista. Decidido a ficar com o dinheiro, ele rapta Raymond e juntos eles iniciam uma viagem que muda suas vidas. "Oscar" de Melhor Ator, Filme, Direção e Roteiro Adaptado. **Cr$ 1.500,00**

AS BRUXAS DE EASTWICK COMÉDIA

Direção: George Miller. Com Jack Nicholson, Susan Sarandon e Michelle Pfeiffer. Três lindas mulheres, sedentas de amor, habitantes de uma pacata cidadezinha, acabam evocando o demônio que parece disposto a satisfazer os sonhos mais loucos das Bruxas de Eastwick. **Cr$ 1.500,00**

ÚLTIMO TANGO EM PARIS DRAMA

Direção: Bernardo Bertolucci. Com Marlon Brando e Maria Schneider. Paul e Jeanne se conhecem num apartamento vazio, em Paris. Ele vem de um passado amargo, marcado pelo suicídio de sua esposa. Ela está para se casar. Mas a relação que nasce é mais forte que tudo. **Cr$ 1.500,0**

CORPOS ARDENTES DRAMA

Direção: Lawrence Kasdan. Com William Hurt, Kathleen Turner e Mickey Rourke. Uma história sensual e sórdida que ressoa com o poderoso impacto dos filmes "noir" dos anos 40 – os inesquecíveis filmes policiais que transformaram-se em "cult-movies" – mas com a ironia, energia e a paixão dos anos 80. **Cr$ 1.500,00**

E mais 111 sucesso

Para você formar ou

Os filmes do Catálogo Warner Home gêneros e fizeram sucesso em cinema

AÇÃO

JAMES BOND
Todas as missões do agente 007.

MOSCOU CONTRA 007
Direção: Terence Young. Com Sean Connery e Daniela Bianch. O Sindicato Internacional do Crime instalou uma escola de assassinos. Seu objetivo: liquidar James Bond. **Cr$ 1.500,00**

007 SOMENTE PARA SEUS OLHOS
Direção: John Glen. Com Roger Moore, Carole Bouquet e Topol. Um navio-patrulha britânico afunda misteriosamente, com uma valiosa arma secreta. O agente 007 irá investigar sozinho este mistério. **Cr$ 1.500,00**

COM 007 SÓ SE VIVE DUAS VEZES
Direção: Lewis Gilbert. Com Sean Connery. Uma cápsula espacial americana é interceptada por um foguete desconhecido, criando um incidente internacional. Logo James Bond entra em ação para impedir a III Guerra. **Cr$ 1.500,00**

007 VIVA E DEIXE MORRER
Direção: Guy Hamilton. Com Roger Moore e Yaphet Kotto. Duas toneladas de heroína estão prestes a invadir o mercado americano. Enfrentando perigos aterrorizantes, James Bond empresta suas forças para evitar o pior. **Cr$ 1.500,00**

007 CONTRA OCTOPUSSY
Direção: John Glen. Com Roger Moore e Maud Adams. Uma jóia foi roubada do Kremlim, reaparecendo na mais famosa casa de leilões do mundo. E ela pode ser a chave para o assassinato do agente 009. Para solucionar os mistérios, Bond enfrentará Octopussy. **Cr$ 1.500,00**

007 CONTRA A CHANTAGEM ATÔMICA
Direção: Terence Young. Com Sean Connery e Adolfo Celi. James Bond terá que usar métodos ousados para impedir que duas bombas atômicas sejam lançadas pela Spectre. **Cr$ 1.500,00**

007 O ESPIÃO QUE ME AMAVA
Direção: Lewis Gilbert. Com Roger Moore e Barbara Bach. Um gênio do mal planeja destruir a Terra e construir um novo mundo sob o mar. Para impedir este plano, Bond contará com a ajuda de uma agente russa. **Cr$ 1.500,00**

007 MARCADO PARA A MORTE
Direção: John Glen. Com Timothy Dalton e Maryam d'Abo. O General Koskov da KGB denuncia a existência de uma gigantesca operação para exterminar os agentes secretos do mundo. 007 é o único homem que pode desarmar esta trama. **Cr$ 1.500,00**

007 NA MIRA DOS ASSASSINOS
Direção: John Glen. Com Roger Moore, Christopher Walken e Grace Jones. Max Zorin é um poderoso magnata que quer assumir o controle total do mercado de informática. Mas ele terá que vencer James Bond. **Cr$ 1.500,00**

007 CONTRA O SATÂNICO DR. NO
Direção: Terence Young. Com Sean Connery e Ursula Andress. Primeiro filme do agente secreto. James Bond enfrenta o temível Dr. No, um cientista brilhante, mas mal intencionado. **Cr$ 1.500,00**

007 CONTRA O FOGUETE DA MORTE
Direção: Lewis Gilbert. Com Roger Moore e Lois Chiles. "Moonraker" é um foguete espacial que subitamente desaparece, James Bond, o insuperável agente 007, é encarregado para resolver o mistério. **Cr$ 1.500,00**

007 OS DIAMANTES SÃO ETERNOS
Direção: Guy Hamilton. Com Sean Connery e Charles Gray. Bond terá que impedir os planos do maléfico Blofeld, que ameaça destruir a humanidade caso suas reivindicações não sejam atendidas. **Cr$ 1.500,00**

007 CONTRA O HOMEM DA PISTOLA DE OURO
Direção: Guy Hamilton. Com Roger Moore e Christopher Lee. Scaramanga, um facínora sem escrúpulos, raptou o inventor do Solex, um conversor solar de bolso. E agora Bond terá que liquidar Scaramanga pessoalmente. **Cr$ 1.500,00**

007 CONTRA GOLDFINGER
Direção: Guy Hamilton. Com Sean Connery e Gert Frobe. O maligno Goldfinger planeja roubar todas as reservas americanas. Para impedi-lo, só James Bond. **Cr$ 1.500,00**

ROCKY UM LUTADOR
Direção: John G. Avildsen. Com Sylvester Stallone, Carl Weathers, Talia Shire e Burgess Meredith. Um boxeador medíocre que consegue uma segunda chance na vida quando lhe fazem uma proposta impossível: lutar pelo título mundial de box. **Cr$ 1.500,00**

ABOMINÁVEL EXTORSÃO
Direção: Michael Apted. Com Stacy Keach, Carol White e Alison Portes. Um detetive perdeu todo o seu prestígio por causa da bebida. Agora ele é apenas um tira decadente. Mas ele será obrigado a entrar em ação. Sua ex-mulher, é raptada junto com a filha. **Cr$ 1.500,00**

A FÚRIA DO PROTETOR
Direção: James Glickenhaus. Com Jackie Chan e Danny Aiello. Billy Wong é um tira que joga duro. Ele tem nervos de aço, um poderoso arsenal e uma arma infalível: o seu próprio corpo. Nesta história recheados de ação e violência, Billy Wong usa sua inteligência e a incrível habilidade em lutas marciais para enfrentar o crime. **Cr$ 1.500,00**

O DIA EM QUE O MUNDO ACABOU
Direção: James Goldstone. Com Paul Newman, Jacqueline Bisset e William Holden. Uma paradisíaca ilha é o cenário desta intrigante aventura. Um temperamental explorador de petróleo descobre um rico lençol ao mesmo tempo em que o magnata de uma rede internacional de hotéis, inaugura seu luxuoso hotel na ilha. O conflito entre eles surge a partir do momento que passam a disputar o amor de uma sedutora relações públicas. **Cr$ 1.500,00**

BONNIE AND CLYDE
Direção: Arthur Penn. Com Warren Beatty e Faye Dunaway. Durante a Depressão dos anos 30, um casal de gangsters agita o Sul do EUA assaltando bancos.
Eles não desejam ferir ninguém. Apenas amam a aventura e um ao outro. Porém suas vidas passam a ser ameaçadas. **Cr$ 1.500,00**

REAL MEN
Direção: Dennis Feldman. Com James Belushi e John Ritter. Um simplório corretor de seguros se meteu numa enrascada. Para seu azar, ele é o sósia perfeito de um homem assassinado por inimigos do governo. Agora, o Estado precisa de sua ajuda, e contrata Nick Pirandello (James Belushi), um fracassado agente da CIA, para trabalhar ao seu lado. **Cr$ 1.500,00**

ERA DA DESTRUIÇÃO
Direção: Lee H. Katzin M. A. Manson. Com Adam Ant, Bruce Dern e Michel Paré. Após décadas sem chover, a Terra está à beira de um colapso. A água torna-se mais preciosa que a própria espécie humana. E o homem tem que testar seu instinto de sobrevivência a cada segundo. Porém, ainda existe um refúgio para este mundo de atrocidades: a região de Lost Wells. **Cr$ 1.500,00**

UM AGENTE NA CORDA BAMBA
Direção: Richard Tuggle. Com Clint Eastwood e Genevieve Bujold. Um perigoso maníaco sexual está à solta cometendo crimes horríveis no histórico e charmoso bairro francês de Nova Orleans. E só o detetive Wes Block pode detê-lo. **Cr$ 1.500,00**

OS BOINAS-VERDES
Direção: John Wayne e Ray Kellogg. Com John Wayne e David Janssen. Uma primeira visão da Guerra do Vietnam, através da história das forças especiais de elite, treinadas para combater a guerrilha. Uma aventura excitante, pelo filme em si, e também como um testemunho de honra pessoal de John Wayne. **Cr$ 1.500,00**

AVENTURA

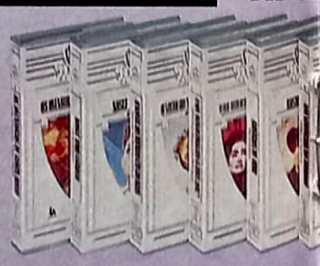
EXCALIBUR
Direção: John Boorman. Com Nigel Terry, Helen Mirren e Nicholas Clay.
A grandiosa saga de uma espada forjada por um Deus, profetizada por um mago e destinada a um rei. A emocionante história do Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda em sua luta pelo poder de Excalibur. **Cr$ 1.500,00**

BATMAN

Direção: Tim Burton. Com Jack Nicholson e Michael Keaton.
A fascinante história do Cavaleiro das Trevas, Batman, enfrentando seu mais perigoso inimigo, o Coringa, num duelo de titãs onde o bem e o mal se confrontam. Um filme fiel à estética da história em quadrinhos, que já atraiu milhares de espectadores em todo o mundo. **Cr$ 2.300,00**

CLASSICS

As ob



RASTROS DE ÓDIO
Direção: John Ford. Com John Wayne e Natalie Wood. O ótimo John Ford conta aqui a história de um veterano do exército que parte em busca de sua sobrinha, raptada pelos comanches. Este western tornou-se o preferido de John Wayne. **Cr$ 1.500,00**

QUANTO QUENTE
Direção: Billy
Marilyn Monro
mon e Tony Cu
Monroe às voltas
pla de músicos
mulher para es
tremenda enras
vencedora do "
lhor Figurino.

s do catálogo Warner!

umentar a sua filmoteca, já!

Video são os mais representativos de todos os de todo o mundo.

Vídeos Warner. O melhor programa.

SUPERMAN - O FILME

Direção: Richard Donner. Com Marlon Brando, Christopher Reeve e Gene Hackman. O planeta Kripton está à beira de destruição. Para impedir a extinção de seu povo, Joor-El envia seu filho, ainda bebê, à Terra. Dotado de superpoderes, ele enfrenta o maligno vilão Lex Luthor.
Cr$ 1.500,00

SUPERMAN II - A AVENTURA CONTINUA

Direção: Richard Lester. Com Christopher Reeve e Gene Hackman. Um bando terrorista coloca uma bomba atômica para explodir a Torre Eiffel. Superman impede a tragédia nuclear, levando a bomba para o espaço.
Com a poderosa explosão, o rebelde General Zod e seus terríveis colaboradores libertam-se do cativeiro de criptonita.
Cr$ 1.500,00

LOUCADEMIA DE POLÍCIA

LOUCADEMIA DE POLÍCIA 1

Direção: Hugh Wilson. Com Steve Guttenberg, Kim Cattrall e Bubba Smith. Tudo pode acontecer quando um grupo de cidadãos nada exemplares resolve entrar para a academia de polícia. **Cr$ 1.500,00**

LOUCADEMIA DE POLÍCIA 2
Primeira missão

Direção: Jerry Paris. Com Steve Guttenberg, Kim Cattrall e Bubba Smith. Eles já aprenderam tudo o que podiam. Agora é hora de ação e confusão, na primeira vez que eles saem às ruas. **Cr$ 1.500,00**

LOUCADEMIA DE POLÍCIA 3
De volta ao treinamento

Direção: Jerry Paris. Com Steve Guttenberg, Kim Cattrall, Bubba Smith, Bobcat Goldthwait e Leslie Easterbrook. A velha Academia de Polícia precisa de instrutores. Só que os novos recrutas são ainda mais pirados. **Cr$ 1.500,00**

LOUCADEMIA DE POLÍCIA 4
O cidadão se defende

Direção: Jim Drake. Com Steve Guttenberg, Bubba Smith, Sharon Stone, G.W. Bailey. O velho e bom comandante acaba de criar um projeto. O único problema é saber quem defende a polícia.
Cr$ 1.500,00

LOUCADEMIA DE POLÍCIA 5
Operação Miami Beach

Direção: Alan Myerson. Com Bubba Smith, Leslie Easterbrook e G.W. Bailey. Para manter a lei, os lunáticos policiais invadem Miami Beach, virando tudo de pernas para o ar. **Cr$ 1.500,00**

LOUCADEMIA DE POLÍCIA 6 - CIDADE EM ESTADO DE SÍTIO

Com Bubba Smith, Georges Gaynes e Michael Winslow. Uma gang de criminosos conhecida pelo nome de Wilson Heights inicia uma terrível onda de crimes por toda a cidade. A situação era desesperadora e somente um grupo muito especial de combate ao crime poderia acabar com o caos. Prepare-se: A Loucademia de Polícia está entrando em cena novamente. **Cr$ 2.300,00**

COMÉDIA

A MENINA QUE VIU DEUS

Direção: Gilbert Cates. Com Louanne e George Burns. A primeira tentativa foi um desastre total. Mesmo assim, Deus quis voltar à Terra. E desta vez, ele conta apenas com a pequena Tracy, uma mensageira muito especial que, juntamente com outros "anjinhos", apronta as maiores travessuras e transforma o retorno de Deus numa divina comédia. **Cr$ 2.300,00**

MUDANÇA DO BARULHO

Direção: Alan Metter. Com Richard Pryor. Toda vez que fazemos uma mudança temos a impressão que alguma coisa pode sair errada. A menos que a mudança seja feita com Arlo Pear. Aí sim, *tudo* pode sair errado! **Cr$ 1.500,00**

ARTHUR 2, O MILIONÁRIO ARRUINADO

Direção: Bud Yorkin. Com Dudley Moore e Liza Minelli. Arthur Bach estava acostumado a ter tudo do bom e do melhor. Até o dia em que ele conseguiu perder 750 milhões de dólares, o voltou a ser um pobre mortal. Agora, Arthur terá que fazer uma coisa que ele nunca pensou: procurar um emprego. Mas onde um cara que nunca fez nada na vida pode conseguir trabalho?
Cr$ 1.500,00

ALGUÉM LÁ EM CIMA GOSTA DE MIM

Direção: Carl Reiner. Com George Burns, John Denver e Teri Garr. Jerry Landers é um pacato gerente de supermercado na Califórnia. Tem mulher, dois filhos e uma vida que não pode chamar exatamente de interessante. De repente, Deus o chama para uma entrevista e lhe dá uma missão nada simples: levar Sua palavra para o mundo. E o que acontece a partir daí, só Deus sabe.
Cr$ 1.500,00

MINHA VIDA É UMA PIADA

Direção: Jeff Werner. Com Robby Benson, Linda Grovenor e Charles Durning. O sonho de Daniel Pinsky é ser astro do rock, mas por enquanto é só um motorista de táxi especializado em confusões. **Cr$ 1.500,00**

O TURISTA ACIDENTAL

Direção: Lawrence Kasdan. Com William Hurt, Kathleen Turner e Geena Davis. Malcolm Leary era um cara certinho em tudo, até que uma mulher mudou completamente sua vida, causando uma série de situações hilariantes. "Oscar" de Melhor Atriz Coadjuvante para Geena Davis.
Cr$ 1.500,00

ras-primas de Hollywood, em diversos gêneros.

MAIS ELHOR

Wilder. Com Jack Lemmis. Marilyn com uma duque se veste de par de uma dia. Comédia scar" de Me-
$ 1.500,00

UM VIOLINISTA NO TELHADO

Direção: Norman Jewison. Com Topol, um dos melhores atores israelenses. Sucesso musical da Broadway que conta a saga do povo judeu, obrigado a deixar a Rússia Czarista. **Cr$ 1.500,00**

MOBY DICK

Direção: John Huston. Com Gregory Peck e Orson Welles. O desafio é Moby Dick, a obsessão é de um grupo de valentes marinheiros e seu capitão, que querem matá-la.
Cr$ 1.500,00

O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE?

Direção: Robert Aldrich. Com Bette Davis e Joan Crawford. Com história baseada no best-seller de Henry Farrel. Dois mitos do cinema no maior clássico de terror e suspense de todos os tempos, numa trama de requintado humor negro.
Cr$ 1.500,00

IRMA LA DULCE

Direção: Billy Wilder. Com Jack Lemmon e Shirley Maclaine. Irma La Dulce é uma prostituta que, com seu cãozinho de estimação, sempre arranja "clientes", sem sair do quarteirão. Mas tudo muda quando é destacado um novo policial. Ingênuo, ele quer mostrar serviço, mas se apaixona por Irma, que continua na sua atividade. Até que ele resolve se fazer passar por um milionário velho e solitário para conquistá-la. **Cr$ 1.500,00**

UM PIJAMA PARA DOIS

Direção: George Abbot e Stanley Donen. Com Doris Day e John Raitt. Reivindicações trabalhistas se transformam em uma divertida comédia musical. Na antiga fábrica de pijamas, o romance entre um jovem supervisor e a chefe da comissão de empregados, em meio a greves, música e humor. **Cr$ 1.500,00**

NASCE UMA ESTRELA

Direção: George Cukor. Com Judy Garland e James Mason. Juntos uma atriz que sonha e conquista a fama e um astro, seu mentor, que conhece a decadência. Sucesso de público e crítica.
Cr$ 1.500,00

AS AVENTURAS DE ROBIN HOOD

Direção: Michael Curtiz e William Keighley. Com Errol Flynn, Olivia de Havilland e Claude Rains. O clássico que influenciou todos os filmes de aventura, com a inesquecível atuação de Errol Flynn.
Cr$ 1.500,00

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

Direção: Michael Anderson. Com David Niven, Cantinflas, Marlene Dietrich e Frank Sinatra. A maior aventura de todos os tempos. Baseada na obra de Julio Verne. "Oscar" de Melhor Filme, Roteiro Adaptado, Fotografia, Edição e Trilha Sonora. **Cr$ 1.500,00**

VERA CRUZ

Direção: Robert Aldrich. Com Burt Lancaster, Gary Cooper, Ernest Borgnine e Sarita Montiel. Dois pistoleiros de aluguel disputando um tesouro incalculável e o amor da mesma mulher. **Cr$ 1.500,00**

VIKINGS, OS CONQUISTADORES

Direção: Richard Fleischer. Com Kirk Douglas e Tony Curtis. A saga dos vikings e sua luta contra os ingleses pelo domínio da região, que há mil anos atrás era o centro do mundo. **Cr$ 1.500,00**

ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

Direção: George Stevens. Com James Dean, Rock Hudson e Elizabeth Taylor. Os conflitos raciais, a disputa pelo poder e a grandiosa história do Texas contados com maestria no último trabalho de Dean. Um autêntico "cult-movie". **Cr$ 1.500,00**

COMÉDIA

BANANAS

Direção: Woody Allen. Com Woody Allen. Fielding Mellish abandonou tudo em Nova Iorque e foi se aventurar nas Antilhas. Ele só queria ser útil. Porém, acabou se transformando num herói nacional. E ainda por cima, se envolveu com duas mulheres: Nancy e Yolanda. Este poderia ser um final feliz, mas foi apenas o começo de uma grande confusão. **Cr$ 2.300,00**

BERT RIGBY, NA TRILHA DA FAMA

Direção: Carl Reiner. Com Robert Lindsey, Robbie Coltrani e Jackie Gayle. Bert vai tentar a sorte em Hollywood. Só que sua carreira nunca decola. Até que ele conhece Meredith, esposa de um famoso nome do mundo do cinema, que lhe oferece um emprego de mordomo em sua casa. Lá ele provoca uma série de confusões, que podem significar seu fracasso definitivo. Ou o sucesso absoluto. **Cr$ 1.500,00**

BRONCO BILLY

Direção: Clint Eastwood. Com Clint Eastwood e Sandra Locke. O show de Bronco Billy já vai começar e você vai rir a valer com os artistas mais engraçados do oeste. Principalmente com a linda assistente Antoinette Lily, uma milionária que apronta o maior rebuliço e acaba deixando todos numa situação completamente ridícula. **Cr$ 1.500,00**

CLUBE PARAÍSO

Direção: Harold Ramis. Com Robin Williams, Jimmy Cliff e Peter O'Toole. Monicker e Reed transformam uma colônia de férias falida no ponto turístico mais badalado do Caribe, numa ilha muito simpática governada por Anthony Croyden Hayes. Tudo vira festa até que os nativos resolvem fazer uma pequena surpresa para os visitantes indesejados. **Cr$ 1.500,00**

RELAX

Direção: Albert Brooks. Com Albert Brooks e Julie Hagerty. David Howard é um yuppie super aloprado que acha que já perdeu tempo demais trabalhando. Foram oito anos de sucesso em uma agência de publicidade muito louca, e ele acha que chegou a hora de mudar. **Cr$ 1.500,00**

OS RUSSOS ESTÃO CHEGANDO

Direção: Norman Jewison. Com Alan Arkin e Theodore Bikel. Um comandante russo, acidentalmente encalha seu submarino num banco de areia próximo a Cape Cod, EUA. Os moradores do vilarejo, aterrorizados e convencidos de que estão sendo invadidos, começam a acender o estopim que pode estourar a 3ª Guerra Mundial. A "guerra fria", transforma-se, repentinamente numa grande piada. **Cr$ 1.500,00**

CLUBE DOS PILANTRAS II

Direção: Allan Arksh. Com Jackie Mason, Robert Stach, Chevy Chase e Dan Aykroyd. Em qualquer lugar do mundo os campos de golfe são iguais. Menos no Clube Bushwood Country, onde se reúnem os jogadores mais pirados que existem. Para eles, jogar golfe, é só uma desculpa para suas brincadeiras hilariantes, colocando seus colegas em enrascadas e situações embaraçosas. **Cr$ 1.500,00**

TRÊS TRAPALHÕES DA PESADA

Direção: Michael Schultz. Com Raph Bellamy e The Fat Boys. O genial trio de música rap resolve atacar de enfermeiros de um velho milionário muito ranzinza, atazanando completamente a vida do coitado. Trilha sonora dos Fat Boys, Beach Boys e Bananarama. **Cr$ 1.500,00**

FÉRIAS FRUSTRADAS I

Direção: Harold Ramis. Com Chevy Chase, Beverly D'Angelo e Imogene Coca. Quando a família Griswald sai de férias, você pode esperar tudo. Menos que as coisas saiam como eles tinham planejado. **Cr$ 1.500,00**

A NOVA TRANSA DA PANTERA COR DE ROSA

Direção: Blake Edwards. Com Peter Sellers. Desta vez, Clouseau é chamado para ajudar a Scotland Yard a resgatar um famoso cientista sequestrado e, se possível, prender o culpado. Qual não é a sua surpresa ao descobrir que seu adversário é Dreyfus. **Cr$ 1.500,00**

FÉRIAS FRUSTRADAS II

Direção: Amy Heckerling. Com Chevy Chase, Beverly D'Angelo, Dana Hill e Jason Lively. Tem gente que não aprende nunca. Desta vez, a família Griswald ganha passagens para a Europa, e lá a confusão é internacional. **Cr$ 1.500,00**

DEPOIS DE HORAS

Direção: Martin Scorcese. Com Rosanna Arquette, Verna Bloom e Thomas Chong. Uma comédia frenética e alucinante, em que um simples programador de computadores envolve-se em uma bizarra seqüência de encrencas. **Cr$ 1.500,00**

DRAMA

AMARCORD

Direção: Federico Fellini. Com Magali Noel e Bruno Zanin. No ano 2000, um homem descobre que o mundo está totalmente estranho. Fugindo da loucura ele procura referências nas histórias ocorridas na sua cidadezinha durante a dominação fascista. **Cr$ 1.500,00**

IMPÉRIO DO SOL

Direção: Steven Spielberg. Com John Malcovich, Nigel Havers e Christian Bale. Um menino cujo espírito invencível voa alto e livre, acima dos limites de um campo de concentração. Uma história verídica que se passa durante a II Guerra Mundial. **Cr$ 1.500,00**

CLARA'S HEART

Direção: Robert Mulligan. Com Whoopi Goldberg e Neil Patrick Harris. A emocionante história de um garoto rico que perdeu a esperança de viver após a morte de sua irmã e da separação de seus pais. Até o momento que ele conhece Clara Mayfield, que o conquista através do amor. **Cr$ 1.500,00**

MEMÓRIAS SECRETAS

Direção: Steven Kampmann e Will Aldis. Com Mark Harmon e Jodie Foster. Para Billy Wyatt, sua melhor época foi o verão de 1964. Depois de tentar a sorte jogando baseball, ele retorna à sua antiga casa e reencontra Katie, sua treslouca da babá. Juntos eles vão recordando as deliciosas passagens da adolescência de Billy. **Cr$ 1.500,00**

ATRAIÇOADOS

Direção: Costa - Gavras. Com Debra Winger e Tom Berenger. Um radialista judeu é assassinado, e para investigar o caso, o FBI designa a agente Cathy Weaver. Seu plano é envolver-se com o principal suspeito, e assim ela acaba descobrindo uma abominável organização neo-nazista. **Cr$ 1.500,00**

AMANHECER VIOLENTO

Direção: John Milius. Com Patrick Swayze e Jannifer Gray. Exércitos soviéticos invadem os EUA, originando uma batalha capaz de causar a III Guerra Mundial. Porém, um grupo de bravos jovens oferece uma resistência espantosa, mudando o rumo dos acontecimentos. **Cr$ 1.500,00**

COUSTEAU A odisséia de um explorador.

DOCUMENTÁRIO

RELÍQUIAS PERDIDAS DO MAR

Uma aventura que mostra a emoção dos mergulhadores ao encontrar uma embarcação afundada durante a vitória de Atenas sobre Esparta. **Cr$ 1.500,00**

CALYPSO EM BUSCA DO BRITANNIC

O navio-hospital Britannic era supostamente insubmergível. Como explicar seu naufrágio em sua sexta viagem? Aqui estão todas as respostas. **Cr$ 1.500,00**

CLIPPERTON: A ILHA QUE O TEMPO ESQUECEU

Setenta anos atrás, um pirata louco seqüestrou um grupo de mulheres e crianças, levando-as para a ilha de Clipperton. Cousteau volta a este paraíso para esclarecer definitivamente o episódio. **Cr$ 1.500,00**

O NILO

Ao longo de seus mais de 7 mil quilômetros, o Nilo oferece uma maravilhosa viagem através da região que abriga uma fauna particularmante exótica. **Cr$ 1.500,00**

EM BUSCA DE ATLÂNTIDA

Há centenas de anos, uma ilha abrigou uma avançada civilização. Hoje, ninguém sabe se ela existiu. Uma aventura que desvenda segredos seculares. **Cr$ 1.500,00**

MAMÍFERO DAS PROFUNDEZAS DO MAR

Em imagens lindíssimas, a revelação da origem e evolução dos mamíferos marinhos, seres misteriosos que têm traços em comum com o Homem. **Cr$ 1.500,00**

OS PROFETAS CEGOS DA ILHA DA PÁSCOA

A ilha de Páscoa maravilha o Homem com seus mistérios. Quem teria esculpido os gigantescos ídolos de pedra? Como explicar o indício de 20 mil habitantes se a ilha hoje é deserta? **Cr$ 1.500,00**

MERGULHO AO ENCONTRO DAS PILHAGENS ROMANAS

Muito antes do nascimento de Cristo, um forte temporal afundou um navio romano repleto de tesouros gregos. Retorne 2 mil anos na história, resgatando a valiosa arte antiga. **Cr$ 1.500,00**

MEDITERRÂNEO: BERÇO OU TÚMULO?

Décadas atrás, o Mediterrâneo era rico em vida subaquática. Hoje, ele está morrendo. Cousteau faz uma importante denúncia ecológica, uma verdadeira cruzada em defesa do meio ambiente. **Cr$ 1.500,00**

BOMBA RELÓGIO SUBMERSA

Na costa da Itália, uma colisão entre dois navios arremessa um deles ao fundo com uma carga tóxica capaz de causar um desastre ecológico. Como conter o perigo? **Cr$ 1.500,00**

E o sucesso continua

JUVENTUDE TRANSVIADA

Direção: Nicholas Ray. Com James Dean e Natalie Wood. Jim Stark é um adolescente revoltado. Ao mudar-se para uma nova cidade, Jim espera encontrar entre os jovens o amor e a compreensão que precisa. Mas as coisas não são tão fáceis assim. Um filme marcante, que consagrou James Dean. **Cr$ 1.500,00**

O PECADO DE TODOS NÓS

Direção: John Huston. Com Elizabeth Taylor e Marlon Brando. Outubro, 1948. Por trás da tranqüila rotina de uma base militar na Georgia, Estados Unidos, o major Weldon Penderton sente sua carreira definhar na monotonia do pós-guerra. **Cr$ 1.500,00**

GABRIELA

Direção: Bruno Barreto. Com Marcello Mastroianni e Sonia Braga Uma sensual e irresistível jovem cuja relação explosiva com um homem duas vezes mais velho que ela espalha faíscas numa pequena cidade. Marcello Mastroianni, representa um comerciante de meia idade cuja paixão por Gabriela transforma os mexericos locais num completo frenesi. **Cr$ 1.500,00**

NAS MONTANHAS DOS GORILAS

Direção: Michel Apted. Com Sigourney Weaver e Bryan Brown. A verdadeira história de Dian Fossey, a antropóloga americana que se embrenhou nas selvas africanas para salvar os gorilas da extinção promovida por mercadores de animais. **Cr$ 1.500,00**

AMOR PERIGOSO

Direção: James Bridges. Com Debra Winger e Mark Keylloun. Um simpático professor de tênis, entrou na vida de Betty de maneira inesperada. Apaixonada, ela não percebeu que se envolveu com um homem perigoso, e já é tarde demais para desistir deste amor. **Cr$ 1.500,00**

O PREÇO DO DESAFIO

Direção: Ramon Menendez. Com Edward James Olms e Lou Diamond Phillips. Um filme baseado em fatos reais, onde um professor leciona numa escola infestada de drogas e gangs. Porém, ele transforma os alunos em gênios e os estimula a prestar o exame de Cálculo Integral de Princetown. **Cr$ 1.500,00**

AMANTES & FINANÇAS

Direção: Alan J. Pakula. Com Jane Fonda e Kris Kristofferson.
O drama de uma elite que controla impérios e vidas. Jane Fonda é Lee Winters, líder de um conglomerado petroquímico em crise desde o misterioso assassinato de seu marido, o antigo diretor. Um consultor especialista em sistemas bancários, apaixonado por Lee, na tentativa de conquistá-la arma um plano perfeito para reerguer o conglomerado. Mas esbarra em um segredo. **Cr$ 1.500,00**

FICÇÃO

MERCENÁRIOS DAS GALÁXIAS

Direção: Jimmy T. Murakami. Com Robert Vaughn, John Saxon e George Peppard. Os pacíficos habitantes do planeta Akir estão ameaçados de destruição pelo implacável conquistador Sador. Se suas exigências não forem atendidas, Sador usará o Conversor Estelar, uma arma terrível, capaz de eliminar o planeta sem deixar vestígios. **Cr$ 1.500,00**

OUTLAND - COMANDO TITÂNICO

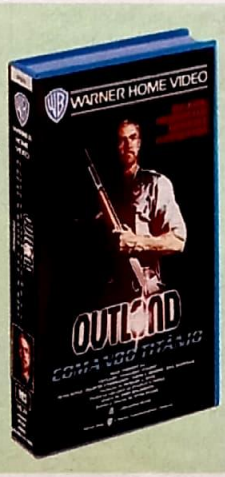
Direção: Peter Hyms. Com Sean Connery e Peter Boyle. Na lua mais distante de Júpiter, está o maior complexo de mineração do universo. Nele, não há lugar para os fracos, só os fortes sobrevivem. E só o delegado O'Neil pode manter a lei. **Cr$ 1.500,00**

THX 1138

Direção: George Lucas. Com: Robert Duvall e Donald Pleasence.
Século 25. A humanidade vive como insetos numa colméia computadorizada. Homens e mulheres trabalham à base de drogas tranqüilizantes. THX-1138 é um trabalhador que divide seu cubículo com uma fêmea, LUH 3417. De repente, passam a rejeitar a cota diária da droga e experimentam a excitação do desejo sexual. Começam a sentir, querer, pensar, mas as máquinas avançam para detê-los. **Cr$ 1.500,00**

BLADE RUNNER

O cult movie dos anos 80.



Direção: Ridley Scott. Com Harrison Ford, Rutger Hauer, Daryl Hannah, Sean Young e Edward James Olmos. Um clássico da ficção científica, onde andróides rebelam-se contra seus criadores e um Blade Runner é designado para eliminá-los. Uma belíssima metáfora sobre a vida e a ânsia pela imortalidade. **Cr$ 1.500,00**

INFANTIL

FESTIVAL DOS ANIMAIS

Patolino e Pernalonga apresentam uma sinfonia pirada que conta a história de todos os animais. E também: Hortelino Trocaletra é um cupido que faz as maiores traquinagens para deixar todo mundo apaixonado. **Cr$ 1.500,00**

UM COELHO NA CORTE DO REI ARTHUR

Pernalonga e Patolino provam que é possível derrotar os inimigos com gargalhadas. E também: Por engano, Pernalonga chega à Inglaterra dos reis e magos, causando a maior confusão.

A GRANDE CAÇADA AMERICANA

Direção: Chuck Jones. Com Pernalonga. O coelho maluco nos leva a uma deliciosa viagem através das grandes caçadas, perseguições e corre-corres dos desenhos animados. Logo após uma hilariante abertura que satiriza "Guerra nas Estrelas", Pernalonga homenageia os grandes comediantes do cinema mudo, citando desenhistas, dubladores e diretores de seus próprios desenhos. **Cr$ 1.500,00**

PATOLINO CONTINUA BIRUTA

Desde a sua estréia em 1937, Patolino vem conquistando fãs de todas as idades com o seu jeito estabanado de ser. Nesta fita, você vai encontrar oito histórias engraçadíssimas com alguns dos melhores momentos de sua carreira. **Cr$ 1.500,00**

HERÓI DOS AMERICANOS

Clyde, o sobrinho do Pernalonga, não consegue aprender a História dos Estados Unidos. Então, seu tio usa um método muito engraçado. Ele conta os fatos como se homens importantes, como General Lee e o Barão Vermelho, fossem os personagens da turma. **Cr$ 1.500,00**

AS AVENTURAS DE HORTELINO TROCA LETRAS

Em oito histórias muito engraçadas, Hortelino Troca letras vive as mais loucas aventuras de um cantor-bailarino do teatro vaudeville. Com Pernalonga como coadjuvante, Hortelino faz o show. **Cr$ 2.300,00**

WARNER HOME VIDEO

SIM! Quero adquirir fitas da Warner Home Video.

Título	Quantidade	Valor
ATENÇÃO: Custo do frete por fita Cr$ 300,00	Total	

Estou enviando cheque nominal à Warner Home Video no valor de Cr$ _____ (incluso(s) o(s) custo(s) do frete)

Recorte e coloque dentro de um envelope e envie-o à Cx. Postal 9820
Prazo de entrega: 15 dias

PERNALONGA NO INCRÍVEL MUNDO DA TELEVISÃO

Direção: Fritz Freleng, Chuck Jones, Robert McKimson. Pernalonga foi promovido a presidente de uma grande Rede de Televisão. Agora, ele tem que tomar um monte de decisões e, além disso, bancar o cantor, bailarino e ator.
E também: No dia das Bruxas, Pernalonga vai, sem querer, à casa da Feiticeira Hazel. Ele só quer tomar um chá, mas ela prefere coelho ensopado.
Cr$ 1.500,00

FRANGOLINO AGITA O GALINHEIRO

Frangolino e sua turma aprontam as maiores encrencas no galinheiro, em 8 desenhos engraçadíssimos. **Cr$ 2.300,00**

OS DOIDOS CONTOS DE NATAL DO PERNALONGA

Direção: Fritz Freleng. Com Pernalonga. Imagine o clássico conto de Natal de Charles Dickens, "A Christmas Carol", interpretado pela turma do Pernalonga.
Cr$ 1.500,00

MUSICAL

WOODSTOCK

Direção: Michael Waddeigh. Com Santana, Jimi Hendrix e Joan Baez. Em agosto de 69, o mundo foi invadido pelo rock. Meio milhão de jovens provaram que a força da música pode impedir que o sonho acabe. Um documentário que marcou época e ganhou o "Oscar". **Cr$ 1.500,00**

AMOR, SUBLIME AMOR

Direção: Robert Wise e Jerome Robbins. Com Natalie Wood e Richard Beymer. Nas ruas de Nova York, dois jovens enfrentam o ódio de gangs, rivais. Uma adaptação memorável de "Romeu e Julieta", que comoveu o público e conquistou 10 "Oscar". Música de Leonard Bernstein.
Cr$ 1.500,00

A PEQUENA LOJA DOS HORRORES

Direção: Frank Oz. Com Rick Moraniz, Ellen Greene e Vincent Gardenia. Uma loja de flores decadente, da rua, no bairro mais decadente da cidade. Com os negócios indo à bancarrota, o dono da loja decide dispensar seus dois únicos e fiéis empregados. Mas um deles compra uma planta muito estranha... e os negócios voltam a prosperar.
Cr$ 1.500,00

BIRD

Direção: Clint Eastwood. Com Forest Whitaker e Diane Venora. O universo musical do gênio do saxofone, Charlie "Bird" Parker, retratado com extrema sensibilidade. Da miséria ao sucesso, o mago do bebop detona sua música, fazendo uma verdadeira revolução musical.
Cr$ 1.500,00

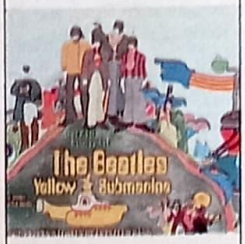
POR VOLTA DA MEIA-NOITE

Direção: Bertrand Tevernier. Com Dexter Gordon, Herbie Hancock e Martin Scorcese Paris, 1959. Um jazz-man transforma o som de seu sax em pura magia, encantando o jovem Francis Borier. Ali nasce uma intensa amizade numa história inspirada nas vidas de Lester Young e Bud Powell.
Cr$ 1.500,00

NASCE UMA ESTRELA

Direção: Frank Pierson. Com Barbra Streisand e Kris Kristofferson. Um astro do rock conhece uma cantora anônima e lhe dá uma carreira. Ela retribui com seu amor. Um filme agitado que mostra toda a energia excitante da vida de uma grande estrela. "Oscar" de Melhor Canção.
Cr$ 1.500,00

YELLOW SUBMARINE



Direção: George Dumming Com John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Star. Em Pepperland, a famosa Sergeant Pepper's Lonely Hearts Club Band é atacada pelos Malvados Tristes, seres que odeiam música, felicidade e amor. Fred, o maestro da banda, foge num submarino e vai pedir ajuda aos Beatles. Juntos, eles combatem o inimigo com suas músicas. **Cr$ 1.500,00**

TERROR

CARRIE, A ESTRANHA

Direção: Brian de Palma. Com Sissy Spacek e John Travolta. Consagração do diretor Brian de Palma e de Sissy Spacek. Carrie é uma jovem com estranhos poderes, capaz de transformar sua vida num verdadeiro inferno. Um clássico do terror. **Cr$ 1.500,00**

A HORA DO PESADELO II A VINGANÇA DE FREDDY

Direção: Jack Sholder. Com Robert Englund, Mark Patton e Kim Myers. Cuidado! Dormir pode ser muito perigoso. Freddy Krueger ataca durante a noite da maneira mais inesperada, sedento por vingança, e não há como escapar. Um filme de tirar o sono.
Cr$ 1.500,00

A HORA DO PESADELO III O GUERREIRO DOS SONHOS

Direção: Chuck Russel. Com Robert Englund, Patrícia Arquette e Zsa Zsa Gabor. Uma inexplicável onda de suicídios, envolvendo diversos adolescentes, aterroriza a pacata cidade de Springwood. Freddy Krueger espalha o terror e não há como detê-lo. **Cr$ 1.500,00**

WESTERN

SETE HOMENS E UM DESTINO

Direção: John Sturges. Com Yul Brynner, Steve McQueen, Robert Vaughn e Charles Bronson. toda a bravura do Oeste, neste clássico do gênero. É um filme inesquecível sobre sete pistoleiros, a quem nem a morte aterrorizava. Eles cavalgam juntos, lutam juntos e estão prontos a morrer juntos. **Cr$ 1.500,00**

O CAVALEIRO SOLITÁRIO

Direção: Clint Eastwood. Com Clint Eastwood, Michael Moriarty, Carrie Snodgress e John Russell. Na desenfreada corrida do ouro, o Cavaleiro Solitário aparece para defender uma pequena comunidade de mineiros contra a violência de uma poderosa corporação.
Cr$ 1.500,00

Na compra de fitas, GRÁTIS uma camiseta.

Nome _____

CIC _____ RG _____

Endereço _____

CEP _____ Assinatura _____

Validade: 30/05/90

No caso de necessitar mais um cupom tire uma cópia xerox.

WARNER HOME VIDEO

R. Estados Unidos, 840-CEP 01427 - São Paulo - SP-Tel.: (011) 280-9522

WARNER HOME VIDEO

R. Estados Unidos, 840
CEP 01427 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 280-9522

por José Mojica Marins

O HOMEM ELEFANTE

(The Elephant Man, 1980)

Há filmes que impressionam pela técnica, pela sensibilidade do diretor em retratar a trama com o exato clima; há filmes que impressionam pelo desempenho soberbo dos atores, pela conjunção completa entre profissional e personagem; há filmes que impressionam pela temática polêmica, envolvente. Quando todas essas impressões se reúnem num único filme, temos uma obra-prima.

Este é o caso de *O Homem Elefante*. Filmado em preto-e-branco, poderia bem ser uma produção de 1940. Não é. Ele foi realizado no início da década de 80. Mas se tivesse de ser realizado no século XXII, provavelmente não seria de outra forma.

A atmosfera criada por esta técnica, ao mesmo tempo que dá a densidade apropriada ao filme, cria uma metáfora da vida do personagem central, John Merrick, a quem não foi permitido viver "as cores do mundo", pelo menos durante a maior parte de sua vida; curtos 27 anos reais, visto ser o filme retrato de um drama que ocorreu no século passado na Inglaterra, em meio à fuligem da época da Revolução Industrial.

O tema não é original. Existem centenas de filmagens sobre defeituosos, seres humanos feios, privados no físico, mas sensíveis interiormente, marginalizados por completo da sociedade. A dinâmica da narração, porém, é magistral. O roteiro, a direção de David Lynch, a interpretação de John Hurt, sob pesada e perfeita maquiagem, tudo concorre para um envolvimento obrigatório com a sina deste jovem britânico.

Quem nunca se sentiu rejeitado? Pela mãe, pelos colegas, por elementos do sexo oposto; em qualquer situação, mesmo que essa rejeição seja de ordem psicológica, uma simples carência de atenção especial. É por isso que conseguimos imaginar o universo de alguém rejeitado por todos, reduzido a uma carcaça animal.

É nesse ponto que o filme choca. O "monstro" nos é apresentado sem nenhuma compaixão por parte da trama, como um possível debilóide, destinado a nos causar piedade e comoção, da mesma forma como nos comoveríamos (alguns até em maior grau) com o espancamento de um cavalo ou a caçada de um animal selvagem.

Mas há o desdobramento. Quando as carapuças vão caindo, o animal mostra-se mais que o homem. Não apenas inteligente e amável, como um ser humano normal, mas capaz de atos de compreensão muito além do que seria esperado, para alguém que no mínimo deveria ser um poço de revoltas.

A partir daí, temos de conviver com dois John Merrick. Um, apreciador de boas músicas, de teatro, um fino cavalheiro inglês; o outro, um fantoche, um boneco na mão de seus algozes, que aparece sempre que a sobrevivência corre riscos. É isso que nos revolta: a capacidade e, ao mesmo tempo, a opção por não revidar. Faz parte do seu instinto, do seu arsenal de sobrevivência. E novamente somos obrigados a refletir sobre as vezes que também não revidamos, nos desculpando, atribuindo respeito ao que é conveniência.

Assim prossegue o filme, vamos nos identificando, ora de um lado, ora de outro. Esta é a missão do cinema: jogar com o espectador, colocá-lo sob óticas diferentes, de meio assistente a protagonista, de protagonista a antagonista e novamente espectador, e assim por diante.

O Homem Elefante é o tipo de filme a que, depois de assistir, estaremos silenciosos. Não é aquele filme para assistir com os amigos e depois numa roda de chope debater, trocar impressões. O debate tende a ser interior; nossas próprias e diferentes facetas discutindo a condição humana, os outros e a si mesmo.

Afinal, até que ponto não seremos um homem-elefante? E até que ponto não seremos aqueles que o atacam?

Assisti a este filme, pela primeira vez, há quase dez anos, e até hoje reflito sobre o que vi

José Mojica Marins é diretor de cinema, cronista do jornal *S. I. News*, e criador do personagem Zé do Caixão.

Paramount

Anne Bancroft e o elefante-Merrick (John Hurt), inteligente e cavalheiro

A FELICIDADE NO PODER

A França de 1968 é vista no novo filme de Louis Malle,* Milou em Maio, *uma comédia feroz que celebra o prazer e a sensualidade da vida, pela ótica de uma família de província

Gasconha, zona rural da chamada França profunda, nos limites da vinícola Vieuzac, maio de 1968: madame Vieuzac (Paulette Dubost) sofre um ataque cardíaco e bate as botas... Iniciam-se as tribulações passageiras para Milou (Michel Piccoli), seu filho sexagenário. Um padre vem encomendar a alma da falecida; sua reza ainda ecoa quando Milou liga o rádio, para saber das últimas da revolução que, do Quartier Latin, espalha-se por toda a França.

Ao contrário do que se poderia supor, porém, a ação jamais se desenrolará fora do ambiente rural, situando-se sempre nos limites da vinícola Vieuzac ou proximidades. Os acontecimentos da capital serão acompanhados em sintonia com a rádio Europe n.º 1, num enorme receptor de rádio. Mesmo com as greves disso e daquilo, os membros da família começam a chegar para o velório da matriarca — assim tem início a trama urdida em torno de uma dúzia de personagens. As situações encadeiam-se em cenas cômicas, surrealistas, sensuais, quase sempre tendo como fundo a divisão da herança. A filha de Milou, a charmosa Camille (Miou-Miou), é o oposto completo do pai, que prefere deixar as coisas do jeito que estão para ver como é que ficam. Ela sabe o que quer e demonstra-se a mais cúpida das pessoas. Bate-se com unhas e dentes com a prima, Claire (Dominique Blanc), uma lésbica arrependida. À medida que a história avança, a desagregação da família fica mais patente, e o mesmo acontece com a situação do país, conforme constata George (M. Duchaussoy), o jornalista, irmão de Milou, que dá mais atenção ao rádio do que a Lily (Harriet Walter), a atriz inglesa com a qual se casou. Sem se fazer de rogado, Milou dá a ela mais do que a atenção merecida, convidando-a para sentir os aromas inebriantes e sensuais do vinho produzido no Chatêau Vieuzac, que envelhece nos tonéis da sua adega. As intrigas entrelaçam-se enquanto algumas das conquistas de maio de 1968 são evocadas: o amor livre, a liberação feminina, o poder jovem.

Fotos Pyramide

EXORCISMO CARNAVALESCO — Pouco a pouco "A Internacional" se torna cada vez mais audível e as greves paralisam quase totalmente o país, enquanto as manifestações realizam-se às portas dos Vieuzac. A chegada do jovem Pierre Alain (R. Danner), filho de George, facilita a eclosão do até então latente conflito de gerações. Estudante em Paris, o jovem traz na pele as marcas da

Camille (Miou-Miou) despede-se do marido (à esquerda); abaixo, Milou (Michel Piccoli), Claire (Dominique Blanc) e Grimaldi (Bruno Carette)

A matriarca, madame Vieuzac (Paulette Dubost), baila com o filho sexagenário (Piccoli)

repressão policial de que foi vítima. Ao exibi-las, conquista Marie Laure (Rozenn Le Tallec), volúvel ninfeta, namoradinha da prima Claire, que, enciumadíssima, dá uma de liberada, cedendo ao assédio do caminhoneiro Grimaldi (Bruno Carette).

A comédia muda de rumo quando os visitantes de Vieuzac dão ouvidos a boatos de que o país estaria à mercê dos "vermelhos" (no jargão militar da época, "o inimigo interior"), correndo perigo de uma iminente invasão pelas tropas da URSS. Resolvem, então, refugiar-se nas montanhas. Assim, durante alguns memoráveis dias, a decadente família e seus hospedes vivem num clima de tensão, agruras e delícias. Em certos momentos, há inversões plenas de *nonsense*, que rimam com irreverência (coisa bem ao gosto da época).

Milou em Maio é o 26.º filme do diretor Louis Malle, que assina o roteiro em parceria com Jean-Claude Carrière, um dos mais profícuos roteiristas franceses. Malle afirma que não quis fazer um filme sobre maio de 1968, mas sim aproveitar-se do microcosmo duma família da província, enfocando-o à luz dos acontecimentos daqueles dias, com todas as repercussões inerentes. Esse cineasta, que realizou seu 1.º filme em 1956, com o comandante Cousteau (*O Mundo do Silêncio*), participou ativamente das manifestações de maio, ao lado de outros membros da profissão. Em fotos e documentários, ele é visto barbudão, numa passeata em 24 de maio, que pede liberdade de expressão. Juntamente com Roman Polanski e Monica Vitti, foi membro do júri do Festival de Cannes, na mesma época, sendo o porta-voz dos seus companheiros no ato de protesto ocorrido num dos mais tumultuados festivais de que se tem notícia. Embora pudesse ter usado pelo menos um pouco disso tudo na realização do seu filme, ele não o fez. "Eu tinha uma imagem duma velha dama que morre... ela é colocada numa biblioteca e ali permanece durante a ação."

GOSTO SELVAGEM — Tal sinopse pode induzir a pensar na própria sociedade que chegou ao fim, mas não tem onde nem como ser sepultada... O fato é que a idéia para rodar esse filme — diz Louis Malle — ocorreu-lhe na primavera de 1988. Assistindo à série comemorativa dos 20 anos de maio de 1968, cuja apresentação era feita por Daniel Cohn-Bendit (um dos mais destacados líderes do movimento, atualmente deputado na Alemanha Ocidental), ele concluiu que havia uma distorção no discurso dos antigos companheiros de luta. O cineasta afirma que, como muita gente não conseguia evocar realmente como tudo acontecera, ele pensou num enredo em que maio de 1968 seria um pretexto ou um "gancho" para o desenvolvimento da ação. Malle e Carrière definem esse filme como "divertimento" e isso é bem pertinente. Michel Piccoli concorda, ressaltando que "se trata de uma comédia feroz, da qual ainda desprendem-se, hipocritamente, prazer e sensualidade da vida". *Milou em Maio* é o 117.º filme do ator, que iniciou sua carreira no cinema em 1945. Ele trabalhou sob a direção de mais de 70 diretores: Buñuel, Ferreri, Godard, Hitchcock, Truffaut, Lelouch e outros. Uma citação de Voltaire, feita pelo seu sexagenário personagem, nos envia ao princípio do prazer: "Decidi ser feliz porque faz bem para a saúde". Piccoli encarna com perfeição este gosto selvagem pela vida, cuja turbulência maior foi exposta com irreverência nos principais *slogans* de maio de 1968.

Adilson Nunes
de Paris

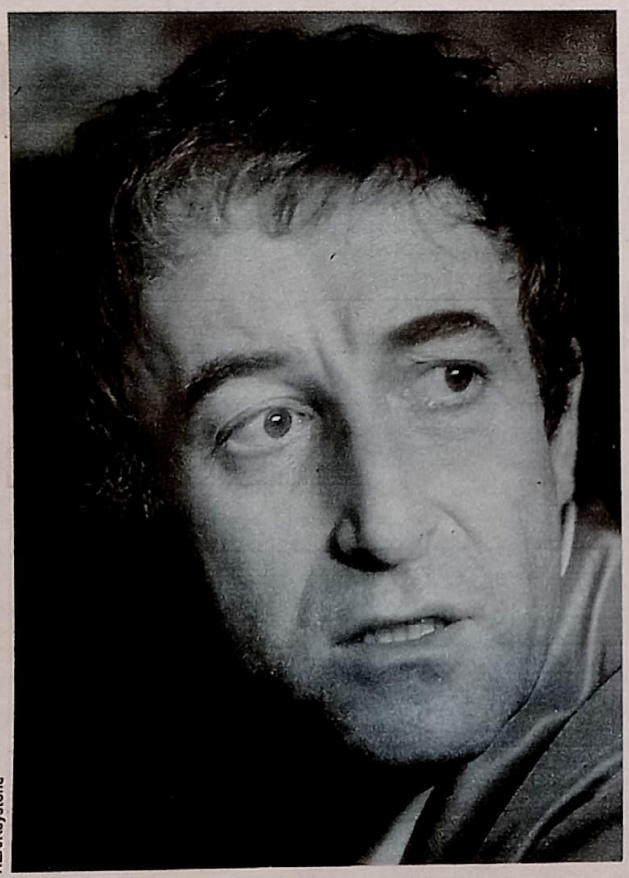
Milou en Mai, França/Itália, 1990 ■ DIREÇÃO: Louis Malle ■ Com Michel Piccoli Miou-Miou, Michel Duchaussoy, Bruno Carette ■ ROTEIRO: Jean-Claude Carrière e Louis Malle ■ FOTOGRAFIA: Renato Berta ■ MÚSICA: Stéphane Grappelli ■ MONTAGEM: Emmanuelle Castro ■ PRODUÇÃO: Nouvelles Éditions de Films/TF1/ Ellepi Films ■ DURAÇÃO: 108 min

PETER SELLERS

Um humorista vítima de doze enfartes, dividido entre seus personagens, sério e divertido na mesma medida. Um mestre minimalista do riso

Peter Sellers costumava ironizar sua própria capacidade de se transformar completamente de um filme para outro ou de contracenar consigo mesmo na mesma película, assumindo as mais distintas formas. Seu talento de camaleão, segundo ele, denunciava uma crise de identidade. Quem o conhecia jurava de pés juntos que o ator só se tornava suportável não sendo ele mesmo.

Sellers nasceu em 8 de setembro de 1925 em Southsea, Hampshire, cidade costeira da Inglaterra encravada no circuito de *music-hall*. Vindo de uma família de três gerações de saltimbancos, excursionou com seu pai e sua mãe, respectivamente pianista e atriz, em uma companhia de *vaudeville*. Mais crescido, tocou bateria em uma banda e em 1943 alistou-se na Força Aérea. Foi escalado para servir na Índia e lá divertia-se com o acirrado conflito "palatal-lingual" dos nativos para falarem o idioma dos imperialistas britânicos. Bem mais tarde, em *The Millionairess*/1960, de Anthony Asquith, Sellers usaria essas lembranças na composição do engraçado Kabir, um doutor indiano às voltas com Sophia Loren.



REX/Keystone

O ator fundou na BBC, ao lado de Spike Milligan, Harry Secombe e Michael Bentine, "The Goon Show", uma colagem inovadora que combinava anarquia, efeitos sonoros, surrealismo e sátira social, atacando o *establishment* pelo flanco da subversão total da lógica. No rádio, esse gênero trazia o germe iconoclasta que inspiraria posteriormente o trabalho do grupo inglês Monty Python. "The Goon Show" foi levado ao ar de 1949 a 1956 e o trio responsável (Bentine deixara a trupe logo no início) foi, guardando as devidas proporções, tão importante para a cristalização de uma cultura pop britânica do pós-guerra como os *angry young men* e os Beatles.

Sua estréia cinematográfica veio em *Penny Points To Paradise*/1950, de Anthony Young, em que trabalhou com os colegas do "Goon Show", usando e abusando de suas *gags* ligeiras, contando agora com o valioso apoio da imagem. Em 1955, fez um dos seus primeiros filmes de destaque. *O Quinteto da Morte (The Lady Killers)*, de Alexander Mackendrick, ao lado de Alec Guiness e Herbert Lom (o aloprado Dreyfus, arquiinimigo do inspetor Clouseau na série da Pantera Cor-de-Rosa). Outros papéis importantes viriam em *The Smallest Show on Earth*/1956, de Basil Dearden, *O Pequeno Polegar (Tom Thumb)*, 1957, de George Pal, e *Carlton-Browne of the F.O.* (1958), de Roy Boulting, esses dois últimos ao lado do recentemente falecido Terry-Thomas. Sellers ia tornando-se cada vez mais conhecido na Inglaterra.

CLOSEAU — *O Rato Que Ruge (The Mouse That Roared*, 1959), dirigido por Jack Arnold, possibilitou ao ator sua primeira oportunidade de mostrar seu dom de desdobrar-se em mais de um personagem, no caso três: a grã-duquesa Gloriana XII, o primeiro-ministro Montjoie e o arqueiro Tully Bascombe — um show de histrionismo. No mesmo ano, Peter Sellers faria a comédia *I'm All Right, Jack*, de John Boulting, que serviria como passaporte para Hollywood. Chegando à meca do celulóide, filmou *Lolita* (1961), de Stanley Kubrick, mas sua veia cômica só foi pulsar mais fortemente quando o mesmo Kubrick usou e abusou de seu dom camaleônico em *Doutor Fantástico (Doctor Strangelove, or How I Learned to Stop Worring and Love the Bomb*, 1963), em que interpretou três personagens.

No ano seguinte, Sellers se projetaria definitivamente como uma das maiores figuras cômicas do cinema no filme de Blake Edwards *A Pantera Cor-de-Rosa (The Pink Panther)*. A indefectível trilha sonora de Henry Mancini compôs o fundo para uma das mais célebres caracterizações do ator, na pele do inspetor Closeau — paródia ao detetive Hércule Poirot dos livros de Agatha Christie. Como Closeau, Sellers ainda seria visto em *Um Tiro no Escuro (A Shot in the Dark*, 1965), *A Volta da Pantera Cor-de-Rosa (The Return of the Pink Panther*, 1974), *A Nova Transa da Pantera Cor-de-Rosa (The Pink Panther Strikes Again*, 1976) e *A Vingança da Pantera Cor-de-Rosa (Revenge of the Pink Panther*, 1977), todos sob as lentes de Blake Edwards.

Edwards e Sellers tornaram-se grandes amigos e essa amizade

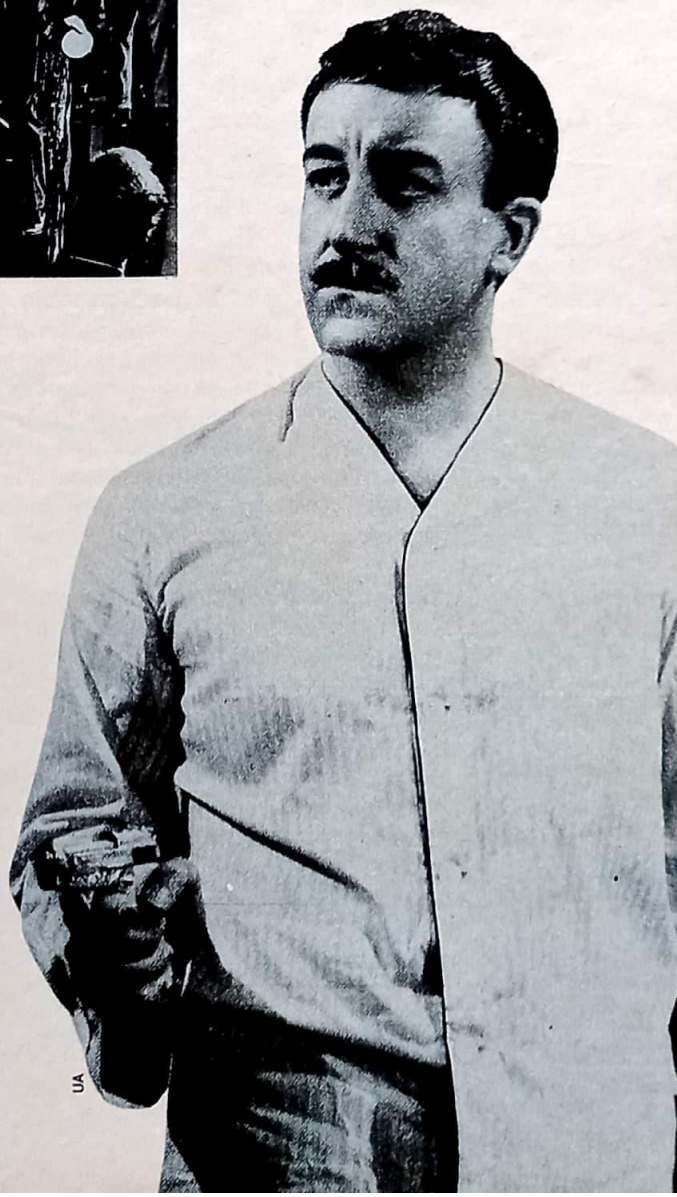
Abaixo, Sellers como é visto em Assassinato por Morte, *e à direita, em* Muito Além do Jardim

Columbia Tri-Star

Keystone

Columbia Tri-Star

Doutor Fantástico, *ao lado, um dos três personagens de Sellers no filme homônimo; no destaque, o impagável inspetor Closeau de* A Pantera Cor de Rosa



UA

traria outro grande fruto além da referida série — em 1967 o ator encarnou o figurante indiano que penetra em uma rocambolesca festa psicodélica de um figurão do cinema em *Um Convidado Bem Trapalhão (The Party)*. A composição de Hrundi V. Bkshi, o indiano com um misto de ingenuidade e oportunismo desenfreado, é memorável.

Outras produções que trouxeram Sellers em caracterizações de peso foram *Cassino Royale* (1966), de vários diretores, a aventura *sui generis* de James Bond que reuniu astros como David Niven, William Holden, Woody Allen, e *Assassinato por Morte (Murder by Death*, 1975), de Robert Moore, em que Sellers fazia uma sátira a Charlie Chan, também no centro de um elenco estelar.

ÚLTIMA AVENTURA — Mas, além de humorista acima da média, como era Peter Sellers em suas outras caracterizações fora da tela? Na vida particular o ator revelou-se um sujeito estranho, solitário e dado à reclusão. Embora fizesse a rainha da Inglaterra perder a pose de tanto rir, provocava rixas nos estúdios, demitindo diretores e atores. Como pai era considerado um tirano. Como marido (casou-se quatro vezes), um homem frio e distante.

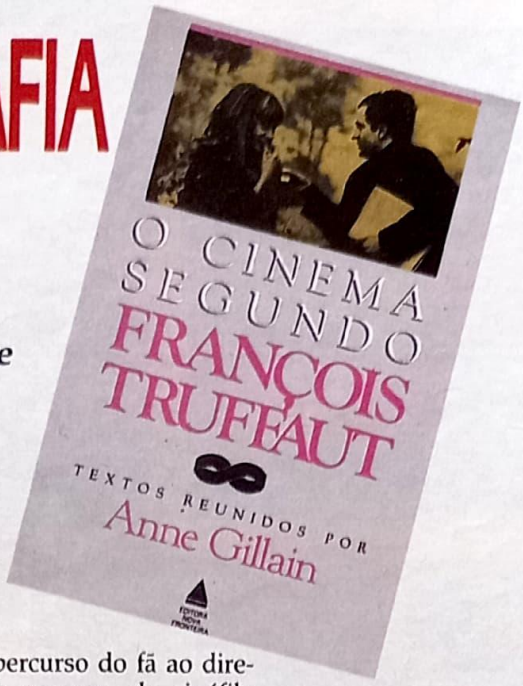
Sua saúde lhe preocupava desde o final dos anos 60 e, com o advento dos 70, Sellers via seu coração piorar na mesma proporção em que sua carreira declinava, em papéis indignos de sua estatura. Teve 12 enfartes.

Em 1977, o ator colocou um marcapasso novo e filmou *A Volta da Pantera Cor-de-Rosa*. Em setembro de 1980, Peter Sellers falecia em meio às filmagens de uma última aventura do inspetor Closeau. Dois anos depois aconteceria um fato que geraria certa polêmica tanto no meio cinematográfico quanto na família de Sellers. Blake Edwards reuniu várias seqüências não aproveitadas dos filmes anteriores e montou *A Trilha da Pantera Cor-de-Rosa*, com a reunião de vários amigos do ator, em uma espécie de homenagem póstuma.

O ano anterior, 1979, trouxera as duas últimas intervenções do artista no cinema. *O Diabólico Dr. Fu Manchu (The Fiendish Plot of Dr. Fu Manchu)*, filme que dirigiu sob o pseudônimo de Piers Haggard, em que fez dois personagens, e aquele que ficaria na memória de fãs e não-fãs de Sellers — sua brilhante caracterização do jardineiro Chance em *Muito Além do Jardim (Being There)*, de Hal Ashby. O personagem criado por Jerzy Kosinski em seu romance *O Vidiota* deu a Sellers o que ele sempre quis na vida: a oportunidade de encarnar um personagem sério, intimista e carregado de sutilezas, embora não despojado de comicidade. Seu "canto do cisne" mereceu uma indicação para o Oscar de Melhor Ator (perdido para Dustin Hoffman em *Kramer versus Kramer)* e a conquista da Palma de Ouro em Cannes. Um belíssimo fecho na carreira deste minimalista do riso.

Moisés Liporage

AUTOBIOGRAFIA INDUZIDA



Monólogo do cineasta sobre sua vida e obra em O Cinema Segundo Truffaut

Numa entrevista sobre *Os Incompreendidos* e a dificuldade em dirigir crianças, Truffaut disse: "O maior erro é tentar ser poético *a priori*. O filme se mostra poético depois de rodado, nunca antes".

Se aplicada ao livro *O Cinema segundo François Truffaut*, sua frase é quase profética. Ao reunir aproximadamente trezentas entrevistas com o cineasta francês, entre 1959 e 1984, organizando-as em cápitulos com todas as declarações sobre cada um de seus filmes, sua infância, a *nouvelle vague* e a política de autores, Anne Gillain tinha uma intenção clara: permitir o conhecimento das circunstâncias da gênese de cada filme, o contato organizado com as reflexões teóricas desenvolvidas por Truffaut e o acesso às informações biográficas presentes nas declarações sobre os seus trabalhos.

Mas o resultado obtido foi outro. A entrevista é essencialmente a arte do diálogo, da réplica inteligente. O critério adotado para a montagem das entrevistas desfigurou-as, quebrou sua continuidade original, ocasionou a repetição de várias passagens, dando um tom intimista demais para um livro de entrevistas. As perguntas parecem feitas por fantasmas a conduzir Truffaut para um grande monólogo sobre sua vida e obra cinematográfica. Uma autobiografia induzida.

O percurso do fã ao diretor de sucesso, do cinéfilo intuitivo ao crítico agudo está descrito pelo cineasta no livro. A generosidade de suas respostas revela menos os aspectos técnicos de seu trabalho do que suas concepções estéticas, as influências que recebeu, as intenções que tinha ao fazer os filmes, como os realizou.

Pode-se agora ver o equívoco do título. Não se trata de o cinema segundo François Truffaut, mas sim do cinema *de* Truffaut, analisado por ele mesmo, com toda sua cultura cinematográfica, seriedade e rigidez de crítico. Com toda a sua paixão pelo cinema. É aqui que o livro, "depois de rodado", mostra-se poético.

Para fãs incontestáveis de cinema, o livro é uma fonte de prazer e de grandes lições. Conhecer cinema hoje em dia está na moda, basta freqüentar cinema, salas de circuitos alternativos, colecionar títulos, e pronto. Mas conhecer cinema profundamente é outra história. Obrigatória para quem realmente gosta e para quem pretende seriamente fazer ou criticar cinema.

Fátima Gigliotti

O Cinema Segundo François Truffaut — Textos reunidos por Anne Gillain — Trad. de Dau Bastos — Editora Nova Fronteira — Rio de Janeiro — 452 páginas.

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, telefone para:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

Recife - Tel. (081) 224-0655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Salvador - Tel. (071) 247-1022
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Porto Alegre Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Brasília - Tel. (061) 226-6963
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Das 8h às 12h e das 13h30 às 18h

Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Das 9h às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa,
CEP 05056, São Paulo, SP.

EDITORA AZUL

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 semanas após recebermos o seu pedido.

SET-34

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____
Código de assinante _____
Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____ CEP _____
Bairro _____ Estado _____ Telefone _____
Cidade _____
Revistas que você quer receber neste novo endereço:

vídeo& EQUIPAMENTOS

Nas Locadoras

Mauro Holanda/Azul

Dois Clássicos de Fred Zinnemann e mais 55 Lançamentos
Pág. 58

Boas Novas nas Feiras

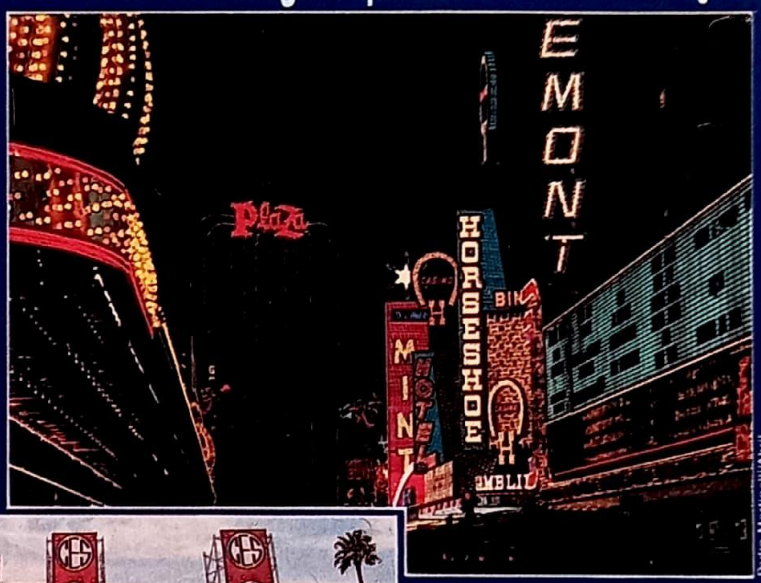
São Paulo

Na Auvicom, as Distribuidoras Descobrem o Consumidor Final
Pág. 54

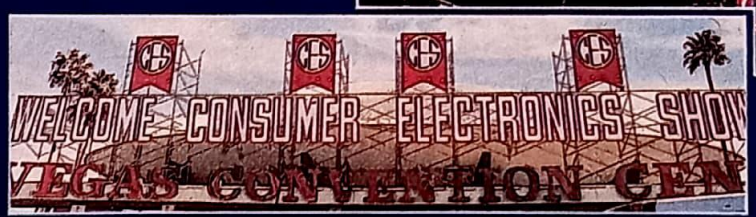
Carlos Mancini/Azul

Las Vegas

O Show de Tecnologia Japonesa
Pág. 56



Pedro Martinelli/Abril



Videocassete

VR 31, da Philips, A Boa Opção em Três Cabeças
Pág. 52

OLHA OS PRÊMIOS QUE VOCÊ VAI CRUZAR

PROMOÇÃO

CRUZADAS BIZZ

VOCÊ ENTENDE DE ROCK E TEM CRIATIVIDADE. ENTÃO, VOCÊ VAI CRUZAR MUITOS PRÊMIOS PELA FRENTE. CHEGARAM AS CRUZADAS BIZZ, UMA SUPERPROMOÇÃO DA REVISTA BIZZ, QUE VAI APAIXONAR VOCÊ COM TODAS AS LETRAS.

É SÓ RESOLVER AS PALAVRAS CRUZADAS, ACHAR A PALAVRA-CHAVE E SOLTAR A IMAGINAÇÃO. PASSE NA BANCA MAIS PRÓXIMA, LEVE BIZZ E ENTRE NESSA HOJE MESMO. VOCÊ VAI GANHAR PRÊMIOS INCRÍVEIS.

EDITORA AZUL

Alta Definição em 787,5 Linhas

Ilustração Luiz Gustavo

A Zenith — o último dos fabricantes independentes de material de vídeo norte-americano — anunciou a primeira proposta técnica para um programa de TV de alta definição de origem norte-americana, em contraposição aos japoneses e europeus. Embora a contagem de linhas horizontais da Zenith seja bem menor que a dos concorrentes — 787,5 contra as 1.125 do sistema Sony-NHK japonês e as 1.250 do Eureka europeu —, o efeito visual é "praticamente o mesmo", segundo o porta-voz da firma norte-americana.

A diferença é que o efeito de alta definição da Zenith é obtido sem o chamado *interlace*, ou seja, a sobreposição das bandas de diferentes cores que compõe a imagem. O *scanning*, a varredura eletrônica da imagem total, é progressivo, linha por linha, ao ritmo de 1/60 de segundo, o mesmo do sistema NTSC atual. O NTSC, aliás, produz uma definição real de 262,5 linhas, que só alcançam as atuais 525 graças ao *interlace*. A eliminação do *interlace*, segundo a empresa norte-americana, determina uma imagem mais estável e facilita a eliminação total de fantasmas e interferências.

Slides na Tv

Você se lembra dos velhos tempos, quando voltava de viagem e para mostrar seus *slides* aos amigos tinha toda aquela complicação da sala, da tela, das imagens meio oblíquas e assim por diante? Agora, a eletrônica vai acabar com esses problemas e incômodos. A Saba, fabricante de televisores da linha de produtos mais sofisticados do grupo Siemens, lançou o *Dia Vision:* trata-se de um projetor de *slides* comum, que no lugar da lente de projeção apresenta um sistema de reprodução da imagem em CCD (igual ao CCD das *camcorders).* O sistema CCD converte as fotografias em sinais eletrônicos, que são projetados numa tela de TV ou gravados por um VCR. Uma fita de 180 minutos pode assim memorizar até 1.080 *slides,* cada um com uma exposição de dez segundos. O sistema permite também sonorização, completando as imagens com comentários ou músicas adequadas.

Vídeo no Carro

A Hitachi acaba de lançar uma linha de produtos desenhada especialmente para carros — em particular um VCR com monitor de cristais líquidos com tela tão plana que pode ser montada em qualquer ponto do carro. E aí começam os problemas. Preocupados com os riscos e conseqüências que uma tela de TV pode trazer à vista para quem dirige, vários estados dos EUA já proibiram a instalação de um monitor de vídeo na parte dianteira da cabine de um carro, ficando autorizado só para os assentos traseiros — a não ser monitores com informações de trânsito. Para o motorista, mapas e caminhos, e para as crianças, no banco de trás, Stallone e Roger Rabbit.

Boxe Via HDTV

O recente desafio mundial de boxe entre Sugar Ray Leonard e Roberto Duran foi também a ocasião para uma estréia em vídeo. Pela primeira vez, um evento foi gravado por câmeras de alta definição (três, na ocasião) e transmitido por satélite a cinco cidades dos EUA e Canadá. Na recepção, havia monitores de 30 polegadas e telas de seis metros para projetores HDTV. Um público de mais de seis mil pessoas assistiu ao evento pagando uma entrada de 100 dólares. Para muitos, a emoção foi semelhante àquela vivida pelos espectadores das primeiras transmissões de TV nos anos 40. O evento foi montado por um consórcio entre o representante americano da NHK, o canal de televisão oficial do Japão, e uma firma de Nova York especializada em HDTV.

Outros eventos similares deverão acontecer em breve, num esforço das empresas japonesas de vídeo e TV para popularizar a TV de alta definição e impor o sistema japonês, vencendo a concorrência de produtores americanos e europeus.

Por enquanto, será mantido o esquema de transmissão em lugares públicos, exatamente como aconteceu no passado com a televisão. No Japão, a NHK já transmite aproximadamente uma hora de programa em HDTV por dia, em duzentos lugares públicos espalhados pelo país.

A Melhor Qualidade d na Opção de Três Cabeças

Reedição do G 11, da Panasonic, o VR 31, primeiro modelo nacional da Philips, possui três cabeças de vídeo, que proporcionam qualidade de still (imagem parada) a um passo da tecnologia digital

Se você tivesse de optar, na compra de um videocassete, por um modelo de três cabeças e som mono da Philips e outro com as mesmas características da Panasonic, com qual dos dois ficaria? Qualquer que tenha sido a resposta, o VR 31. que a Philips acaba de lançar, pode satisfazê-lo. Pois por dentro o VR 31 é o próprio G 11, segunda versão do G 9 Panasonic, com novo transformador de força, cujo projeto evita geração de calor excessivo dentro do vídeo, prevenindo-o contra danos ao *software* (fita) e ao *hardware* (equipamento). O G 9 é um modelo com uma estimativa de 400 mil aparelhos vendidos no Brasil, um dos mais bem-sucedidos de todos os tempos. Tanto ele quanto o G 11 e o VR 31 possuem três cabeças de vídeo, característica que os afasta da atual tendência da indústria nacional de produzir aparelhos de duas ou de quatro cabeças. A grande vantagem das três cabeças é que proporcionam melhor qualidade de *still* (imagem parada) e *slow* (câmera lenta) que a dos vídeos de duas cabeças. Na realidade, como solução de *still*, do ponto de vista da engenharia eletrônica este recurso só é superado pelo *freeze frame* (quadro congelado), da tecnologia digital. A seguir, os resultados de um ensaio técnico realizado com um modelo VR 31 cedido pelo fabricante à revista SET (ver metodologia no box).

GERAÇÃO TECNOLÓGICA — Trata-se de mais um modelo HQ *(High Quality)*, com som mono. Até agora, nenhum fabricante acenou com a possibilidade de lançar um equipamento hi-fi nacional (com som gravado por cabeças giratórias).

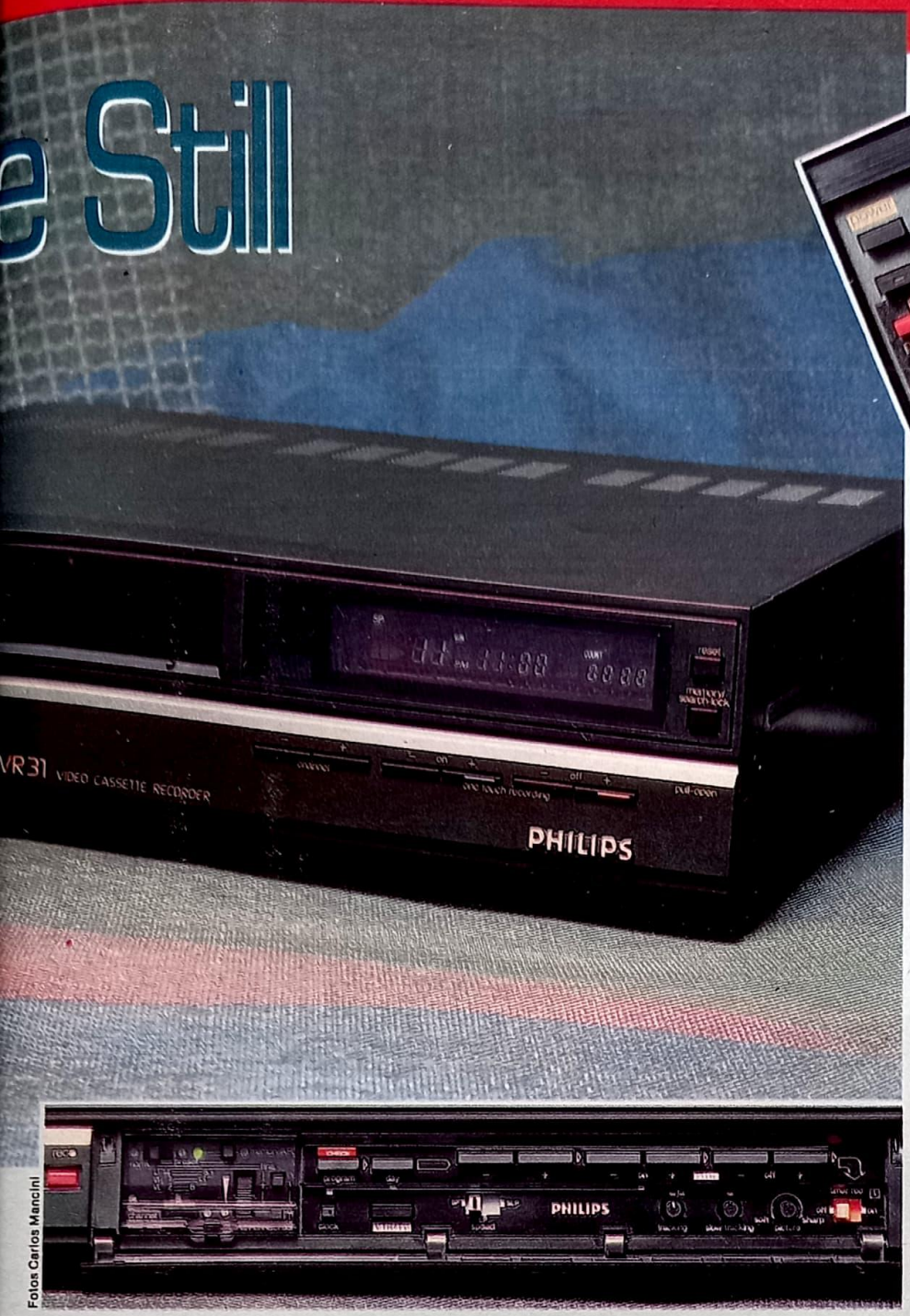
MOSTRADOR DIGITAL — Traz símbolos indicativos para o comando *stop*, setas para *play*, *rewind* e *fast-forward*, com boa visibilidade. Não incorpora a nova moda de mostrar mensagens na tela *(on screen)*, uma tendência presente nos videocassetes mais recentes.

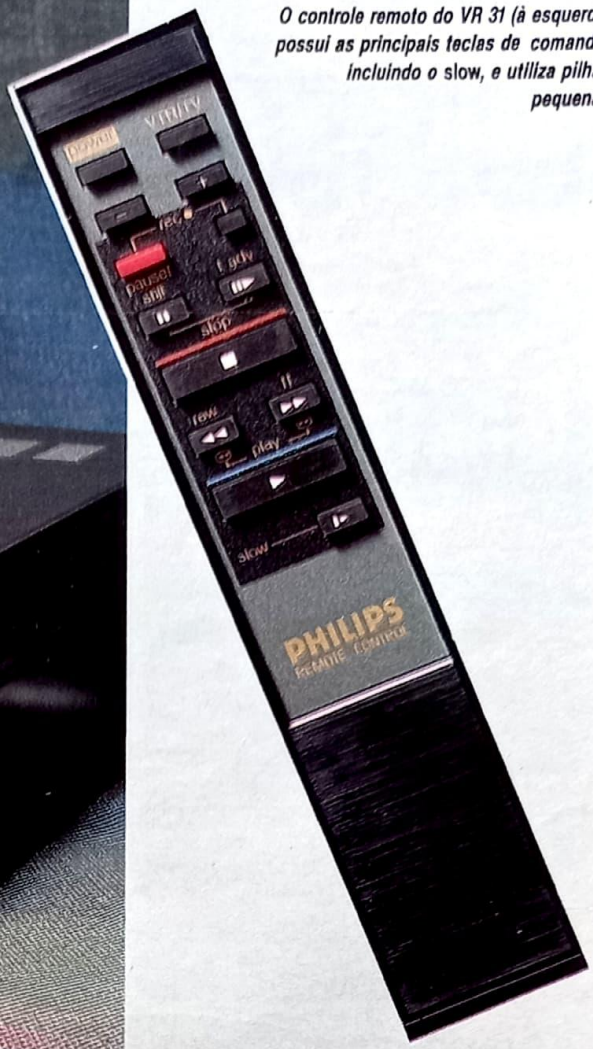
VOLTAGEM — O VR 31 seleciona automaticamente a voltagem, livrando seu dono dessa preocupação. O transformador de força possui uma blindagem mais sofisticada que a do G 9. As cabeças de vídeo estão, portanto, mais protegidas da propagação de calor. Altas temperaturas — especialmente quando se instala o vídeo em espaços quentes, em salas sem ar condicionado — aumentam as chances de danos nas fitas e diminuem a vida útil das cabeças de vídeo.

MECÂNICA — Tradicional, com acesso fácil para limpeza da área por onde corre a fita. A blindagem contra interferências é correta. O revestimento do cabo interno que liga o *tuner* (seletor) ao conversor de saída para canais 3 e 4, por exemplo, segue as normas industriais internacionais. O mesmo vale para o cabo coaxial do VR 31

GRAVAÇÃO PROGRAMADA — Prevê quatro programas para até 14 dias, com tecla de gravação a um toque (OTR) e circuito de proteção de memória para 30 segundos de interrupção de fornecimento de energia elétrica. Foi o G 9 que institucionalizou uma espécie de "mapa da mina" na programação, com teclas marcadas por setas que

e Still





O controle remoto do VR 31 (à esquerda) possui as principais teclas de comando, incluindo o slow, *e utiliza pilhas pequenas*

O VR 31 (ao lado), de três cabeças, com excelente solução de still. *No detalhe, o painel de controle, com tecla de gravação a um toque (OTR) e o "mapa da mina" para a programação*

Fotos Carlos Mancini

orientam os passos da programação a serem seguidos. O VR 31, que segue essa fórmula, é um dos videocassetes mais simples para se programar, desde que o usuário não se esqueça de posicionar a chave final em *timer.*

SLOW E STILL — Tem avanço de quadro, *slow-motion* a partir do controle remoto (em velocidade de 1/8 da gravada) e *still* com botão de *vertical lock* (que corrige o posicionamento da imagem, escondendo a faixa de ruído acima ou abaixo da imagem vista na tela) situado na parte inferior do aparelho. No exemplar cedido pelo fabricante, essa chave precisou de um ajuste, só possível com uma chave de fenda.

TRANSCODIFICAÇÃO DE CORES — Possui chaves com posição automática, NTSC e Pal-M. Recomenda-se deixá-la na posição *auto.* A chave está situada na lateral direita do aparelho, com acesso inconveniente. As cores mostraram-se corretas na reprodução de fitas seladas e na exibição via canal 3.

CONTROLE REMOTO — Com teclas fundamentais (*rec,* canais, *power* etc.) e ainda a de *slow,* usa pilhas pequenas.

MANUAL DO PROPRIETÁRIO — Confirma, pela grafia e edição, que é do próprio G 11. A Philips dá um ano de garantia.

DIMENSÕES E PESO — Mede 38 x 35 x 10 cm e pesa 6 kg.

PREÇO — Varia em torno de 647 BTN (estimativa realizada no mês de fevereiro).

Jairo Tadeu Longhi

Metodologia do Ensaio

O teste reproduz condições de uso de fitas de home video *(fitas seladas das distribuidoras). O videocassete cedido pelo fabricante é conectado a um televisor pelo cabo de RF (canal 3). As fitas utilizadas são copiadas por laboratórios de reconhecida qualidade. No caso de vídeo estereofônico, este é interligado a um amplificador e caixas acústicas, num ambiente doméstico. A tampa superior do videocassete é retirada para exame do funcionamento mecânico, das placas e dos componentes. O ensaio técnico é realizado por um engenheiro e um técnico perito. O manual do proprietário é examinado sob o ponto de vista das instruções. A responsabilidade dos resultados é da associação Equipe Jatalon.*

Distribuidores Desp para o Consumidor

A princípio concebida como evento dirigido aos profissionais do mercado de* home video, *a Auvicom 90 acabou atraindo mais de 50 mil consumidores finais, deixando claro que o público deseja ter a sua videoteca particular

Abril Vídeo

A Abril Vídeo montou dois estandes: um com filmes da Walt Disney Productions (ao lado), e outro com lançamentos da série Playboy Vídeo

O consumidor brasileiro começa timidamente a montar sua videoteca. O ritmo só não é mais acelerado porque o preço da fita selada — em média 40 dólares, o mesmo pago pelos donos de locadoras, que utilizam muito mais vezes o título — é alto. A importância de uma política de preços específica para o público e a necessidade de uma estratégia de marketing dirigida ao consumidor final foram tendências apontadas pela Auvicom/90, feira de áudio, vídeo e comunicações realizada em fevereiro em São Paulo, com promoção da empresa de promoções Alcântara Machado.

A princípio, o evento não havia sido concebido para receber o público, restringindo-se ao próprio mercado de videolocação. No entanto, acabou abrindo suas portas e atraiu com isso 54 700 consumidores finais, entre 92 mil visitantes, evidenciando que os aficionados do vídeo serão um novo filão de mercado a ser explorado nos anos 90 pelo setor. A idéia é traçar estratégias de venda diferenciadas para compradores particulares e proprietários de locadoras.

Nem todos os empresários do setor, no entanto, estão preparados para essa nova realidade do mercado de *home video*. Embora na Auvicom tenha ficado claro que o videoconsumidor quer ter sua videoteca, alguns profissionais do meio relutam em aceitar a viabilidade da idéia. É o caso de Paulo José Ferreira, gerente de marketing e vendas da CIC Vídeo. Em sua opinião, as distribuidoras não estão prontas, por ora, para atender ao consumidor final. Isso se refletiu no modo como a feira foi organizada, ou seja, como um grande escritório de negócios. Segundo Ferreira, o problema da Auvicom foi a mudança de estratégia no meio do caminho: "Se soubéssemos disso, teríamos programado promoções, brindes e até trazido algum artista para atrair atenções", lamenta.

Omar Jundi, diretor-geral da Alvorada e presidente da União Brasileira de Vídeo (UBV), acha que o setor precisa adquirir *know-how* para fazer um evento para os compradores com um centro de atrações permanente para o público, pois é difícil conciliar o atendimento a compradores de perfis tão diferentes. A Alvorada Vídeo fez a reconstituição de um cinema antigo, com a distribuição de "lanchinhos" mais tradicionais das sessões da tarde: 80 mil Mentex e 20 mil chocolates. As sessões exibiam os *trailers* de lançamentos de distribuidora, como *A Hora do Pesadelo 5*.

SUPERMERCADO — Embora seu próprio estande não tenha decepcionado os visitantes — fossem eles compradores ou donos de locadoras

ertam Final

—, Omar acha que muitos expositores foram surpreendidos pela presença do público leigo.

Segundo Omar, a implantação de preços mais acessíveis para a compra de fitas deve ser efetivada até o final do ano. A estratégia seria vender os títulos em catálogo por preços mais baixos, reservando os lançamentos para as locadoras. "É também uma forma de aumentar a receita das distribuidoras, eliminando estoques residuais", diz Ferreira, da CIC. Para ele, contudo, isso só será possível quando houver uma massa maior de distribuição e a redução da alíquota de importação, que encarece o custo das fitas.

Nos Estados Unidos, a prática do *sell-through* (venda direta ao consumidor) é uma realidade, com fitas vendidas em média por 29 dólares, ante 75 dólares fixos para as locadoras. Para Steve Solot, presidente para a América Latina da Motion Picture Export Association of America, que congrega as distribuidoras daquele país, o sistema será viável no Brasil desde que haja a compensação da redução de preços pelo volume das vendas. Com os preços salgados, as vendas para o público não foram altas, mas serviram para delinear a preferência pela aquisição de títulos clássicos para se iniciar uma videoteca.

Das 60 mil fitas vendidas pela Vídeo Arte, que representa a Metro-Goldwyn-Mayer/United Artists e a National Geographic Video no país, 1 872 foram negociadas com o consumidor final. Somente o clássico *Ben Hur,* filme mais premiado de Hollywood, com 11 Oscars, vendeu 7 500 exemplares no total. A Vídeo Arte faturou 2,5 milhões de dólares durante o evento. Ela organizou um supermercado do vídeo, com guarda-volumes, cestinhas e até carrinhos para as compras. Nas prateleiras, podiam ser encontrados produtos como camisetas, bolsas, toalhas, adesivos e *posters,* sempre inspirados nos filmes da MGM/UA.

A Warner Home Video, que reservou 14 títulos novos para a Auvicom, comercializou 42 mil fitas, com 3 700 compradas por particulares. O filme *Batman* foi responsável pela negociação de cerca de 16 mil unidades. A empresa montou uma "batcaverna" para promover o seu lançamento.

Mesmo não tendo sido projetada para atender à curiosidade dos visitantes, mas funcionar apenas como um escritório de negócios, a Auvicom inventou suas próprias atrações. O apelo erótico, por exemplo, já estava previsto. Afinal, tornou-se uma espécie de ingrediente indispensável à realização de qualquer tipo de feira. O destaque ficou para a "playmate" da edição do mês de março da revista "Playboy" americana, Tawnny Cable, que, ao vivo, distribuiu autógrafos no estande da Abril Vídeo.

A Auvicom/90 movimentou cerca de 260 milhões de dólares, com a comercialização de 220 mil fitas. Segundo Omar Jundi, o evento mostrou a maturidade do setor, "que terá como desafio para os anos 90 a implantação de uma estratégia segmentada para conquistar o bolso do público". Para ele, o principal ganho foi o marketing institucional.

Cristina Maiello

Fotos Carlos Mancini

A "batcaverna" (à esquerda) deu um charme gótico ao estande da Warner; acima, uma videocriatura do artista plástico Otávio Donasci, uma das atrações da feira

Japoneses Dominam Mercado Americano

Do sistema de áudio digital aos conjuntos portáteis, com telas de cristal líquido, a Winter Consumer Eletronics Show, de Las Vegas, confirmou a hegemonia tecnológica do Japão sobre os EUA, mostrando câmeras, videocassetes e TVs altamente sofisticados

A Winter Consumer Eletronics Show de Las Vegas, realizada a cada início de janeiro, confirmou neste ano a predominância das novidades européias e principalmente japonesas sobre a produção norte-americana. Nada mais lógico, já que, segundo a revista italiana *Top Video*, mais de 60% do mercado americano de televisores e 42% do de videocassetes são dominados por empresas estrangeiras.

Outro ponto foi a confirmação da tendência da produção e do mercado da eletrônica de consumo para produtos cada vez mais sofisticados (VCR e camcorders) e cada vez maiores (as TVs). Os *players* de CD-Vídeo continuam numa fase intermediária, sem nunca alcançar o sucesso tão esperado.

Alguns anúncios de futuros produtos, pelas grandes empresas, causaram mais impacto que as próprias novidades expostas. A JVC, por exemplo, anunciou ter desenvolvido trilhas sonoras digitais para vídeo Super-VHS *hi-fi*. A Sony e a Panasonic, por seu turno, prometeram introduzir imediatamente no mercado americano vídeos no sistema DAT (*digital audiotape*). De acordo com a JVC, no seu novo sistema o sinal digital de áudio é codificado na fita com a informação de vídeo, exatamente como as trilhas *hi-fi* estéreo dos vídeos já existentes.

A Panasonic informou extra-oficialmente à revista americana *Video Review* que lançará no meio

Pedro Martinelli/Abril

Canon

Canon

A Canon e suas câmeras: a still video (à esquerda) produz até 20 fotos por segundo; abaixo, a HS 680, com gravação em hi-fi estéreo

do ano dois modelos de toca-discos de CD-vídeo: um, ultra-sofisticado, da linha Prism, e outro mais modesto, sem os controles múltiplos de funções especiais encontrados no Prism. Os dois são auto-reverse.

POUCAS NOVIDADES — Os novos produtos expostos na feira representam, em sua maioria, versões melhoradas de modelos anteriores, sem muitas inovações espetaculares. No setor de câmeras HI-8, uma das estrelas foi o modelo HS 680 da Canon, que traz como novidade a gravação em *hi-fi* estéreo. A nova câmera emprega o dispositivo CCD (*charge coupled device*), de alta definição (360 mil pixels).

No formato VHS, a câmera que exibiu mais recursos de efeitos especiais acionáveis durante a própria gravação foi a FS 550, da Panasonic. Entre outras possibilidades, a FS 550 oferece paralisação digital da imagem e passagem de uma cena a outra por meio de efeitos de edição como a "cortina" diagonal, vertical ou horizontal, ou ainda por meio de um quadro que se abre do centro para as bordas.

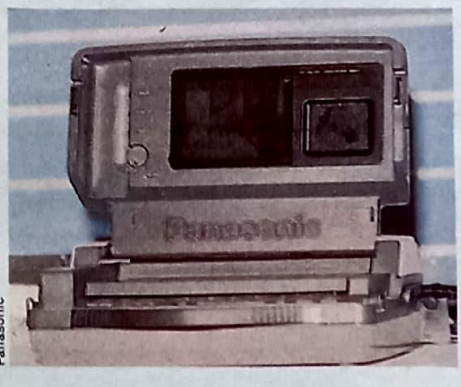
Com ótima fidelidade de imagem, conseguida com apenas dois lux de luminosidade, a camcorder VL-V285 da Sharp (apelidada de *cat's eye* — olho de gato) revelou-se uma das mais sensíveis da feira. Com possibilidade de controle de foco manual ou eletrônico, a VL-V285 conta com *zoom* motorizado, que amplia até 12 vezes.

No campo do *still video*, a Toshiba apresentou uma câmera totalmente digital, que armazena imagens num cartão com circuito integrado, em lugar do disco magnético. O sistema completo inclui um computador pessoal e um gravador DAT com capacidade para arquivar mil stills (imagens congeladas) e possibilidade de sonorizar as imagens com comentários, narração ou trilha sonora. A Canon, por sua vez, apresentou extra-oficialmente, mas não expôs ao público, uma nova versão de sua *still video camera* (que produz fotos a partir da imagem de vídeo), com tecnologia derivada do sistema Vídeo HI-8 de alta definição, com separação dos sinais de luminância e crominância para uma melhor qualidade da imagem, como no super VHS. A gravação é feita em *floppy disc* (disquete maleável) de formato pequeno, com mais de 360.000 pixels de definição e mais de 400 linhas. Cada disquete pode conter até cinqüenta imagens. A nova câmera Canon pode produzir até vinte fotos por segundo.

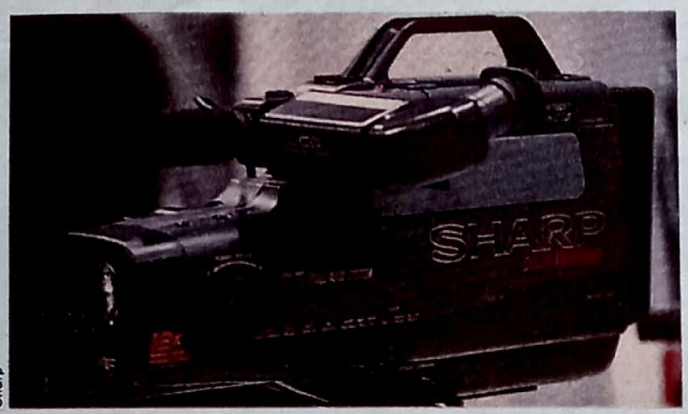
Entre os conjuntos compactos portáteis, destacaram-se o Casio VF 7000, o *Handy Vision* VC-V540 U, da Sharp, e o PV-M429, da Panasonic, todos no formato VHS. São compostos de videocassete, microtela (quatro polegadas) de cristal líquido e controle de sintonia VHF/UHF para recepção dos canais de TV. Pesando quatro quilos, o VF 7000, além da bateria própria, pode ser conectado à corrente elétrica mediante transformador ou também à bateria do carro. Ainda mais compacto e portátil, o VC-V540 U da Sharp conta praticamente com os mesmos recursos e a mesma tela de cristal líquido de quatro polegadas. O monitor, de matriz ativa com 115.200 pixels de definição, permite a visualização das funções graças à técnica OSD (*on screen display*).

O mercado de fitas virgens de vídeo também conheceu algumas novidades. A TDK apresentou uma Super VHS T-160 e uma S-VHS-C de trinta minutos (cada uma custa quinze dólares). Também a JVC e a Panasonic lançaram fitas S-VHS-C de trinta minutos, que podem gravar até noventa minutos na velocidade EP. A TDK e a Maxell introduziram também fitas de pó de metal (*metal powder*) no formato HI-8.

As TVs com retroprojeção, com suas telas de grandes dimensões, chamaram muito a atenção do público, em especial o modelo VS-12001 da Mitsubishi, com suas 120 polegadas, um recorde atualmente. Mais modesto no tamanho, mas com excelente qualidade de imagem (650 linhas de definição horizontal) é o SDP 03 da Pioneer, com tela de 40 polegadas e possibilidade de visão correta da amplitude de 140 graus. Na outra extremidade, a Sanyo apresentou uma minitela LCD de televisão, tão fina que pode ser encaixada na capa dura de uma agenda... ■



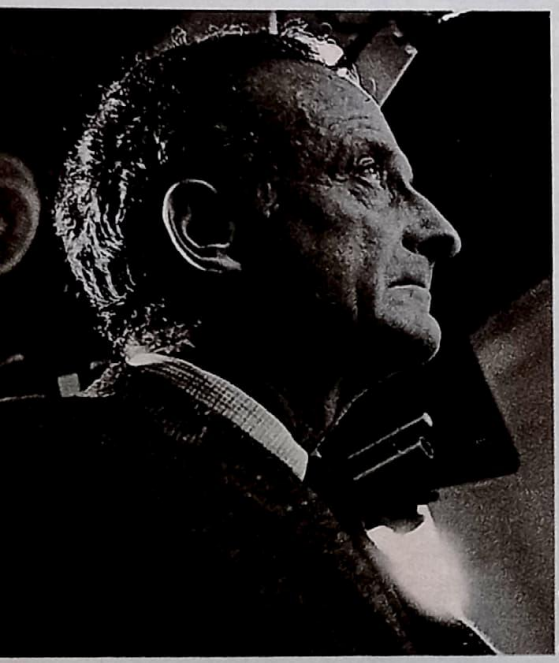
Panasonic



Sharp

Acima, o conjunto PV-M429, da Panasonic; ao lado, a camcorder VL-V285, da Sharp, apelidada de cat's eye, uma das mais sensíveis da feira

Mestre da Moralidade



Camera Press

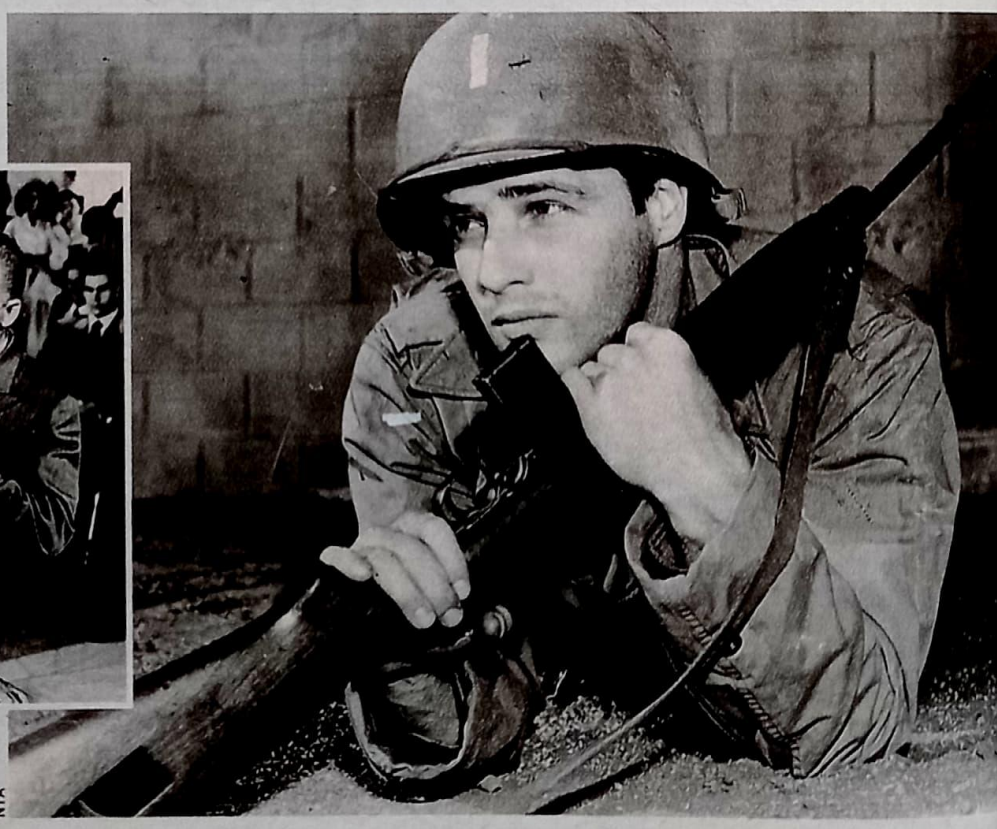
Fred Zinnemann rodou algumas fitas primorosas, vigorosos painéis sobre a moralidade. Seus personagens têm uma bravura individual — são de uma estirpe que não se dobra às pressões coletivas

Fred Zinnemann é o cineasta dos homens de princípio. Os protagonistas dos seus filmes são personalidades que não se vendem, ancoradas na mais sólida moralidade, geralmente à deriva no mar de lama da patifaria vigente. Dois desses exemplos de estoicismo podem ser vistos em clássicos agora lançados em vídeo. Um deles, *Matar ou Morrer*, é freqüentemente considerado parte do maior duo do western, emparelhado com *No Tempo das Diligências* (*Stagecoach*, 1939), de John Ford. O outro possui o mérito inestimável de ter lançado o ator Marlon Brando no cinema, numa história de inválidos de guerra — *Espíritos Indômitos* (1950).

Zinnemann nasceu na Áustria, em 1907, vindo aos Estados Unidos em 1929, com um diploma de Direito debaixo do braço e outro de fotografia e iluminação. Começou como extra em *Sem Novidade no Front*, em 1930. Seus trabalhos mais importantes de diretor podem ser contados a partir de 1944, com *A Sétima Cruz* (*The Seventh Cross*, com Spencer Tracy), depois de ter dirigido vários curtas e longas-metragens. Antes de levar Brando ao cinema, teve também a honra de apadrinhar outro notável talento, o ator Montgomery Clift, em *Perdidos na Tormenta* (*The Search*, 1948).

Mas foi a estréia de Brando a mais sensacional. O ator vinha de um sucesso no teatro — *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams, que depois interpretaria no cinema — para dar vida a um personagem dificílimo, talhado, no entanto, à perfeição para a sua técnica. Ele é Ken, oficial ferido na guerra e tornado paraplégico. Internado num hospital do Exército, recusa-se, como muitos outros, a reintegrar-se na sociedade. A noiva, Ellen

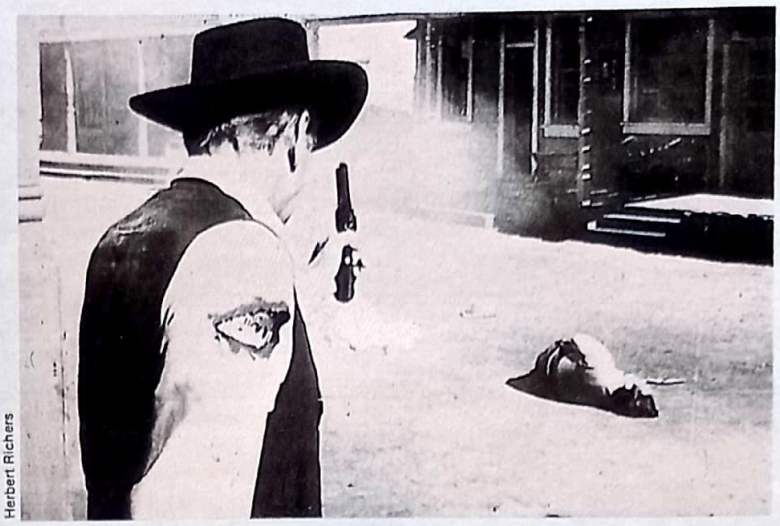
Herbert Richers



NTA

Brando como o tenente Ken, ainda em combate (ao lado) e casando com Teresa Wright, amparado pelo médico (Everett Sloane). No alto, Fred Zinnemann

Liaison-Gamma Sigla



Herbert Richers

Dois momentos de* Matar ou Morrer: *ao lado, Gary Cooper, o xerife, se prepara para o duelo com os facínoras. Grace Kelly, a esposa recém-casada, tenta dissuadi-lo (os ponteiros do relógio marcam exatamente o meio-dia, hora do embate). Acima, uma das seqüências cruciais do tiroteio, com um dos bandidos tombado e o xerife ferido no braço

(Teresa Wright), insiste em se casar com ele. Depois de relutar muito tempo, Ken concorda com o casamento, que, logo na consumação, parece fadado ao fracasso. Somam-se ao drama central os conflitos de um punhado de companheiros do hospital, todos marginalizados, mesmo quando reina uma aparente integração à vida normal.

FÚRIA E DESPROTEÇÃO — A chave do filme é justamente a determinação desses homens de assumir um lugar ao sol. Ken representa o orgulho dos guerreiros caídos, que não se dobram, apesar das pernas paralisadas. São tratados com ingratidão e desprezo, quando não vítimas de uma mórbida curiosidade. A ação reduz-se quase que totalmente ao hospital militar. Boa parte dos figurantes é composta de veteranos paraplégicos. O médico dos rapazes é interpretado por um nome importante de *Cidadão Kane,* de Orson Welles, o ator Everett Sloane. Jack Webb é Leo, um soldado de cavanhaque e laivos intelectuais que se envolve com uma mulher vulgar. Brando, no entanto, é quem rouba a cena. Ainda era muito jovem (26 anos) e carregava uma espécie de fúria interior, que se revelava em momentos mais dramáticos com grunhidos de uma fera antes do ataque. Sua caracterização é cheia de texturas diversas, podendo oscilar para uma intensa ternura e desproteção. O cinismo que foi capaz de somar a essas oscilações intensas é que fez dele um ator que ainda impressiona, com uma presença absurdamente magnética. Em *Espíritos Indômitos* ele dá um tom clássico, de tragédia grega, ao guerreiro moderno ferido, ainda despojado de alguns cacoetes, notadamente na dicção, que podem ser contados entre os seus raros defeitos. Isso certamente deve ser debitado à direção de Zinnemann, árida e fluente, deixando os pontos luminosos apenas para a consciência manifesta pelo personagem de Brando e seus conflitos.

COVARDIA COLETIVA — Consciência, bravura, solidão e medo reverberam com força em *Matar ou Morrer* (1952), um antiwestern que se transformou, com o passar dos anos, numa obra-prima do gênero. O tempo da ação é quase real: de cerca de 10 horas da manhã de um domingo até um pouco depois do meio-dia, cujos ponteiros cravados revelam o ápice da ação. Um xerife madurão (Gary Cooper) está-se casando com uma jovenzinha um tanto carola (Gracy Kelly), quando recebe a notícia de que um dos bandidos que prendeu e que mofava há anos na penitenciária está de volta à cidade para a forra. Seus comparsas esperam-no na estação, enquanto o xerife, partindo às pressas para a lua-de-mel num primeiro momento, resolve voltar e enfrentar os bandidos em seguida. A cidade, porém, se recusa a ajudá-lo. Aqui e ali as dissidências vão aumentando, até que culminem com uma incontornável solidão do bravo. O excepcional nesta história de covardia coletiva e coragem solitária é o deserto de ação que comanda a maior parte do filme, equilibrado, em contrapartida, por uma tensão crescente, quase insuportável, que arrasta lentamente todo o conflito do faroeste para o encontro entre o xerife e os quatro facínoras marcado para o meio-dia — ação concentrada e dispersão comandadas com rigor e concisão. Há tiros, mortes, cavalgadas, duelos no sol a pino, mas o que impera neste western não característico é um drama psicológico bem ao gosto de Fred Zinnemann, amante de duelos de consciência e embates de moralidade. Tanto *Matar ou Morrer* quanto *Espíritos Indômitos* revelam uma inestimável parceria: a de Zinnemann, Carl Foreman (o roteirista) e Dmitri Tiomkin (música). Foreman alinhavou um roteiro para *Matar ou Morrer* que pode ser lido como sua luta pessoal (e por tabela a de seus pares) contra a caça às bruxas promovida pelo senador Joseph McCarthy contra aqueles que acusava de comunistas, à frente do comitê de investigação de atividades antiamericanas. Anos depois, Zinnemann confirma a intenção do roteirista. É mais uma obra-prima de tempos de crise.

Zinnemann ainda rodaria grandes filmes, como *A um Passo da Eternidade* (1953), libelo antimilitarista com o qual Frank Sinatra conseguiu provar que era capaz de atuar. Ele também levou à tela mais um grande personagem determinado e inflexível, o filósofo Thomas More, que desafiou o próprio Henrique VIII em *O Homem que Não Vendeu Sua Alma* (*A Man for All Seasons,* 1966), ainda um vigoroso painel sobre a moralidade. Em 1977, uma mulher ingressa nessa galeria de espíritos indômitos: Julia, do filme homônimo, vivida por Vanessa Redgrave, ela também uma mulher notável.

Carlos Volpato

High Noon, EUA, 1952 ■ DIREÇAO: Fred Zinnemann ■ Com Gary Cooper, Thomas Mitchell, Lloyd Bridges, Katy Jurado, Grace Kelly, Otto Krugger, Lon Chaney, Lee Van Cleef ■ ROTEIRO: Carl Foreman, baseado na história *The Tin Star*, de John W. Cunningham ■ FOTOGRAFIA: Floyd Crosby ■ MÚSICA: Dmitri Tiomkin ■ PRODUÇÃO: Stanley Kramer ■ DURAÇÃO: 85 min ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: Herbert Richers.

The Men, EUA, 1950 ■ DIREÇÃO: Fred Zinnemann ■ Com Marlon Brando, Teresa Wright, Everett Sloane, Jack Webb, Richard Erdman, Virginia Farmer, Dorothy Tree, Howard St. John ■ ROTEIRO: Carl Foreman ■ FOTOGRAFIA: Robert De Grasse ■ MÚSICA: Dmitri Tiomkin ■ PRODUÇÃO: Stanley Kramer ■ DURAÇÃO: 85 min ■ DISTRIBUIÇÃO EM VÍDEO: Herbert Richers.

VÍDEO LANÇAMENTOS

DRAMA

O FUTURO É MULHER ••

(Le Futur Est Femme, França, 1984)
Direção: Marco Ferreri. Com Ornella Mutti, Hanna Schygulla, Niels Arestrup. Mundial.

Pode-se sempre contar com surpresas — agradáveis ou não — nos filmes do "marginal" Ferreri. Ele já fez ousadias maiores em *Dillinger Está Morto* (1968) ou em *A Comilança* (1973)... Neste *O Futuro é Mulher* nada soa arrebatador ou cáustico, como se poderia esperar. Tudo é frio, meramente pretensioso e sem a menor irreverência. Malvina (Ornella) é uma garota grávida e sedutora que é acolhida e imediatamente expulsa da casa de Jordan (Arestrup) e Anna (Hanna). A futura mãe solteira descobre que é capaz de seduzir marido e mulher e vai pra cama com ambos. Torna-se uma espécie de "virgem Maria" particular, capaz de gerar um redentor das amarguras e do tédio modernos. Pouco, muito pouco além disso vai o enredo. A moral e o sentido da história, apesar das tonalidades ecológicas e humanistas, parecem estar perdidos em algum panfleto hippie dos anos 60/70. *D.G.*

NINGUÉM NASCE INOCENTE ••

(Original Sin, EUA, 1989)
Direção: Ron Satlof. Com Charlton Heston, Ann Jillian, Robert Desiderio. Paris.

Um idoso Charlton Heston retorna numa produção feita para a TV. Ele encarna o pomposo mafioso Louis Mancini, pai de John Richards (Robert Desiderio), com o qual está de relações cortadas. John é casado com Sharon (Ann Jillian). Os problemas começam quando Mathew, o filho único do casal, é misteriosamente seqüestrado. Sem pistas e desesperado, John suspeita do próprio pai, envolvido numa complicada disputa entre famílias da Máfia. O veterano ator de *El Cid* e *Ben-Hur* tenta fornecer certa grandiloqüência ao papel, mas a direção não se redime de seu "pecado original": é fria e sem sabor. *A.Q.N.*

AMANTES E POLÍTICOS •

(Washington Mistress, EUA, 1982)
Direção: Peter Levin. Com Richard Jordan, Lucie Arnaz. Herbert Richers.

Tendo como cenário os altos escalões do poder em Washington, o filme aborda o *affair* entre o advogado espertinho Michael (Richard Jordan, conhecido de *Interiores, Duna, O Segredo do meu Sucesso*, entre outros filmes) e Maggie (Lucie Arnaz), assessora de um senador. O problema é que Michael é casado, e a *love story* chega a um impasse, já que ele não quer abdicar de sua posição nem de seu casamento. O tema (batidíssimo e novelesco) do conflito sentimento *versus* carreira é tratado com muita previsibilidade, emoldurado pela paisagem turística, burocrática e cafona de uma Washington de cartão-postal. *A.Q.N.*

PAIXÕES VIOLENTAS •

(Against All Odds, EUA, 1984)
Direção: Taylor Hackford. Com Jeff Bridges, Rachel Ward, Jane Greer, Richard Widmark. Abril Vídeo.

Remake de um clássico *noir* de 1947 — *Out of the Past*, de Jacques Tourneur —, essa tentativa de Hackford parece fadada ao fracasso. A história de um ex-jogador contratado por um *bookmaker* para descobrir o paradeiro de sua amada, gerando um conflito de paixões ardentes, perdeu toda a emoção e graça devido à mão pesada do diretor. Ao retirar todos os elementos que caracterizam o ciclo de filmes *noir*, Taylor Hackford transformou o argumento num emaranhado sem sentido e arrastado. Nada abandona o lugar-comum, nem mesmo a tradicional perseguição automobilística Porsche *versus* Ferrari em Sunset Boulevard. *J.A.J.*

LÁGRIMAS DO SILÊNCIO ••

(Bridge to Silence, EUA, 1988)
Direção: Karen Arthur. Com Marlee Matlin, Lee Remick, Michael O'Keefe. Vic Home Video.

Melodrama familiar do tipo "a gente briga, mas acaba fazendo as pazes no final". No papel de uma atriz surda, Marlee Matlin (vencedora do Oscar por *Os Filhos do Silêncio*) perde

AMARGO PESADELO ••••

(Deliverance, EUA, 1972)
Direção: John Boorman. Com Jon Voight, Burt Reynolds, Ned Beatty, Ronny Cox. Warner

O inglês Boorman viveu, entre 1967 e 1973, sua primeira grande fase, dirigindo *À Queima-Roupa* (talvez o primeiro filme daquela década a retomar o gênero *noir*), o brilhante duelo de *Inferno no Pacífico, Príncipe sem Palácio* (rendeu-lhe um prêmio de direção em Cannes) e o visionário e esquisito *Zardoz*, além deste *Pesadelo*. Entre um e outro escorregão fez depois *Excalibur* e, mais recentemente, o nostálgico *Esperança e Glória*. Mas o rio que corre em *Esperança e Glória*, como metáfora da vida que continua apesar da guerra, é bem outro em *Amargo Pesadelo*. Aqui, ao contrário, é um fim de semana de paz que revela outra guerra surda, ainda mais surpreendente e atroz.

O curioso é que essa trama brutal, que não desagradaria aos fãs de Peckinpah (o personagem de Jon Voight, na sua autodescoberta como ser capaz de violência, tem uma evolução similar à de Dustin Hoffman em *Sob o Domínio do Medo*), foi baseada no primeiro romance do consagrado poeta americano James Dickey. Ele, em pessoa, ajudou Boorman a enxugar o roteiro de suas digressões sobre a relação homem-natureza, e até faz uma ponta no filme, como xerife.

Em busca do "último rio despoluído da Geórgia", ameaçado de destruição, quatro cidadãos de Atlanta,

Warner

O fim-de-semana nada agradável de Voignt, Cox e Beatty

EUA — um comerciante gordo (Ned Beatty), um artista (Ronny Cox) e um intelectual (Voight), liderados por um cultor da natureza e da forma física (o canastrão Reynolds, em seu melhor papel) — enfrentam as perigosíssimas corredeiras, de barco. Pior é o que espreita da margem. Desde o momento em que estacionam em um povoado (onde se dá a única comunicação, em forma primitiva, com os caipiras da região: o fabuloso duelo de banjos entre Cox e um débil mental, que virou marca registrada do filme), o desacerto com os esquisitos habitantes se anuncia. E se concretiza em curra, mutilação e assassinato. O rio tudo lava. *Alex Antunes*

RUIM ●
REGULAR ●●
BOM ●●●
EXCELENTE ●●●●
OBRA-PRIMA ●●●●●

o marido em um acidente automobilístico e se vê obrigada a deixar a filha de 4 anos com seus pais, enquanto se recupera do trauma. Como o pouco sofrimento é um desperdício num filme deste gênero, a pobre mulher ainda tem de enfrentar a mãe vilanesca (Lee Remick), que não quer devolver a criança. Interessante atuação de Matlin, surda na vida real, que tem a oportunidade de desempenhar com muitas falas. Para ver com o lenço na mão. *A.V.M.*

MINHA TERRA, MINHA VIDA ●●
(Country, EUA, 1984)
Direção: Richard Pearce. Com Jessica Lange, Sam Shepard, Wilford Brimley, Levi Knebel. Abril Vídeo.

Minha Terra, Minha Vida trata do aspecto social e econômico dos fazendeiros do Meio-Oeste americano. Por esse motivo (o excessivo "tom local") torna-se desinteressante e enfadonho. A trama é centrada nos problemas de sobrevivência dos agricultores de Iowa que tomaram grandes empréstimos do governo, por meio de seu órgão oficial, e de repente se vêem na obrigação de quitá-los do dia para a noite. Como a tarefa é quase impossível, os burocratas começam a saldar as dívidas por leilões. É aí que entra a heróica Jessica Lange, que, sem o apoio do marido Sam Shepard (numa caracterização atípica, como um personagem fraco), organiza um movimento de boicote aos leilões. Aos 35 anos e sem maquiagem, Lange dá um show de interpretação, mostrando por que investiu tanto (ela é co-produtora) — seu personagem é a única coisa boa de se ver. *D.P.*

O SUBSTITUTO ●●●●
(The Stunt Man, EUA, 1980)
Direção: Richard Rush. Com Peter O'Toole, Steve Railsback, Barbara Hershey, Chuck Bail. América.
Fugindo da polícia, Cameron (Steve Railsback) invade um *set* no qual está sendo rodado um filme sobre a Primeira Guerra Mundial. Intempestivo, o jovem acaba provocando a morte do dublê, que se afoga ao despencar da ponte com o carro que usava numa arriscada seqüência. Cameron está enrascado, mas, para sua sorte, Eli Cross (Peter O'Toole, numa soberba interpretação), o diretor do filme, não só não o denuncia à polícia como ainda faz com que assuma a identidade e o perigoso trabalho do dublê morto. Cameron não tarda, porém, a convencer-se de que fez um péssimo negócio. Cross revela-se um diretor prepotente e autoritário, e Cameron começa a desconfiar de que, na verdade, ele pretende matá-lo durante a filmagem. Suas suspeitas crescem ao envolver-se com a estrela (Barbara Hershey) do filme que está sendo rodado, a ponto de entrar em pânico quando o diretor mete-se a fazer alterações no roteiro.
O produtor e diretor Richard Rush suportou um doloroso calvário (trabalhou anos no projeto e chegou a sofrer um enfarte) antes de encontrar um distribuidor para o seu filme. O sacrifício, porém, valeu a pena.
Ousado, intrigante, irresistivelmente interessante (o impecável roteiro assinado por Lawrence B. Marcus é uma livre adaptação de novela de Paul Brodeur),

Sipa-Press
Eli Cross (Peter O'Toole): tendências homicidas

O Substituto é um provocativo exercício de metalinguagem, mas pode também ser degustado como intriga policial movida a generosas doses de humor, drama e aventura. Porque o que está em jogo aqui é a própria magia do cinema — arte que manipula a ilusão para criar o senso de realidade. Ilusão e realidade, loucura e sanidade, fantasia e verdade interpenetram-se num envolvente quebra-cabeças em que nada é o que aparenta ser. *Paulo Capuzzo*

GANDHI ●●●
(Inglaterra/Índia, 1983)
Direção: Richard Attenborough. Com Ben Kingsley, Candice Bergen, Edward Fox, John Gielgud, Trevor Howard. Omni.
Na África do Sul racista, um jovem advogado indiano, seguidor da fé muçulmana, luta contra a opressão de sua raça. Esse é o início da trajetória daquele que iria se transformar no arauto da revolução pacífica na Índia, sem violência, por pura obstinação. Já em 1931, Churchill declarava: "A perda da Índia seria para a Inglaterra um golpe fatal e definitivo. Torná-la-ia um país insignificante". Gandhi lidera a revolta de seu povo contra o inglês colonizador, mas parece não se dar conta do que a massa lhe depositara nas mãos. Por fim, seu intento é bem-sucedido, mas o conchavo (com os próprios opressores) pela supremacia muçulmana contra a hindu resta inexplicado. Bem ao gosto do público americano, o filme, um grande espetáculo que catapultou a carreira de Ben Kingsley, foi detentor de vários Oscar, inclusive o de melhor ator. *J.A.J.*

INFANTIL

ALF 2 ●●●
(Alf, EUA, 1987).
Produção: Tom Patchett. Com Max Wright, Anne Schedeen, Andrea Elson, Benji Gregory. Herbert Richers.

O mundo dos "sit-coms", os seriados "família" norte-americanos, a cada década produz algumas pérolas. *Alf* é talvez o melhor resultado de uma fase árida do gênero. O extraterrestre Gordon Shumway, o Alf, é um equivalente do gato Garfield: um estorvo simpático, absolutamente apegado aos símbolos da cultura que o abrigou, ou seja, a família classe média típica. E tome muita TV, muita "junk food" e trapalhadas com vizinhos e parentes que, afinal, não podem saber que há gente de outro mundo no quarteirão. Parece, e é, uma tremenda bobagem. Mas também é uma bobagem que justifica plenamente o tempo perdido diante dela: os diálogos são muito bem construídos (mesmo quando submetidos à dublagem), as situações em que Alf se mete mantêm uma média inteligente. Talvez a canalhice de Alf seja mais bem saboreada pelos adultos do que pelas crianças, mas esse é o truque do bom "sit-com" — pegar os pais por meio dos filhos. O que se destaca nesta segunda coletânea das aventuras de Alf é o videoclipe que ele grava para Lynn (Andrea Elson), em que banca ser, ao mesmo tempo, Stevie Wonder, Bruce Springsteen e o guitarrista do ZZ Top. *M.S.*

POLICIAL

MORTO AO CHEGAR ●●
(D.O.A., EUA, 1988)
Direção: Rocky Morton e Annabel Jankel. Com Dennis Quaid, Meg Ryan, Charlotte Rampling, Daniel Stern. Abril.
Tinha tudo para dar certo. A promissora dupla de diretores Morton & Jankel, egressa do videoclipe e responsável pelo magnífico piloto do programa da televisão inglesa *Max Headroom*. O roteiro, adaptado de um *standard* do filme *noir* de 1949, o *Dead on Arrive (D.O.A.)* original. E a simpática dupla central, Quaid e Ryan — sem falar no charmoso reforço de la Rampling... Pena que deu errado. A trama não é complexa, é meramente confusa. Não é aventuresca, é meramente inverossímil. Salvam-se a fotografia e a montagem, magistrais. E o interessante mote do roteiro: o do professor que tem escassas 48 horas para descobrir um assassino infiltrado na universidade, ao final das quais ele mesmo, envenenado que está por cloreto de rádio, deverá bater as botas — e ainda por cima ser incriminado pelas outras mortes! Atenção às belíssimas seqüências de abertura e conclusão, rodadas em preto e branco (recurso também usado em outro policial recente, o excelente *Justiça Corrupta*). *A.A.*

FBI — NA PISTA DOS ASSASSINOS ●●●
(In the Line of Duty — The FBI Murders, EUA, 1988)
Direção: Dick Lowry. Com Ronny Cox, Bruce Greenwood, Michael Gross. CIC.
Telefilme baseado em fatos verídicos ocorridos em Miami em abril de 1986, quando um grupo de agentes do FBI travou um violento tiroteio com dois indivíduos de aparência normal, mas extremamente agressivos, cuja ânsia destrutiva intensificava-se à medida que seus ataques tornavam-se mais ousados. A personalidade psicótica dos assassinos é desvelada em seqüências que se alternam com as que flagram o dia-a-dia dos agentes do FBI, retratados no trabalho ou em afazeres domésticos com suas respectivas famílias. Excessivamente violento para um filme feito para a TV, conta com um dos mais longos tiroteios já exibidos na telinha (mais de dez minutos de ação eletrizante). Mas o seu grande mérito, ao abordar sem o véu da mistificação o irracionalismo presente nas ações humanas, é tocar, ainda que de modo superficial e indireto, num ponto muito mais sensível — a violência subjacente no seio da sociedade americana. *P.C.*

MÁQUINA MORTÍFERA 2 ●●●
(Lethal Weapon 2, EUA, 1989). Direção: Richard Donner. Com Mel Gibson, Danny Glover, Joe Pesci, Joss Ackland, Patsy Kensit. Warner.
Se dependesse de Richard Donner, a maldição que pesa sobre as continuações de filmes de sucesso não existiria. A proeza do diretor parte dos esforços de um trio — a mesma dupla central de protagonistas, os detetives Riggs (Mel Gibson) e Murtaugh (Danny Glover) e o roteirista Jeffrey Boam, que brindou Spielberg com a melhor seqüência de abertura da série *Indiana Jones*, em *A Última Cruzada*. Mel Gibson e Danny Glover duplicam a simpatia da amizade entre o "errado" Riggs e o "certinho" Murtaugh.
Donner conduz a vertigem das cenas de ação com uma maestria que ele só pode ter tirado de sua experiência como diretor do seriado-mor das crianças malucas, o aloprado *Banana Split*. As cenas em que aparece o contador mafioso Leo Getz (interpretado por Joe Pesci) têm muito do *nonsense* das trapalhadas de Bingo, Swingo, Drooper e Snork, os malucos da série.
Para se opor à dupla dinâmica, o roteirista Boam foi esperto em encontrar um tipo de vilão fácil de ser odiado pelas platéias: o embaixador sul-africano Arjen Rudd (Joss Ackland), que, além de defender o racismo, usa sua imunidade diplomática para trambiques internacionais. Para completar, Riggs não cansa de identificar Rudd e asseclas com os nazistas. Nada como uma referência histórica.
Fechando o quadro de perseguições, *gags* e muito sangue, ainda há a chance de um caso quente entre Riggs e a secretária de Rudd, Rika (nas estonteantes formas de Patsy Kensit).
Máquina Mortífera 2 é isso: sexo, violência, velocidade, humor negro e seus relativos. Junte-se 30 milhões de dólares e um grupo de gente talentosa para ter esses elementos crus muito bem cozidos, ou uma história muito bem contada. *Marcos Smirkoff*

Warner
O caso quente entre balas de Patsy e Gibson

GUERRA

MISSÃO: MATAR ●
(Tour of Duty II, EUA, 1987)
Direção: Bill Norton/Stephen L. Posey. Com: Terence Knox, Stephen Caffrey, Joshua Maurer, Talia Balsan. Paris.
Missão: Matar é mais um na lista de filmes sobre a guerra do Vietnã e a angústia de seus combatentes. Uma repórter procura ascensão em sua carreira fazendo uma matéria sobre os combates. Um comandante busca notoriedade deixando de se preocupar com a vida de seus soldados. Mortes e bombardeios não poderiam faltar nesse filme, repleto de clichês. Não consegue nem de longe mostrar os problemas gerados por essa guerra. *M.R.G.*

IWO JIMA — O PORTAL DA GLÓRIA ●●●
(Sands of Iwo Jima, EUA, 1949)
Direção: Allan Dwan. Com: John Wayne, John Agar, Adele Mora, Forrest Tucker. Herbert Richers.
John Wayne é o sargento Stryker, responsável por uma tropa de fuzileiros navais na Segunda Guerra Mundial. Stryker, com seu jeito durão, acaba ganhando a antipatia de seus comandados. Durante as batalhas o sargento vai deixando a máscara cair e acaba conquistando toda a tropa com seu senso de justiça e lealdade. *Iwo Jima — O Portal da Glória* mostra de forma convincente o relacionamento dos soldados no período da guerra, seus conflitos e desejos. Uma característica muito forte nesse filme é o realismo, conseguido através de combates autênticos. John Wayne está em um de seus melhores desempenhos e recebeu com esse filme sua primeira indicação para o Oscar. Um clássico dos filmes de guerra americanos. *M.R.G.*

FOGO CRUZADO ●
(White Ghost, EUA, 1987)
Direção: B.J. Davis. Com William Katt, Rosalind Chao, Martin Hewitt. Transvídeo.

O fantasma branco do título original é um oficial americano que, mesmo

depois de terminada a guerra no Vietnã, recusa-se a voltar para casa. Uma patrulha, comandada por um mercenário sádico que o odeia, é enviada então numa missão de resgate. Ao contrário da atual safra de filmes sobre o Vietnã, a este não interessa expiar culpas ou imolar-se no altar da retratação. O que interessa aqui é o sensacionalismo do sangue jorrando. *P.C.*

DOCUMENTÁRIO

AMAZÔNIA — UMA AVENTURA EM VERDE-AMARELO ●●
(Brasil, 1989)
Produção e direção: Sérgio Baldassarini Junior. Narração: Dionísio Azevedo e Eva Wilma. SBJ Produções.

BAHIA — PRAIAS, ILHAS E PORTOS SEGUROS ●
(Brasil, 1990)
Produção e direção: Sérgio Baldassarini Junior. Narração: Oliveira Filho. SBJ Produções.
Apesar de terem em comum o mesmo produtor e diretor, estes dois vídeos diferem na qualidade. *Amazônia — Uma Aventura em Verde-Amarelo* leva o espectador a conhecer o maior ecossistema do planeta, sem deixar de lado a denúncia e o alerta contra a desenfreada devastação. Narrado por Dionísio Azevedo e entrecortado por textos na voz de Eva Wilma, essa produção não foge do feitio acadêmico, mas mantém o interesse, pela honestidade de seu discurso. *Bahia — Praias, Ilhas e Portos Seguros* inicia sua viagem em Salvador e percorre todo o sul do Estado, até chegar à reserva biológica de Abrolhos, em pleno mar. Realizado com amadorismo, este documentário apenas "passa" pelas cidades de Valença, Camamu, Ilhéus, Itabuna e Porto Seguro, sem conseguir mostrar "o que é que a Bahia tem". *W.A.S.*

SUPER BATIDAS 2 ●
(Supercrashes - Vol. II, EUA)
D.I.V.
Coletânea confusa de imagens de batidas ocorridas em autódromos. Poucas são "super", como indica o título. O espectador fica sem saber quem bateu, onde, quando e que tipo de corrida (ou fórmula) é aquela. Nem mesmo os sádicos poderão se deliciar, já que há o cuidado mínimo de não se mostrar as tripas das vítimas. O filme não conta sequer com ficha técnica, e, após 50 minutos de cenas desconexas, é anunciado o terceiro volume da série, sem maiores explicações para insistentes ou desavisados. *A.V.M.*

POLÍTICO

TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE ●●●
(All the President's Men, EUA, 1976)
Direção: Alan J. Pakula. Com Robert Redford, Dustin Hoffman, Jason Robards Jr., Martin Balsam, Hal Holbrook. Warner.
Em 17 de junho de 1972, uma equipe de cinco homens, sorrateiramente, arromba a sede do Partido Democrata, no edifício Watergate, para grampear todo o aparato de comunicação. Esse é o início do que viria a ser conhecido como "caso Watergate", que levou à renúncia do então presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, e à exposição pública da podridão que grassava no governo.
Substituindo o olho da dupla de repórteres Bernstein (Hoffman) e Woodward (Redford) pelo da câmera, Alan J. Pakula construiu um competente discurso acerca da liberdade de imprensa e seu papel no país. À época de seu lançamento, a reconstituição perfeita em estúdio da redação do *Washington Post* — a produção chegou ao requinte de colher lixo na redação verdadeira — causou furor, além, é claro, da atualidade do tema. Hoje, visto com isenção de espírito, percebe-se que a tentativa de um documentário de ficção em cima de fatos recentes da imprensa resulta um tanto datada e sem profundidade histórica. Mas ainda é um grande espetáculo.
Redford e Hoffman estão perfeitos no papel de repórteres-investigadores, demonstrando que de fato aprenderam alguma coisa no estágio feito no *Post*. Nada soa falso ou forçado. Merece especial menção a participação de Hal Holbrook como Deep Throat, o informante anônimo que atiçou a argúcia (no filme) e o carreirismo (na realidade) de Bernstein. Um filme que mostra, ainda que limitadamente, por que a cartola de Tio Sam oculta cabelos brancos e, em cima, um rosto enrugado. *Jorge A. de Jesus*

Warner
Redford e Hoffman: perfeitos repórteres-investigadores

FICÇÃO

TERMINUS ●●●
(França, 1986)
Direção: Pierre William Glenn. Com Johnny Hallyday, Jurgen Prochnow, Karen Allen, Gabriel Damon. Mundial.
Fantasia de ficção-científica francesa, com uma certa entonação pop (garantida por detalhes como o protagonista, o veterano roqueiro Johnny Hallyday — que já havia atuado no *Detetive* de Godard — e a boa trilha sonora, de Stan Ridgway — ex-vocalista do conjunto americano Wall of Voodoo — e David Cunningham). Num futuro próximo, um geniozinho precoce (o menino Damon) cria e dirige um jogo em grande escala, em que um caminhão computadorizado tem que atravessar os territórios controlados por um governo hostil. A motorista (Karen Allen, de *Os Caçadores da Arca Perdida,* depois substituída por Hallyday) conta com um aliado: o tal computador de bordo, o "Monstro", que analisa com radares e gráficos a aproximação do inimigo e as possibilidades de escape (ensejo para longas e eficientes seqüências de combate rodoviário — ao modo de *Mad Max* — e de animação computadorizada — como em *Alien*). Mas a "inocente" brincadeira encobre intenções do menino e da misteriosa entidade que o patrocina. Com uma trama mal-encadeada, *Terminus* convence pelo charme. *A.A.*

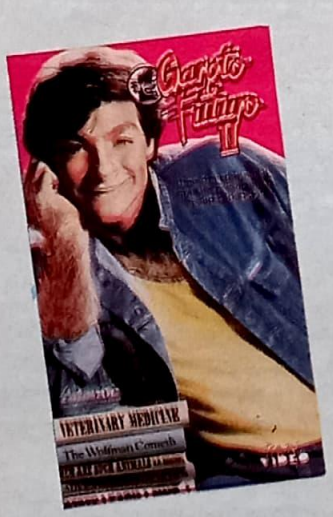
PLANETA VERMELHO ●●●
(The Martian Chronicles, EUA, 1979)
Direção: Michael Anderson. Com Rock Hudson, Darren McGavin, Gayle Hunnicutt, Roddy McDowall. VIC.
Compactado de uma série de TV americana, estas *Crônicas Marcianas* do escritor Ray Bradbury resultam numa espécie de *Perdidos no Espaço* com intenções filosóficas: cenários pobres, efeitos especiais risíveis e uma encantadora ingenuidade, sustentada por um elenco eficiente e engraçado. Contam a história da resistência dos delicados e sensitivos marcianos à aguerrida e mesquinha colonização humana, ainda que conduzida por um oficial bem-intencionado (Hudson). A ironia da coisa é que, quando, finalmente, a invasão se completa (os marcianos são dizimados por um surto de catapora, reprisando a tragédia de certas comunidades indígenas...), os colonizadores são obrigados a voltar à Terra, onde serão eles mesmos dizimados pela guerra nuclear. Saiba então o que acontece quando o último galanteador brega se encontrar com a última *vamp*, em pleno Planeta Vermelho. Ou quando um astronauta negro decide que é o "último marciano", aderindo ao terrorismo... Programa longo (mais de 2h30), mas nunca cansativo. *A.A.*

ROLLERBALL, OS GLADIADORES DO FUTURO ●●

(Rollerball, EUA, 1975)
Direção: Norman Jewison. Com James Caan, Ralph Richardson, John Houseman. Warner.
No ano 2018, as guerras foram extirpadas da face da Terra e a violência reinante é canalizada para a prática do *rollerball*, uma destrutiva combinação de hóquei sobre patins, rúgbi e motociclismo que resulta, invariavelmente, em dezenas de mortos. James Caan é o herói rebelde cujo individualismo é visto como uma ameaça pelos donos do poder. Supostamente um libelo contra a violência, o filme acaba, na verdade, por sacramentá-la. *P.C.*

O GAROTO DO FUTURO II ●

(Teen Wolf Too, EUA, 1987)
Direção: Christopher Leitch. Com Jason Bateman, Kim Darby, John Astin. Transvídeo.

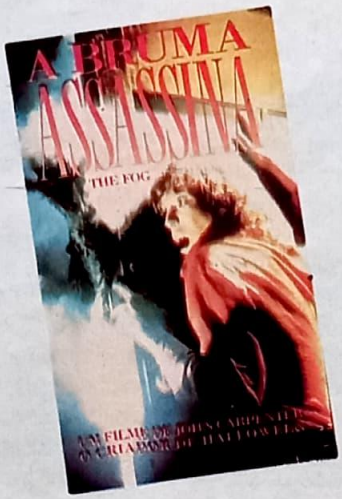


Continuação de *O Garoto do Futuro*, filme em que Michael J. Fox vira lobisomen e campeão de basquete, essa produção segue o mesmo esquema de comedinha adolescente. Todd (Bateman), da mesma família, tem um problema igual: às vezes fica com os olhos flamejantes, com unhas e pêlos caninos, e aterroriza todo mundo. Na escola, revela-se esperto nas ciências, paquera uma coleguinha e tenta arrasar no ringue de boxe. Com bailinhos, muito rock e corridas amalucadas, a direção tenta (sem sucesso) movimentar um pouco essa trama boba, sem energia e graça nenhuma. *A.Q.N*

TERROR

BRUMA ASSASSINA ●●●

(The Fog, EUA, 1980)
Direção: John Carpenter. Com Adrienne Barbeau, Jamie Lee Curtis, Hal Holbrook, Janet Leigh. Globo Vídeo.



Presença obrigatória nos filmes de terror, era de se esperar que a bruma passasse de mero coadjuvante a protagonista — aqui não na Londres de Jack, o estripador, mas numa cidadezinha da costa norte-americana. É onde aporta um navio, cuja tripulação fantasma emerge da escuridão abissal do oceano para, protegida pela bruma, caçar os descendentes dos responsáveis por um naufrágio ocorrido há cem anos. O filme marcou a volta do realizador de *Halloween* ao gênero, mas foi malhado pela crítica. No entanto, comparado à sanguinolência explícita das atuais produções do gênero, o filme de Carpenter pode ser considerado uma obra-prima. Utilizando com maestria o som, empregando a iluminação para obter, por meio do jogo de luz e sombra, o clima e a atmosfera adequados, dosando os efeitos especiais, Carpenter brinda o público com um conto de horror clássico, que remete àquelas velhas histórias arrepiantes narradas diante da lareira nas noites de tempestade. *P.C.*

DEU A LOUCA NOS MONSTROS ●●

(The Monster Squad, EUA, 1987)
Direção: Fred Dekker. Com Andre Gower, Robby Kiger, Stephen Macht e Duncan Regehr. Transvídeo.
Dentro da tendência que faz a releitura do gênero horror com toques contemporâneos, o jovem diretor Fred Dekker realizou *Deu a Louca nos monstros*, assessorado no roteiro por Shane Black *(Máquina Mortífera)*. Tudo começa num famigerado castelo da Transilvânia, quando os habitantes do local falham ao tentar esconjurar o mal. O "mal" reaparece em 1987: uma múmia, um lobisomem, Frankenstein e outros monstros, liderados por ninguém menos que o próprio Drácula (Duncan Regehr), vêm recuperar um antigo amuleto mágico. Os feiosos e clássicos seres aterrorizam uma pequena cidade, e um grupo de pirralhos de um tal Clube dos Monstros tenta destruí-los. Para não deixar que as odiosas criaturas da noite dominem o mundo, eles têm pela frente uma tarefa dificílima: encontrar uma virgem para fazer o exorcismo. *A.Q.N*

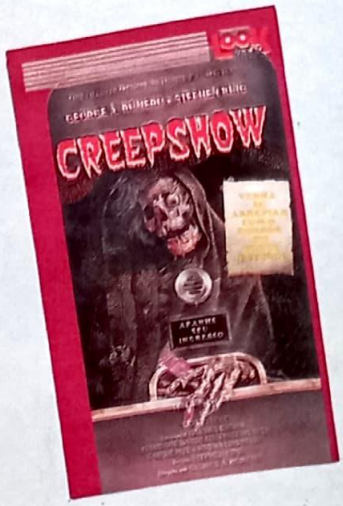
A MORADA DO TERROR ●

(Grandmother's House, EUA, 1988)
Direção: Peter Rader. Com Eric Foster, Kim Valentine, Len Lesser, Brinke Stevens. Transvídeo.

Depois da morte do pai, um casal de órfãos é adotado pelos avós, os quais residem num casarão localizado num lugar ermo — apto, portanto, a sofrer a ação do mal insidioso. Este, na verdade, nada mais é do que a insanidade oculta sob o verniz de uma mente aparentemente normal. O filme começa bem e chega mesmo a envolver o espectador num clima de mistério. No entanto, não tarda a tornar-se vítima de um roteiro inconsistente, cuja fragilidade acentua-se no final. *P.C.*

CREEPSHOW ●●●

(Creepshow, EUA, 1982)
Direção: George Romero. Com Hal Holbrook, Adrienne Barbeau, Fritz Weaver, Leslie Nielsen. Look.



Fã incondicional das histórias de terror em quadrinhos dos anos 50, o diretor George Romero juntou-se aqui a outro grande nome do macabro contemporâneo (Stephen King), para a realização de uma homenagem que conserva o estilo e o espírito das velhas EC Horror Comics. No prólogo, um garotinho é punido pelo pai por estar lendo um gibi de terror. Após uma brilhante seqüência de animação, que serve para a apresentação da descarnada figura espectral do Cryptkeeper (uma espécie de mestre-de-cerimônias das trevas), o espectador é jogado num torvelinho de horror/humor detonado a partir de cinco histórias originais de Stephen King (o autor participa do segundo episódio na pele de um fazendeiro transformado num monstro vegetal). Os episódios são desiguais, mas o filme conserva um inegável charme ao utilizar técnicas como a animação e o *split screen* (divisão da tela), no esforço de traduzir em imagens a concepção gráfica das histórias em quadrinhos. *P.C.*

CONTAGEM DE CADÁVERES ●●

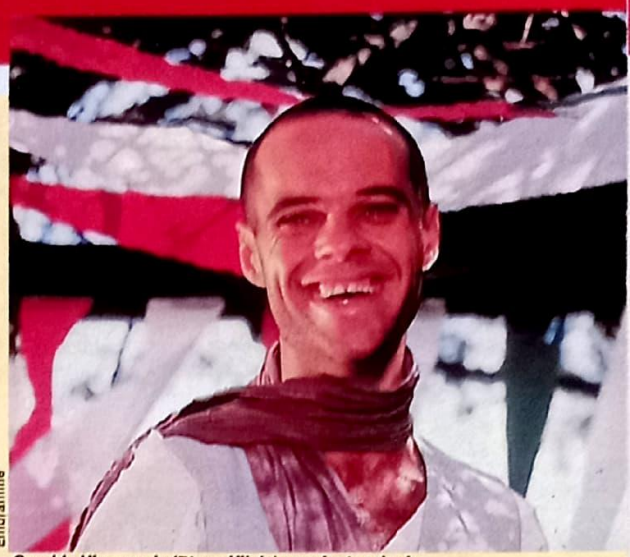
(Body Count, Itália/EUA, 1986)
Direção: Ruggero Deodato. Com Bruce Penhall, Mimsy Farmer. Paris.
Uma estranha criatura, sedenta de sangue, está dizimando os jovens que se arriscam a acampar numa região na qual há muitos anos ocorreu um crime pavoroso. Seria Jason o autor dos misteriosos assassina-

tos? Não, mas isso não faz muita diferença, já que o filme é uma cópia fiel não só da série "Sexta-feira 13", como também de todos os outros sanguinolentos exemplares protagonizados por homicidas portando serras elétricas e psicopatas encapuzados. Como o próprio título indica, o que conta aqui é o número de cadáveres. *P.C.*

TERROR EM SUTTERVILLE •
(Family Reunion, EUA, 1987)
Direção: Michael Hawes. Com Mel Novak, Pam Phillips, John Andes. Paris.
Forçada a passar a noite na cidade fantasma de Sutterville, uma família em viagem de férias é vítima da influência maligna do local, onde, no passado, sacrificavam-se crianças em louvor a Satã. Sucumbindo ao poder hipnótico de um discípulo do diabo, o marido é levado a ameaçar a mulher e os filhos. Do roteiro à direção, passando pela interpretação e pela pobreza dos efeitos especiais, nada se salva nesta produçãozinha Z sem maiores pretensões. O filme é uma catástrofe do começo ao fim. *P.C.*

NACIONAL

O GRANDE MENTECAPTO ••
(Brasil, 1989)
Direção: Oswaldo Caldeira. Com Diogo Vilela, Débora Bloch, Luís Fernando Guimarães, Regina Casé, Osmar Prado, Imara Reis, Jofre Soares, Cláudio Correa e Castro. Globo Vídeo.
Mineiro, o escritor Fernando Sabino, numa conversa durante o último Festival de Gramado, resumiu alguns dos momentos mais infelizes da adaptação cinematográfica de seu romance *O Grande Mentecapto*. Apontou, por exemplo, a utilização de um pára-quedas último tipo numa cena passada na primeira metade do século e apressou-se em reconhecer a penúria orçamentária com que o cineasta Oswaldo Caldeira *(O Bom Burguês)* desenvolveu o projeto. Mas, habilidoso, transformou a crítica em escancarado elogio: "Esta é mais uma porra-louquice deste filme. Há uma certa liberdade criativa, pois o filme é sobre um doido. Tudo é inverossímil. Caldeira soube manter em termos audiovisuais a mesma estrutura estética do livro".
Na verdade, os méritos principais por essa razoável fidelidade ao original cabem ao bom roteiro de Alfredo Oroz, que sintetizou com competência a longa trajetória de Geraldo Viramundo, um quixote mineiro das primeiras décadas do século. Os melhores diálogos e situações do filme foram por ele extraídos do romance de Sabino. Outro ponto alto é o bom elenco televisual (de Diogo Vilela, Débora Bloch e Regina Casé, todos do *TV Pirata*, ao excelente noveleiro Osmar Prado).
Mas Sabino exagerou um bocado ao dizer que "os defeitos do filme se converteram em qualidade". Os problemas de orçamento comprometeram o trabalho de reconstituição de época. Tudo parece tão falso quanto a patética barba postiça utilizada por Vilela (o Viramundo) em parte do filme. Talvez o impacto disso na tela pudesse ter sido contornado se atrás da câmera estivesse um diretor menos convencional do que Oswaldo Caldeira. Sua maior pretensão é contar a história sem tropeços, e isso ele quase consegue.
Amir Labaki


Embrafilme
Geraldo Viramundo (Diogo Vilela), o quixote mineiro

SUSPENSE

AMARGAS SATISFAÇÕES ••
(South of Reno, EUA, 1987)
Direção: Mark Rezyka. Com Jeffrey Osterhage, Lisa Blount, Joe Phelan, Lewis Van Berger. F.J. Lucas.
Em pleno deserto ao sul da cidade de Reno (EUA), às margens de uma rodovia qualquer, vivem Martin (Osterhage) e sua esposa, Anette (Blount). Proprietários do que parece ser um melancólico posto de serviço, sempre abandonado, cada um procura uma maneira de se distrair e suportar a própria insignificância. Martin é um "estranhão", que passa os dias vendo TV e espalhando pregos na estrada, para depois poder conversar com os viajantes enquanto conserta os pneus de seus carros. Anette tem um amante com quem se encontra descaradamente. Toda a cidade sabe, mas Martin não reage e ainda deseja levá-la para começar uma nova vida em Reno. O que poderia ser uma história desinteressante acaba, porém, se transformando numa poética visão dos despossuídos e fracos de espírito. Metáfora de sua vida sem novidades, a TV de Martin só pega um canal.
Um filme simples, mas que utiliza sabiamente a amplidão do horizonte e a intensidade das cores para contrastar com as limitações destes pequenos seres, na face de quem sempre se reflete a luz opaca de uma TV ligada. *F.C.C.*

WESTERN

EU SOU SARTANA ••
(I Am Sartana, Your Angel of Death, Itália, 1969)
Direção: Anthony Ascott. Com John Garko, Klaus Kinski, Frank Wolff, Sal Borghese, Gordon Mitchell. Century.
Uma quadrilha assalta um grande banco do Oeste, chefiada por um homem cuja roupa parece ser a de Sartana: sua capa e seu chapéu negros. Oferece-se uma recompensa para quem capturá-lo, vivo ou morto. Matadores saem em busca do fugitivo. A história é a de sempre: Sartana deverá fugir de seus caçadores, procurar o verdadeiro culpado e provar sua inocência. Ao encontrar o único assaltante que sobreviveu ao assalto, este é alvejado diante de seus olhos. Agora, mais do que nunca, a verdade precisa ser descoberta.
Spaghetti rodado em Cinecittà, típico dos anos 70. Muitas facadas, tiros, poeira e sangue. Só para quem gosta do gênero. *F.C.C.*

ANIMAÇÃO

THE BEST OF BETTY BOOP •••
(Betty Boop, EUA, 1933/39)
Produção: Max Fleischer. Direção de animação: Dave Fleischer. D.I.V.
Este quinto volume da legendária Betty Boop traz 13 episódios e não 12 como indica o rótulo do vídeo, que exclui *Hospital de Automóveis*. Outros dois, *O Insuportável Grampy* e *Golpe de Um Bagunceiro*, já haviam sido lançados em volumes anteriores pela distribuidora. Os desenhos foram colorizados em Nova York, em 1972. Betty dispensa apresentações. Mae West, prima carnal de Betty, só foi lançada pela Paramount depois do enorme sucesso da *coquette*. Os irmãos Fleischer mostram aqui o segredo do sucesso: muito apelo sensual, *nonsense*, surrealismo e bastante música. Betty é o centro de tudo: dona de uma taverna, atriz de teatro de revista, náufraga nas mãos de piratas, ré em tribunal, enfrenta diabos tarados, dá uma festa da pesada, enlouquece uma tribo de índios etc. Esta antologia, que mostra como tudo na sociedade americana se rendeu à sedução de B. B., só não permite o prazer total pela dublagem, que mata as graciosas canções originais, pela voz-de-velha que substitui a da sensual Mae Questel em Betty, pelo desrespeito a alguns conhecimentos de inglês e efeitos sonoros impróprios. *W.S.*

VÍDEO LANÇAMENTOS

LOKE, O SUPERMAN DAS GALÁXIAS ●●●

(Loke, The Superman, Japão, 1985) Direção de animação: Susume Shiraume. Baseado nos cartoons de Yuki Hijiri. Century.

Mais um dos bons desenhos japoneses que dominam (e inventam) modernas técnicas de computação gráfica em animação. Loke, o superherói com poderes extra-sensoriais, combate Lady Khan, a vilã que treina um grupo de paranormais assassinos com o intuito de instalar um império milenar, eliminando e escravizando os seres vivos. *Loke* foi premiado pela TV americana (Prêmio Emmy) por sua música e efeitos especiais. Mesmo tendo roteiros pouco originais, desenhos japoneses como este estão invadindo todo o mercado mundial. *M.C.*

COMÉDIA

OS ÉSPIÕES QUE ENTRARAM NUMA FRIA ●●

(Spies Like Us, EUA, 1985) Direção: John Landis. Com Chevy Chase, Dan Aykroyd, Steve Forrest, Donna Dixon. Warner.

Fitz-Hume (Chase) e Millbarge (Aykroyd) são dois dos milhares de funcionários do Pentágono. Considerados completamente estúpidos e tidos como "descartáveis", são recrutados para uma perigosa missão: agentes (não "descartáveis") devem desativar um ameaçador míssil clandestino, movimentado por russos em uma parte da Europa oriental, enquanto a dupla de idiotas servirá como "bois de piranha", cortina de fumaça para despistar a atenção dos soviéticos. Ingênuos e corajosos, os dois otários seguem às escuras, escapando da morte várias vezes. São protótipos perfeitos dos Três Patetas em uma missão de 007. Em geral eles mantêm um bom nível de graça, mas há momentos em que a bobageira toda cansa. Curiosamente, desfilam como meteoros certos figurões: Costa-Gavras, Terry Gilliam, Joel Coen, Sam Raimi, B. B. King e Michael Apted. Apesar da ilustre galera o filme não ultrapassa o razoável dentro da filmografia do diretor, na qual figura o excelente *Um Lobisomem Americano em Londres*. *W.S.*

ADORÁVEL SEDUTORA ●●

(Her Alibi, EUA, 1989) Direção: Bruce Beresford. Com Tom Selleck, Paulina Porizkova, William Daniels, James Farentino, Warner.

A fórmula é conhecida: um *playboy* meio cínico se envolve com uma beldade misteriosa numa trama embaraçosa. Tom Selleck é Philip Blackwood, escritor de romances policiais em crise de criatividade, que resolve buscar inspiração no tribunal, onde espera encontrar um saboroso assassinato que sirva de matéria-prima para um novo *best seller*. É lá que conhece Nina (a modelo Paulina Porizkova), hipnotizante romena acusada pela morte de um estudante, e por quem Philip se apaixona instantaneamente. Como pretexto para se aproximar dela e desvendar o caso, Blackwood oferece-lhe um álibi, dizendo à polícia que eles são amantes há algum tempo. A partir daí, uma série de acidentes estranhos acontecem sempre que Nina está por perto, colocando a vida dele em risco e levantando a suspeita de que ela seja de fato assassina. Cada passo da garota é transcrito num micro de Blackwood, que adiciona ao texto todas as suas fantasias eróticas. O resultado da situação é engraçado, mas a direção acadêmica de Beresford *(Rei Davi, Crimes do Coração, Driving Miss Daisy)* o compromete: o suspense é amortecido, o perfil burlesco das personagens é infantilizado e o absurdo das situações às vezes vira *nonsense*. *M.N.*

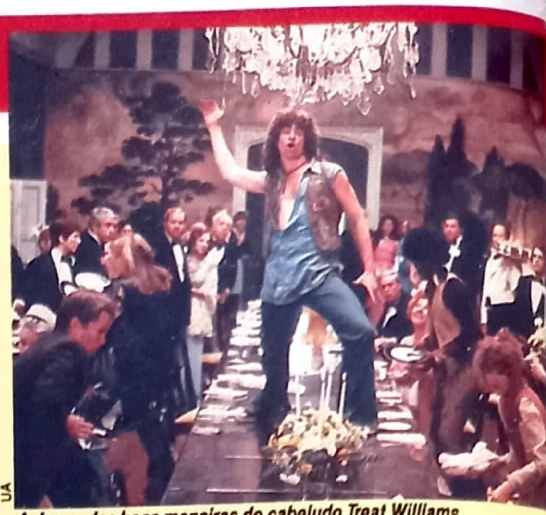
MUSICAL

HAIR ●●●

(Hair, EUA, 1979) Direção: Milos Forman. Com John Savage, Treat Williams, Beverly D'Angelo, Annie Golden. Warner.

Um dos grandes acontecimentos teatrais dos anos 60, *Hair* é tão significativo para a história do movimento hippie quanto o LSD e a crença no poder da flor. Painel de uma época, o musical de James Rado e Gerome Ragni — hoje, definitivamente incorporado ao universo pop/mitológico — teve de esperar por mais de uma década para que fosse, finalmente, vertido para o celulóide.

A tarefa coube ao prestigiado Milos Forman, cuja cotação na bolsa cinematográfica estava em alta pela realização, quatro anos antes, do premiado *Um Estranho no Ninho*. O roteiro de Michael Weller respeita a estrutura da peça — às vésperas de alistar-se no Exército, o caipira Claude Bukalski (John Savage) envolve-se, em Nova York, com um grupo de hippies liderado por George Berger (Treat Williams). Integrado ao meio, Claude fuma marijuana, experimenta LSD e ainda tem tempo de apaixonar-se pela jovem burguesa Sheila (Beverly D'Angelo) antes de retomar seu plano de lutar no Vietnã. Os amigos, claro, interferem, e quem acaba indo, involuntariamente, para a guerra é um desesperado e despreparado Berger.



A dança das boas maneiras do cabeludo Treat Williams

A coreografia criada por Twyla Tharp (um dos grandes nomes da dança norte-americana na década passada) tem alguns momentos antológicos: a invasão da festa burguesa; o devaneio lisérgico de Claude; a seqüência musical durante o alistamento. É inegável, porém, que o filme já nasceu velho. As cenas de nudez, o colorido psicodélico, as belas canções de protesto, o tom provocativo e contestador, a mensagem anticonvencional — tudo o que um dia chocou foi devidamente enquadrado pela indústria cultural e hoje descansa em paz. Como em paz descansa o legendário Nicholas Ray, aqui numa breve aparição na pele de um oficial norte-americano. *Paulo Capuzzo*

FLETCH VIVE ●●

(Fletch Lives, EUA, 1989) Direção: Michael Ritchie. Com Hal Holbrook, Julianne Phillips, R. Lee Ermey, Richard Libertini, Cleavon Little. CIC.

Chevy Chase volta à cena como o repórter-investigador Irwin Fletcher, personagem com o qual fez muito sucesso, nos Estados Unidos, em *Assassinato por Encomenda*, 1985. Herdeiro de uma vasta propriedade em Louisiana, ele tem agora a oportunidade de desfrutar suas mereci-

das férias. Partindo de Los Angeles em direção ao sul dos EUA, leva em sua companhia uma procuradora encarregada dos negócios da tia falecida. Passam a noite juntos e a mulher aparece morta pela manhã. Principal suspeito de assassinato, Fletcher recebe conselhos e uma generosa oferta para vender suas terras e deixar a cidade. Descobre que uma poderosa organização religiosa está interessada em sua propriedade.Chase já fez graça demais em comédias melhores. *W.A.S.*

VERÃO SENSUAL ●

(Beach Fever, EUA, 1988)
Direção: Alexander Tabrizi. Com Kato Kaelin, Rodney Uano, Judea Brittain. F.J. Lucas.

Dois jovens, Sake e Chat, buscam uma fórmula infalível para conquistar garotas. Ernie, um cientista adolescente, descobre um perfume capaz de seduzir qualquer mulher. E o produto começa a ser comercializado por Sake e Chat. A idéia parece divertida, mas *Verão Sensual* é um pastelão que nada tem de sensual. É um verão sem sol. Não arrisque. *M.R.G.*

JANE E A CIDADE PERDIDA ●

(Jane and the Lost City, EUA, 1986)
Direção: Terry Marcel. Com Sam Jones, Maud Adams, Kirsten Hughes. Transvídeo.
Essa comédia nem de longe tem o charme e o estilo dos antigos seriados de aventura, nos quais se inspira. A estória gira em torno das peripécias de Jane (Kirsten Hughes), agente inglesa, que se vê envolvida com um bando de nazistas. Todos estão à procura de um tesouro de pedras preciosas, escondido em uma cidade perdida na África. Tudo é tão sem graça que nem os casuais strip-teases de Jane, ao longo do filme, conseguem entreter o espectador curioso. *W.A.S.*

SPAGHETTI HOUSE — ONDE TUDO PODE ACONTECER ●●

(Spaghetti House, Itália, 1982)
Direção: Giulio Paradisi. Com Nino Manfredi, Rudolph Walker, Rita Tushingham. Zircon Films.
O subtítulo e o *slogan* ("Um assalto que leva os ladrões à loucura") deste filme sugerem ao videomaníaco uma escrachada comédia italiana, que, na realidade, é uma tragicomédia de fundo social, com direito a mensagem anti-racista. Depois de um dia de trabalho, quatro garçons italianos, radicados na Inglaterra, comemoram a sociedade que lhes permitirá comprar seu próprio restaurante. Eles são surpreendidos por três assaltantes. Cercados pela polícia, os bandidos fazem os garçons de reféns e dizem que são da Frente Libertadora Negra, procurando dar um conteúdo político ao crime. Poderia ser até uma comédia acima da média, não fosse a narrativa arrastada, principalmente na primeira hora do filme — o que o torna apenas assistível. *A.V.M.*

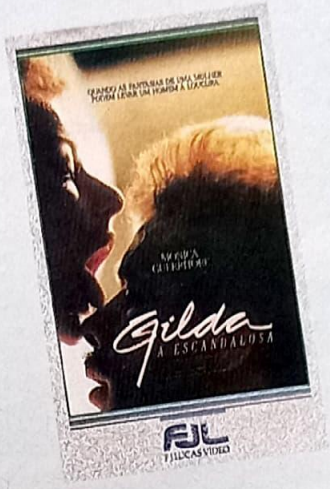
GLITCH! ●

(Glitch, EUA, 1987)
Direção: Nico Mastorakis. Com Will Egan, Steve Donmyer, Julia Nickson. Transvídeo.
Todd (o espertinho) e Bo (o musculoso debilóide) resolvem assaltar uma mansão assim que seu dono, Julius Lazar (produtor de filmes pornô), vai passar o final de semana no Havaí. Quando o novo guarda-costas de Lazar chega ao local, Todd se faz passar pelo produtor e, ainda por cima, acaba recebendo cem garotas da Califórnia para a realização de um "teste" cinematográfico marcado em data errada. É claro que Todd se apaixona pela única mocinha moralista que aparece, enquanto seu companheiro recupera o QI com a ajuda de um médium gay. Apesar de a trama indicar o contrário, o filme é arrastado e as *gags* não funcionam. *A.V.M.*

EROTICO

GILDA, A ESCANDALOSA ●●

(Scandalous Gilda, Itália, 1985)
Direção: Gabriele Lavia. Com Monica Guerritore, Gabriele Lavia, Dina Cei, Jasmine Maimone e Dario Maimone. F.J. Lucas.



Com momentos de alta perversão sexual não-explícita, *Gilda, a Escandalosa* tende a cair no abismo da mediocridade. O argumento serve para mostrar o talento físico da atriz Monica Guerritore (também vista em *A Veneziana*, de Mauro Bolognini) e suas fantasias extravagantes. No papel de Gilda, uma mulher rica, abandonada pelo marido e sexualmente infeliz, ela foge estrada afora atrás de aventuras, e as consegue em altas doses. *D.P.*

AVENTURA

INDIANA JONES E A ÚLTIMA CRUZADA ●●●

(Indiana Jones and the Last Crusade, EUA, 1989)
Direção: Steven Spielberg. Com Harrison Ford, Sean Connery, Denholm Elliott, Alison Doody, John Rhys-Davies, Julian Glover, River Phoenix. CIC.
Enveredando por novos caminhos da mitologia cristã, o já quarentão Indiana Jones (Harrison Ford) mais uma vez arrisca sua pele à procura do lendário Santo Graal (cálice usado por Cristo na Última Ceia). Duas surpresas no roteiro trazem maior fascínio a essa fórmula milionária imposta pela dupla Spielberg/Lucas. A primeira é o jovem Indiana (River Phoenix) resgatando uma relíquia histórica em Utah, 1912, e safando-se dos perigos provocados pelo seu espírito indômito. A segunda apresenta Sean Connery como seu pai, doutor Jones, um brilhante pesquisador de história medieval na busca de documentos para explicar os mistérios e o paradeiro do cálice sagrado. Eles voltam a se encontrar em 1938, na Áustria ocupada pelos nazistas, onde enfrentarão os aliados do Führer, também no encalço do poderoso Graal, instrumento eficiente para a conquista do poder absoluto. Amparada por uma narrativa enxuta, com boas tiradas de humor entre pai e filho — que chegam a compartilhar a mesma loira —, a *Última Cruzada* fecha a trilogia de Indiana Jones, só perdendo para o seu genial antecessor *O Templo da Perdição.* *W.A.S.*

A LENDA DA PÉROLA DOURADA ●

(The Legend of the Golden Pearl, Hong-Kong, 1987)
Direção: Teddy Robin Kwan. Com Samuel Hui, Ti Lung. FJ Lucas.

Um escritor de ficção científica concorda em recuperar um ídolo (a pérola do título) surrupiado de uma ordem religiosa do Himalaia. Ocorre que esse ídolo pertence a um extraterrestre, que necessita dele para poder voltar para casa. Espécie de *Indiana Jones* em versão kung fu, o filme é um amontoado de clichês, que não desperdiça saltitantes seqüências de lutas orientais. O herói vence a socos e pontapés todo o exército inimigo. *P.C.*

VÍDEO LANÇAMENTOS

OS CAÇADORES DE NINJAS ●●

(The Sakura Killers, EUA, 1987)
Direção: Richard Ward. Com George Nichols, Mike Kelly, Chuck Connors. Paris Vídeo Filmes.

Aventura em ritmo de kung fu. Os agentes Dennis e Sonny (Nichols e Kelly) são enviados a Formosa para recuperar um videoteipe, roubado pela organização Kamura, contendo informações genéticas cuja utilização permitiria arrasar com as plantações do planeta. A dupla de brutamontes entra logo em ação, quebrando caras e poses de ninjas assassinos da Kamura. A patriotada vem à tona quando os heróis descobrem que a fita será vendida aos russos. O filme só se salva por apresentar as lutas marciais com bom humor, ridicularizando intencionalmente os exageros de outras produções. *A.V.M.*

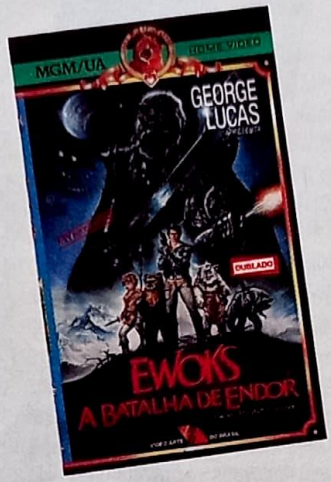
A MALDIÇÃO DO RUBI ●

(Bloodstone, EUA, 1988)
Direção: Dwight Little. Com Brett Stimely, Anna Nicholas, Christopher Neame. Transvídeo.

Sandy e Stephanie McVey, recém-casados, vão à Índia para trabalhar na fábrica do pai da mocinha. Durante uma viagem de trem, eles conhecem o ladrão Paul Lorre, que esconde um rubi roubado na bolsa de Stephanie, para não ser flagrado pela polícia. A partir daí, o casal passa a ser perseguido por todos os que querem se apoderar da pedra: o próprio Lorre, o barão Van Hoeven (o vilão de plantão) e até a polícia local. *Bloodstone* é uma cópia descarada de *Indiana Jones e o Templo da Perdição*, onde não falta sequer a precária ponte de madeira sobre o rio de águas turbulentas. Os cenários parecem de segunda mão, os atores estão deslocados e o roteiro é confuso, com muitas seqüências mal explicadas. O pior de tudo fica por conta da visão caricatural que o diretor dá dos personagens indianos. *A.V.M.*

EWOKS, A BATALHA DE ENDOR ●●

(Ewoks: The Battle for Endor, EUA, 1986)
Direção: Jim e Ken Wheat. Com Warwick Davis, Aubree Miller. Vídeo Arte.



Escrito e produzido por George Lucas *(Guerra nas Estrelas)*, essa fábula traz como protagonistas os ewoks (aqueles ursinhos espaciais de *O Retorno do Jedi)*. Ao sofrerem impiedoso ataque dos marauders, liderados pelo horrível King Terak, a família da pequenina Cindel (Aubree Miller) é assassinada. Depois de capturada, a menina é salva pelo ewok Wicket (Warwick Davis, o anão de *Willow)*, e juntos iniciam uma jornada através da fantástica floresta do mundo de Endor. Dirigido pelos estreantes Jim e Ken Wheat (dois dos roteiristas do filme *A Mosca 2)*,essa produção leva a marca registrada de Lucas, com efeitos especiais bem dosados e muita magia. *M.C.*

SURFISTAS NAZISTAS DEVEM MORRER ●

(Surf Nazis Must Die, EUA, 1986)
Direção: Peter George. Com Barry Brenner, Gail Neely, Michael Sonye, Robert Rayden. DIV.

Tentativa moralista e amadora de reeditar os filmes de gangues de Walter Hill *(Warriors)* nas praias da Califórnia. Um grupo de surfistas-nazistas liderados pelo tirânico Adolf (Barry Brenner) quer tomar o poder nas areias e nas ondas do Pacífico. Mas Washington (Gail Neely), mãe do negro Leroy (Robert Leroy), vinga-se do assassinato do filho que morreu na praia tentando ajudar as velhinhas indefesas. Violência e folclore falsificados pela direção, interpretação, roteiro... Apesar (e por causa) de tudo isso, esse espécime *trash* (lixo no estado absoluto) possui um bando de cultuadores. *D.G.*

SUPERCARRIER II ●

(EUA, 1988)
Direção: Jackie Cooper/Corey Allen. Com Robert Hooks, Ken Olandt, Cec Verrel. VIC.

Simulação de combates aéreos põe em confronto a tenente Bee Bee (Cec Verrel) e o tenente Sierra (Ken Olandt).

Com o término dos jogos de guerra têm início as manobras para a defesa do espaço aéreo americano. Dois oficiais, durante uma operação, encontram um piloto russo, que quer desertar. O enredo, nada atraente, foi elaborado para explorar as cenas de acrobacias aéreas, que não conseguem um bom efeito. O elenco é inexpressivo e a direção, sem imaginação. *M.R.G.*

O MISTÉRIO DA PALAVRA ●

(The Word, EUA, 1978)
Direção: Richard Lang. Com David Jansen, Geraldine Chaplin, Florinda Bolkan, James Whitmore. Vic.

Telefilme baseado em *best-seller* de Robert Ludlum. Publicitário (Jansen) é encarregado de promover o lançamento de uma nova Bíblia, cujas pretensas novidades revolucionariam toda a história do Cristianismo. Ele desconfia de fraude e envolve-se numa trama confusa que mistura arqueologia, espionagem e disputa entre religiões. Superficial e pomposo como a maioria das minisséries de TV, com os ingredientes do gênero: romance, transatlânticos de luxo, traição, jantares de gala, locações exóticas etc.

J.G.C.

PARADA

Os mais alugados

1. **Indiana Jones e a Última Cruzada** (CIC)
2. **Batman** (Warner)
3. **Conspiração Tequila** (Warner)
4. **Irmãos Gêmeos** (CIC)
5. **Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos** (Globo)
6. **Willow na Terra da Magia** (LK-Tel/Columbia)
7. **Bagdad Café** (Paris)
8. **Cyborg — Dragão do Futuro** (América)
9. **Rain Man** (Warner)
10. **De Caso com a Máfia** (Globo)

FONTES: OMNI, Rentacom, Real Vídeo, Vídeo Factory, Vídeo Norte, Univídeo, Thimi Vídeo, 2001, Hobby Vídeo (SP), Vídeo 4 Clube, Vídeo Shack (RJ), Vídeo Service (DF), Scorpios Vídeo, Sygma Vídeo, Star Vídeo (GO), Vídeo Mania (PR).
Títulos disponíveis no mercado: 6 790
Número de locadoras no país: 6 700
FONTE: CONCINE

COMPROMISSO DE ALTO RISCO ●

(Death Falls, EUA, 1988)
Direção: June Samson. Com Rip Torn, Robert Blossoms, Beverly Garland, Jeffrey Combs, John Hammil, James Short. Mundial.

Não poderia ser mais sentimental: Dub Farley (Rip Torn), um caubói muito pobre, divide o trabalho, a casa e até a namorada Mae (Beverly Garland) com seu amigo Hals (Robert Blossoms). Tudo vai muito bem até que Hals sofre um ataque cardíaco, e Dub é forçado a raptá-lo do hospital onde ele está "encarcerado". Hals está desenganado, mas, antes de morrer, quer realizar um último desejo: contemplar a sua cachoeira predileta, que fica perto do lugar onde moram. Para chegar lá, Dub terá de enfrentar a polícia, que está atrás dele, e também um delinqüente juvenil, que quer a pele dos dois. A produção é modesta, e as idéias são pobres mesmo. *D.F.*

MOSTARDA. A PAIXÃO PICANTE.

Conheça tudo sobre a mostarda: tipos, usos e capacidade curativa.

E mais:

Ginástica para ter seios durinhos.

Os milagres do óleo de bacalhau.

Como evitar gases.

Pratos "gordos" viram "magros".

As novas drogas contra a AIDS.

Saúde!

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

Dr. VÍDEO

A Saúde do seu Vídeo e Câmera

CENTRAL DE ATENDIMENTO

De segunda à Sábado tel.: (011) 581-4633

- PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS
- INFORMATIZAÇÃO
- CENTRAL DE ATENDIMENTO
- EQUIPE VOLANTE
- SEGURO DE EQUIPAMENTOS

Com nossa equipe de profissionais aliada a um sistema inteligente e rápido de retirada e entrega de equipamentos, damos a você a garantia do bom atendimento que procura, com garantia de um ano. Consulte-nos

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

Dr. VÍDEO

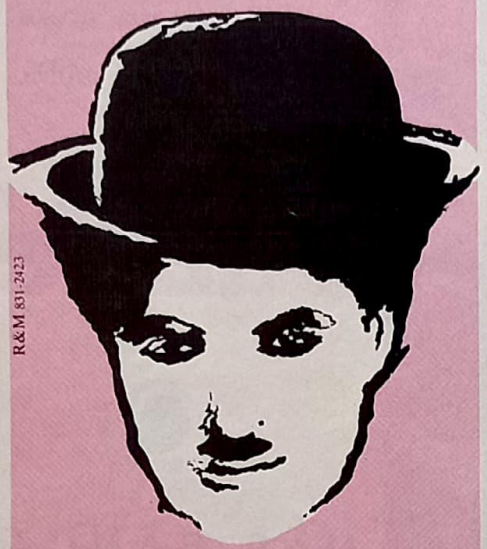
JARDINS: Av. Rebouças, 1678
MOEMA: Av. Rouxinol, 1056
LAPA: R. Clélia, 1131
SANTANA: R. Voluntários da Pátria, 1141

SAÚDE: R. General Chagas Santos, 195 - sobreloja
SÃO CAETANO DO SUL: Av. Goiás, 2347
SANTOS: Av. Vicente de Carvalho, 80 Gonzaga T. 31 8163

O maior ator de todos os tempos, está de volta.

CARLITOS
O REI DO RISO

nas comédias que são verdadeiras obras primas do cinema.



R&M 831-2423

CLASSICS FROM CHARLES CHAPLIN

Um filme que daqui a 100 anos ainda será lembrado com prazer e risadas...

um FURACÃO DE GARGALHADAS!

PROGRAMA I

- THE CHAMPION
- THE TRAMP
- OW WHAT NIGHT
- JITNEY DEVELOPMENT

Escrito, dirigido e produzido por CHARLES CHAPLIN.

Produzido originalmente em preto e branco.

Narrado e legendado em português.

AB Vídeo
Distribuição Exclusiva
AB INTERNACIONAL VIDEO LTDA.
Rua Traipu, 260 - casa 8
Perdizes - 01235 - São Paulo SP
Telefone: (011) 825-5599 - Telex: 1121014 ABVI-BR

CARTAS

"Brat pack"

Gostamos de SET, mas infelizmente a revista parece sofrer de um tipo de preconceito que consideramos imperdoável: a discriminação contra os jovens atores do chamado *brat pack*. Alguns desinformados podem achar que esses atores não passam de um grupo de rostinhos bonitinhos; no entanto, recomendamos a essas pessoas que assistam a pelo menos um dos filmes de River Phoenix, Matthew Broderick, Winnona Rider, Kiefer Sutherland e até mesmo Tom Cruise, que está surpreendente em *Nascido em 4 de Julho*. Assim sendo, não entendemos o porquê do boicote de SET, que não publica entrevistas e reportagens sobre os citados artistas.
Adriane Bosco dos Santos e mais nove assinaturas
(Rio de Janeiro — RJ)

Chuva Negra

Parabenizo SET pela excelente reportagem do filme *Chuva Negra* (n.º 11, ano 3) e pela entrevista com Michael Douglas.
Antonio Quirino Neto
(Campina Grande — PB)

Daryl Hannah

Adorei a entrevista com a atriz Daryl Hannah (n.º 1, ano 4). A partir de agora, bem que SET poderia dar mais espaço às atrizes jovens, como Sean Young, Debra Wringer, Andie MacDowell. Afinal de contas, nem só de nostalgia vivem os cinéfilos.
Luciana Mendes Gandelmar
(Rio de Janeiro — RJ)

Globo Vídeo

Gostaria de externar através de SET o meu protesto à distribuidora Globo Vídeo por ter lançado a versão em vídeo de *Amantes de Verão* com cortes. Sugiro que as distribuidoras pelo menos nos informem que se trata de uma versão censurada ou reduzida.
Jonas Eduardo Abboud
(Jundiaí — SP)

Matéria de Capa

É com grande satisfação que vejo o "new look" desta revista. Sem dúvida nenhuma ficou demais. Também ao ler a Matéria de Capa sobre os filmes deste verão, reconheço a inconfundível opinião sensata e irrepreensível dos críticos de SET.
Márcio Antônio Assumção
(Florianópolis — SC)

Parabenizo SET pela edição n.º 12, ano 3, pelas reportagens "A Guerra dos Efeitos Especiais", "Dez Filmes em Dez Anos" e "Dez Anos em Dez Filmes". Parabenizo também as reformulações feitas na revista, que sem dúvida está mais do que preparada para a nova década. Adorei o mais novo caderno de *Vídeo & Equipamentos*, e nele a reportagem de Antonio Querino Neto, "Deuses Astronautas"
Osias José da Silva Torres
(Manaus — AM)

Parabéns a Carlos Volpato pela matéria supercaprichada sobre o filme *Querida, Encolhi as Crianças* (n.º 1, ano 4). O que mais me chamou a atenção foram as explicações dos efeitos especiais.
Fúlvio Torres Flores
(São Paulo — SP)

Caçafantasmas

Achei vulgar o modo como foi feita a reportagem sobre o filme *Caçafantasmas II* (n.º 12, ano 3). É certo que este não é tão bom quanto o anterior, mas chamá-los de "quatro palhaços que perseguem almas e certas melecas penadas por Nova York" e "misturar piadas infames e efeitos visuais" além de outros insultos das páginas 29 a 31, e dizer que o filme "foi uma engraçadíssima patetada de ficção científica" foi demais.
Ana Amélia Prado
(São Paulo — SP)

Vídeo & Equipamentos

Sou cinéfilo e tenho o prazer de colecionar a revista SET. Contudo, há algumas falhas que encontro na revista atualmente. Na seção Em Cartaz os críticos limitam-se a contar o enredo dos filmes e salientar seus méritos, esquecendo-se muitas vezes dos defeitos; a cobertura dos festivais é simplesmente um caos. A seção há pouco introduzida, Vídeo & Equipamentos, não se destina a uma revista que lida com o cinema, mas com uma relacionada a vídeo, e é um tanto desinteressante. Talvez a maior falha esteja na seção Vídeo Lançamentos, pois as pessoas que escrevem as críticas (algumas delas) deveriam conhecer mais sobre o assunto que estão escrevendo, demonstrando uma total falta de conhecimento cinematográfico com suas "críticas estúpidas". Por fim, acho que deveria ser dado mais espaço à seção Cartas. Não pense contudo que desprezo a revista. Há o que se exaltar: as capas geniais, a seção Takes, a qualidade do papel, as entrevistas, as seções Mitos e Trilhas.
Leonardo Cunha Dentz
(Três Rios — RJ)

Quão infelizes soam as mudanças iniciadas na SET edição 30. Tornar a revista "mais leve e mais informativa", "textos mais breves e mais objetivos", cheira a resultados de folhetim propagandístico. Quando o "projeto gráfico" anterior adquiria maturidade, com uma

ótima diagramação e muito boa qualidade de textos, tornando a revista bastante agradável, eis que vocês incluem o caderno *Vídeo & Equipamentos* que, convenhamos, apesar de útil é extremamente chato. Melhor seria mantê-lo à parte, como antes, apenas expandindo sua distribuição para todo o país, preservando assim a principal atratividade da revista: sua dedicação exclusiva à literatura crítica e informativa de cinema e vídeo. Há que se destacar, no entanto, o espaço definitivo concedido à seção Tempos Modernos, às melhoras nas seções Takes (que perde o aspecto de classificados de fofocas), Vídeo Lançamentos com a inclusão do Destaque e Em Cartaz, com destaque para os títulos.
Fernando Dias Geraldo
(Ponte Nova — MG)

Parabenizo-os pela excelente qualidade de edição e conteúdo e também a anexação do caderno *Vídeo & Equipamentos* à revista, tornando-a mais completa e atrativa. Quero congratular Amir Labaki pela crítica primorosa, abrangente, perspicaz e poética a *Sociedade dos Poetas Mortos* (n.º 1, ano 4). Faço, no entanto, uma crítica às críticas aos filmes por serem exacerbadamente fascistas e até incoerentes em certos pontos, fazendo-nos sentir ofendidos mediante tamanho radicalismo. Incluo também a irregularidade com que têm sido distribuídas as "bolinhas" classificatórias, gerando ociosidade mediante a incompatibilidade entre bolinhas e críticas.
Kenio Cabral
(São Paulo — SP)

Leitor x Leitor

Sou pesquisador de cinema há mais de vinte anos e já li e colecionei as revistas internacionais de cinema importantes, como *Ciak* e *Première*, e acho que SET está à altura de todas estas revistas. Portanto, acho que isso me dá o direito de defender esta revista das críticas que o leitor Homero Batista da Silva fez na edição n.º 1, ano 4, principalmente porque ele cometeu erros, mostrando desinformação. Ele afirma que *Ran* nunca ganhou um Oscar. Engano seu, pois *Ran*, de Akira Kurosawa, ganhou o Oscar de figurino para Emi Wada em 1985.
Abdala A. Nader
(Presidente Prudente — SP)

Mundo do Cinema

Quero parabenizá-los pelo excelente trabalho que SET vem realizando nas críticas e comentários do nosso querido mundo do cinema.
Maria José Cetrone
(Votuporanga — SP)

Considero muito louváveis as críticas feitas aos recentes lançamentos do cinema e seus protagonistas, e muito impressionantes os comentários tecidos na retrospectiva (n.º 12, ano 3). No entanto, muito me admiro de SET não ter entrevistado Michael Biehn (o capitão Coffey em *O Segredo do Abismo*), já que este é o seu terceiro filme junto ao diretor James Cameron.
Sheila Denise Maurer
(Brasília — DF)

Quero fazer algumas críticas a SET. A reportagem sobre o filme *Batman* (n.º 9, ano 3) foi fraquíssima, mas quero parabenizar o mesmo Eugênio Bucci pela reportagem "Coração Desnudado" (n.º 10, ano 3). Protesto com o que se vem fazendo com a seção Mitos. Deborah Peleias não disse nada sobre Grace Kelly (n.º 1, ano 4). Por outro lado, parabenizo Amir Labaki pela ótima reportagem sobre o fenomenal Laurence Olivier (n.º 9, ano 3). Protesto contra o que Ana Maria Bahiana fez com *De Volta para o Futuro II* (n.º 12, ano 3). Também não concordo com o que SET fez com os filmes brasileiros lançados em 1989. É certo que o cinema brasileiro nunca foi bom, mas está dando provas de que está melhorando muito, como é o exemplo de *Que Bom Te Ver Viva* e *Faca de Dois Gumes*.
Leonardo / Fã-Clube do Cinema
(Fortaleza — CE)

Correio entre os Leitores

Quero me corresponder com quem possua uma filmoteca para troca de filmes. Troco também material de cinema, como pôsteres e revistas. Endereço: rua Curuá, 63, Penha — RJ (CEP 21020)
Marcos Paulo Dias

Vendo coleção de SET do n.º 1 até o 29, com exceção do n.º 8, ano 2. Endereço: Caixa Postal 274, Recife — PE (CEP 50001)
Marcelo Dias da Silva

Compro as trilhas sonoras originais dos filmes *Footlose*, *Os Embalos de Sábado Continuam*, *Absolute Beginners*, *Christiane F.* e *Nos Tempos da Brilhantina*. Compro também todo material disponível sobre David Bowie. Endereço: av. Nadir Dias Figueiredo, 1412, São Paulo — SP (CEP 02110)
Maria do Socorro Farias

Se você gravou o Oscar 86 (melhor filme *Platoon*) em vídeo e está disposto a vender, escreva-me. Endereço: rua Fumio Myasi, 197, Praia Grande — SP (CEP 11700)
Daniela Morato

Vendo livros biográficos de artistas de cinema e fichas xerocadas originais de filmes. Envio lista dos livros

CR TV
ELETRÔNICA

Não perca tempo nem dinheiro. Conheça agora mesmo os preços da 1.ª loja de acessórios para TV, Game, Vídeo da rua mais agitada do mundo.

LINHA ANTENA
- Antena Externa VHF e UHF.
- Antena Interna Latôa Cromado.
- Conversor de UHF.
- Acessórios para instalação.

DEPARTAMENTO DE INSTALAÇÃO

LINHA VÍDEO CASSETE
- Capas para todos os modelos.
- Cabos para vídeo-TV.
- Conecções para vídeo-TV.
- Fitas Verbatim VHS

LINHA VÍDEO GAME
- Cartucho com 4 jogos.
- Joystick Anatômico.
- Peças para reposição de Joystick.
- Vídeo Game.

- Suportes para TV e Vídeo.
- Mesa para TV e Vídeo (Rack)

ATACADO E VAREJO
Rua Santa Ifigênia - N.º 44
CEP 01207 Consulte-nos
TEL (011) 229-5877

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editores: Dilson P. Gomes (executivo), Alex Antunes, Carlos Volpato, Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
Auxiliar de Prod. Editorial: Marcelo de Castro
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Produção: Maria Amélia Azevedo
Diagramadores: Izaú Norbertino
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Atendimento ao Leitor: Lilian Araújo
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Jader de Oliveira (Londres), Adilson Nunes (Paris) e Celso Fioravante (Milão)
Colaboradores
Críticos: Amir Labaki, Antonio Querino Neto, Edmar Pereira, Inimá Simões, José Geraldo Couto, Luiz Nazário, Paulo Capuzzo
Texto: Angela Villarrubia, Cristina Maiello, Fátima Cesarino Costa, Jairo Tadeu Longhi, José Mojica Marins, Jorge Ariovaldo de Jesus, Márcia Regina Godoy, Marcos Smirkoff, Maria Doris Fleury, Moises Liporage, Roberto Cattani, Wagner Almeida Silva.
Arte: Marcelo Paton Viola
Fotografia: Carlos Mancini, Mauro Hollanda, Rui Mendes
Ilustração: Luiz Gustavo
Revisão e Preparação de Textos: Marcos D. Agathão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli
PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
Diretor - SP: Eduardo Rosa
Contatos: Iracema Marques Gil, Ricardo Mateoli, Maria do Carmo Barbosa.
Diretor - RJ: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Paulo Mesquita, Eduardo Barros
Produção Gráfica:
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: Print Sul (0512) 23-9528, (0482) 33-7622
Centro-Oeste: Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 — Brasília — DF
SP-2: Intermidia Repres. e Public. S/C Ltda. Fones: (016) 623-4262/623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Belo Horizonte: Flávia P. Bouchardet Fone: (031) 222-0121
Serviços Editoriais
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco C. Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Carlos Alberto Araújo Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, Caixa Postal 60081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282. Telex: (021) 22674. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Circulação desta revista: de 28 de abril a 28 de maio.
Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

e cópia de uma ficha na resposta. Endereço: rua do Rezende, 103/202, Rio de Janeiro — RJ (CEP 20231)
José Fernandes de Campos

Desejo me corresponder com pessoas que gostem de cinema, vídeo, música, literatura e da SET. Tenho vasto material sobre esses assuntos para troca. Endereço: rua Maria Luiza Reis, 90, casa 2, Duque de Caxias — RJ (CEP 25015)
Alexandre Correia de Lima

Se houver alguém tão ou mais apaixonado do que eu por cinema gostaria de conhecer seus pontos de vista. Não deixe de me escrever. Endereço: Caixa Postal 950, Vitória — ES (CEP 29001)
Maurilen de Paulo Cruz

Vendo coleção completa de SET incluindo as fichas de cine e vídeo — tenho três unidades de cada exemplar. Endereço: rua Gaspar Lemos, 325, Ipatinga — MG (CEP 35160)
Henrick Salles

Compro qualquer pôster de filmes dos gêneros aventura e ficção. Endereço: rua Custódio Correa, 35, apto. 404, Belo Horizonte — MG (CEP 30348)
Renato Andrade

Compro as fichas de cine e vídeo da edição n.º 3, ano 1, de SET. Endereço: rua Santos Dumont, 247, Esperança — PB (CEP 58135)
Adriano Charlison

Desejo me corresponder com admiradores da cantora e atriz Cher. Endereço: rua Domingos dos Anjos, 121, Três Rios — RJ (CEP 25800)
Leonardo Cunha Dintz

Possuo muitos cartazes de filmes terroríficos antigos e recentes, quase todos em bom estado de conservação. Por questão de espaço, troco-os por folhetos ou fotos de filmes de terror ou ficção científica. Endereço: Caixa Postal 115, Ouro Fino — MG (CEP 37570)
José Carlos de Paula

Compro, vendo e troco trilhas sonoras, fitas de vídeo seladas e livros de cinema. Endereço: Caixa Postal 4923, São Paulo — SP (CEP 01051)
Alcides Campos Filho

Troco correspondência com pessoas que curtam os atores Harrison Ford, Michael J. Fox, Paul Hogan e Jessica Lange. Endereço: rua Cônego Eugênio Leite, 505, São Paulo — SP (CEP 05414)
Alexandre Paschoal Éboli

Compro as trilhas sonoras de *Os Garotos Perdidos* e de *Alguém Muito Especial*. Endereço: rua Alfredo Chaves, 188, São Miguel do Iguaçu — PR (CEP 85880)
Dalila Zanette

Quero me corresponder com leitores que possuam material sobre Corey Haim, Debbie Gibson e Madonna. Endereço: rua Newton Prado, 168, Sorocaba — SP (CEP 18020)
Fábio de Oliveira

Possuo uma pequena biblioteca cinematográfica com várias reportagens, livros, recortes de jornais, revistas sobre cinema. Quem se interessar, escreva-me. Endereço: rua Francisco F. Motta Filho, 80, São Paulo — SP (CEP 04841)
Eliane Mendes

Fã-Clubes

Fa-clube Noite Alucinante. Trocamos informações. Endereço: rua Carvalinho, 253, Ijuí — RS (CEP 98700)
Paulo S. Santos

Fã-clube Marilyn Monroe, Anita Ekberg e Brigitte Bardot. Endereço: Caixa Postal 223, Natal — RN (CEP 59001)
Jorge e Ricardo

Sou fã incondicional da atriz Linda Blair *(O Exorcista)* e gostaria de obter o endereço de algum fã-clube no Brasil ou no exterior e de me corresponder com outros fãs. Endereço: rua Teopompo de Vasconcelos, 375, ap. 133, São José dos Campos — SP (CEP 12243)
Fábio Alvim Klein

Comunicamos que estamos fundando o fã-clube Naja-Stallone & Rutger Hauer. Trocamos e vendemos material. Endereço: avenida Anhangüera, 7385, Goiânia — GO (CEP 75520)
Nilton Carvalho

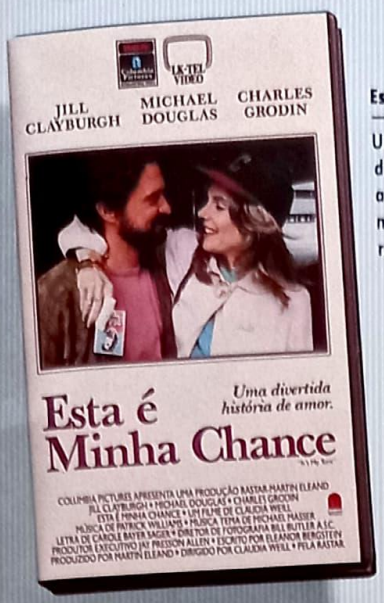
Errata

O título correto da matéria *Um Homem Inocente* em Em Cartaz (n.º 2, ano 4) é *A Revanche Final*.

O leitor José Carlos de Paula (Ouro Fino — MG) nos informou que o livro *Thinner*, de Stephen King, citado na matéria "Senhor Terror" (à página 281 da edição Especial de Terror e Ficção 27 T) foi publicado no Brasil pela editora Francisco Alves com o título *A Maldição do Cigano*.

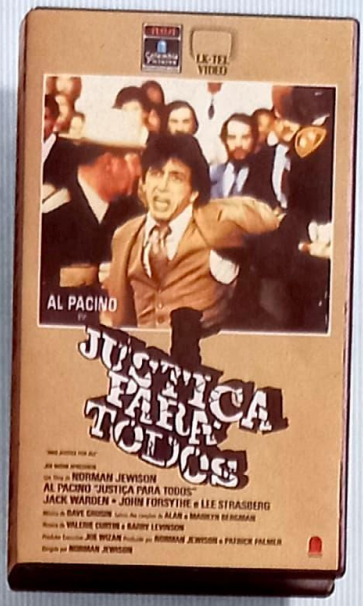
As distribuidoras dos videolançamentos *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos* e *O Destino Bate à sua Porta* (n.º 2, ano 4) são, respectivamente, Globo Vídeo e Herbert Richers.

Cartas para Diretor da SET, av. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.



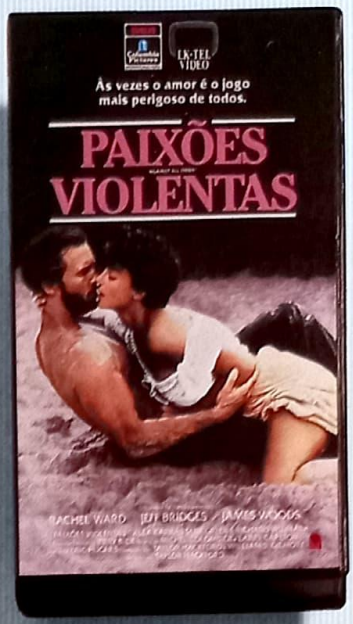
Esta é Minha Chance

Uma incomum e divertida história de amor de uma mulher moderna que procura um romance à moda antiga.



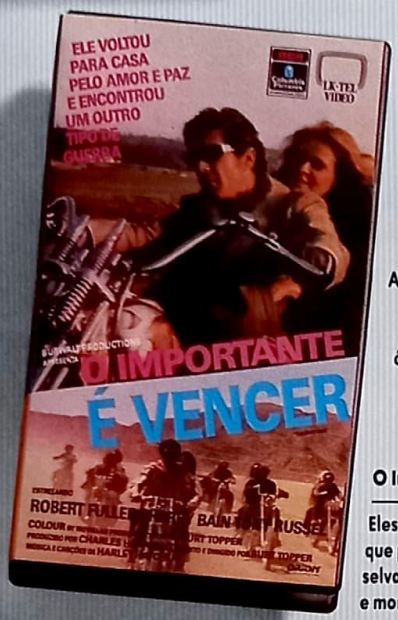
Justiça para todos

O quê um advogado pode fazer contra um sistema judicial apodrecido? Acompanhe Al Pacino nesta luta.



Paixões Violentas

Um elenco de primeiro time: Rachel Ward, Jeff Bridges e James Woods. Um filme sensual e eletrizante.

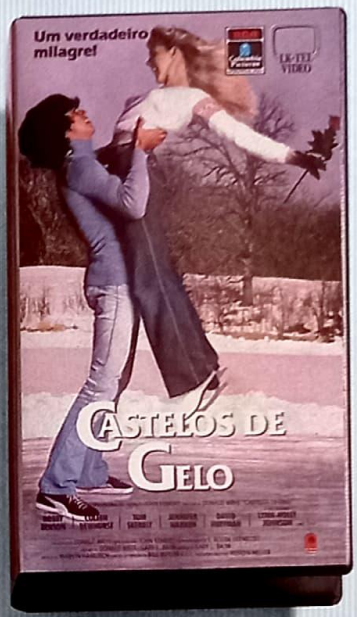


O Importante é Vencer

Eles eram motoqueiros que pilotavam selvagemente e viviam - e morriam - nas rápidas estradas da vida.

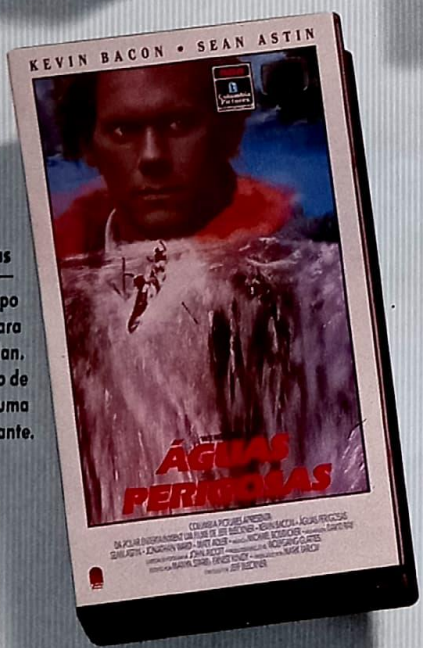
Comando 10 de Navarone

Aventura excepcional com Robert Shaw e Harrison Ford. Uma ótima dica para quem gosta de filmes de guerra.



Castelos de Gelo

A estória de uma patinadora e seu sucesso. A queda depois de um acidente e sua luta para dar a volta por cima.



Águas Perigosas

Aquelas férias no campo iriam marcar para sempre a vida de Alan. Kevin Bacon (o astro de "Footloose") numa aventura emocionante.

Escolha um bom programa.

Quem gosta de bons filmes já tem ótimos programas para fazer: aventura, romance, drama, guerra... Uma seleção especial da Columbia/LK-Tel para que a tela da sua televisão não fique nada a dever à melhor programação do cinema.

RCA Columbia Pictures INTERNATIONAL VIDEO

LK-TEL VIDEO

Rua Rosa e Silva, 211 · São Paulo Tel. (011) 825-5061 e 826-8357

A PRODUTORA PORTÁTIL

A GR-60U é sem dúvida a mais versátil videomovie do mercado, com incomparável qualidade de imagem, graças ao seu CCD (dispositivo de carga acoplado) de 360.000 pixels com resolução de mais de 400 linhas. Além das características já pertencentes a toda linha de equipamentos JVC, a GR-60U possui um poderoso zoom de 8X com duas velocidades de aproximação e sensibilidade de até 8 lux; possibilita sobrepor quatro imagens de títulos diferentes em sua gravação ao vivo, grava quadro a quadro, faz edição de áudio e revisão do material a ser editado. Tudo isso, num equipamento compacto com apenas 1,2 Kg, faz da GR-60U uma verdadeira produtora portátil.

videomovie GR-60U VHS C

À venda na Zona Franca de Manaus

GARANTIA 1 UM ANO

ITALIA'90

O vídeo oficial da Copa do Mundo 1990

JVC®

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE ATENDIMENTO: (011)815-9144